

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE: **A DUPLA ESTIGMATIZAÇÃO**

MESTRADO

CARLOS ALEXANDRE COSTA CORREIA

São Paulo

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE: A DUPLA ESTIGMATIZAÇÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. *Vera Lucia Valsecchi de Almeida.*

CARLOS ALEXANDRE COSTA CORREIA

São Paulo

2009

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processo fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura _____

Local _____ Data _____

DEDICATÓRIA

À minha mãe, meu padrasto, meus irmãos e meus sobrinhos que, ao chegarem durante este trabalho, trouxeram tanta alegria.

A minha avó que me ensinou o respeito e admiração aos idosos.

Ao meu companheiro Luis Carlos, por apoiar-me de maneira incondicional.

Obrigado a todos por serem a fonte onde busco motivação.

Ao meu, Avô João dos Santos (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

- Aos homens que participaram deste trabalho, compartilhando suas vidas.
- Ao meu informante por sua disponibilidade e gentileza.
- À Prof^a. Dr^a. Ivone Dias Avelino, por suas sugestões e por seu olhar sempre otimista e prestativo.
- Ao Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa, por suas leitura crítica e pelas sugestões que em muito enriqueceram este trabalho.
- À Cristina Cinat, pela amizade que nasceu durante as aulas e pelo apoio, sempre com uma palavra de reconhecimento e de motivação.
- À minha mãe, Maria Costa Correia, por ser uma guerreira. É orgulho para seus filhos. Lutadora desde o primeiro momento, nos ensinou os princípios da vida, sempre nos protegendo e nos amando.
- A meu padrasto que, com seu jeito de ser, nos incentivou a estudar, assumindo o papel de pai na nossa criação.
- À minha irmã Carla Dahayne, por seu amor, carinho e pelo seu apoio incondicional. Ao meu irmão, Cláudio Roberto, por sua presença e admiração.
- À minha amiga e irmã do coração Roseli Araújo, com quem trilhei, desde a nossa graduação, o caminho do conhecimento. Sempre recebi seu apoio e valiosas sugestões.

- À meu companheiro Luis Carlos, pelo seu amor, carinho e pela compreensão da minha ausência durante alguns finais de semanas, meses e anos.
- Raul e Isaura e família por seu apoio incondicional desde o primeiro momento em que cheguei a esta cidade.
- Aos colegas do Programa, pelas reflexões conjuntas, pelas críticas e pelas sugestões, além do apoio recebido.
- Às professoras Elizabeth Mercadante, Ruth G da Costa, Maria Helena Villas Bôas e todos os professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, pelo que contribuíram para a minha formação e para o entendimento do envelhecimento.
- À CAPES, pela bolsa recebida; sem ela, não seria possível realizar esta dissertação.
- Agradeço, em especial, à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Valsecchi de Almeida, por sua dedicação desde o primeiro momento em que a procurei, sempre prestativa e humilde. Durante esses anos percorri os duros caminhos da produção acadêmica sempre com suas orientações cercadas de carinho e estímulo; ressaltando minhas qualidades e buscando ajudar a superar as minhas dificuldades. Obrigado por ter me deixado livre para pensar.
- Enfim, a todos os que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para que eu pudesse realizar este trabalho.

Meus agradecimentos

RESUMO

Este trabalho trata da representação sobre velho e velhice através do olhar de homens homossexuais velhos. A questão do envelhecimento tem sido debatida em todo o mundo, por se trata de uma população em ascensão, dentre este contingente populacional encontra-se os homossexuais velhos.

O desenvolvimento desta pesquisa é apresentado pela análise e interpretação das representações do discurso de homens homossexuais velhos. Através de uma metodologia qualitativa.

A pesquisa busca conhecer um pouco deste universo dos homossexuais velhos, novos arranjos sociais, assim como também novas relações afetivas distintas do grupo heterossexual dominante na sociedade. Entender como o preconceito e o estigma em relação a grupo e descritos e analisados. Buscar compreender suas representações sobre velhice, família, orientação sexual de maneira a conhecer este grupo social.

A análise dos dados os depoimentos foram agrupados em categorias que são temas recorrentes no discurso dos sujeitos, e sua análise foi fundamentada nos teóricos.

Palavras chaves: *envelhecimento; homossexualidade masculina; velhice; orientação sexual.*

ABSTRACT

This paper deals with the representation of old age and by the look of older gay men. The issue of aging has been discussed around the world, for it is a population in adherence among this population quota is the gay old.

The development of this research is presented by analyzing and interpreting the representations of the speech of older gay men. Through a qualitative methodology.

The research seeks to know a little of this old world of homosexuals, new social arrangements, as well as new emotional relationships outside heterosexual dominant group in society. Understand how the prejudice and stigma in relation to group and described and analyzed. Seek to understand their offices on aging, family, sexual orientation in order to meet this social group.

The analysis of the data were grouped into categories testimonies that are recurring themes in the discourse of the subject, and his analysis was based on the theoretical.

Keywords: aging; male homosexuality, age, sexual orientation

INTRODUÇÃO

Falar de envelhecimento e velhice é tratar da beleza de nossa existência. Desde cedo estive ao lado de velhos – os meus avós maternos -; com eles aprendi a admirar e a respeitar os idosos. Diante de uma sociedade na qual o homem tem seu valor reduzido à sua produtividade, os velhos ficam em desvantagem. Os vínculos primários são deixados de lado; no lugar deles entram o estranhamento e a impessoalidade. Como os velhos não servem para a produção, vêm-se reduzidos à condição de um peso morto na sociedade.

A velhice e o envelhecimento ganharam espaço no Brasil há poucas décadas; e ganharam pelo aumento da expectativa de vida, pelo declínio das taxas de fecundidade e pela ação dos próprios idosos. Novos personagens entraram na cena social e investigações sobre a população idosa aumentaram significativamente.

Para reverter a desconfortável posição destinada aos idosos, o Estado tem promulgado políticas específicas, a exemplo do Estatuto do Idoso; dispositivo legal fundamental para o combate à violência e ao descaso para com as pessoas idosas, tanto nos âmbitos privado, como no público.

Não existe uma única forma de envelhecer, nem de ser velho. A velhice é perpassada por questões de classe, raça, religião, orientação sexual, gênero etc. Assim, não é possível se falar em uma velhice, mas de “velhices”, no plural.

O mercado, muito atento às mudanças na sociedade, logo percebeu que os idosos são um nicho de mercado a ser explorado; nicho retorno garantido.

Neste contexto, a Gerontologia – como ciência interdisciplinar - assume o papel crucial de desvelar os desafios e dilemas que envolvemos idosos. Através da comunhão de saberes produzidos em diferentes áreas do conhecimento, a gerontologia é importante para a elaboração e o planejamento de políticas para população idosa.

Assim como os velhos, outras minorias também estão às margens da sociedade, a exemplo dos homossexuais, que sofrem todos os tipos de preconceito.

A história da homossexualidade é entrecortada por incontáveis manifestações de violência, perseguições e resistências. Nas últimas décadas do século XX, os homossexuais assumiram o espaço público e quebraram o silêncio que imperava, empunhando bandeiras e exigindo o direito à orientação homossexual. As lutas empreendidas por estes novos atores sociais têm levado a sociedade a repensar seus valores e suas instituições. Porém, isto não significa que o preconceito e a violência deixaram de existir. Os estudos sobre homossexualidade têm sido difundidos em todas as universidades do mundo; no Brasil, já temos uma produção significativa sobre as interfaces que envolvem a homossexualidade. Entretanto, faltam investigação sobre a homossexualidade na velhice.

É nesta ausência que se situa a importância dessa dissertação. Afinal, os homossexuais velhos aumentam, mas que inexitem social e academicamente.

Os estudos sobre velhice não levam em consideração a questão da orientação sexual; parecem partir do pressuposto de que todos os idosos são heterossexuais.

Ao adentrarmos nesse universo, acreditamos estar contribuído para gerontologia, pois é fundamental investigar questões ainda inexploradas, como as relações afetivas e a orientação sexual na velhice.

Na contextualização e reflexão do tema utilizo autores situados em diferentes áreas do saber; autores que mais se aproximaram do objeto desta pesquisa.

O primeiro desafio encontrado foi à falta de trabalhos sobre o tema. Sendo assim, tivemos que partir do princípio e trabalhar partir de referenciais mais gerais.

Essa dissertação está centrada no binômio velhice e homossexualidade masculina.

Assim como um quadro, este trabalho foi construído por etapas; nele, a totalidade não tem sentido sem a singularidade das partes. Ele foi costurado como um fio que mantém uma ligação com todos os demais, tal como a vida humana.

As partes são:

CAPÍTULO I – VELHICE – as diferentes representações sobre a velhice e o velho, ontem e hoje; a população idosa no Brasil.

CAPÍTULO II – HOMOSSEXUALIDADE: Fragmentos históricos existências – compreensão da homossexualidade em diferentes épocas e contextos, preconceito e estigmas, lutas e conquistas.

CAPÍTULO III – HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE: Dilemas da vida – relação entre velhice e homossexualidade; idosos homossexuais na sociedade; dilemas enfrentados.

CAPÍTULO IV – A CIDADE E SEUS AGENTES – diversos locais, personagens e formas de ocupar e viver a cidade.

CAPÍTULO V – PESQUISA DE CAMPO - a opção metodológica, os caminhos percorridos, a análise e discussão dos dados coletados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – reflexão sobre como os homossexuais masculinos vivem sua velhice.

CAPITULO I

VELHICE

Grandes avanços, conquistas e descobertas em diversas áreas, a exemplo das Ciências Médicas, da saúde pública, do saneamento básico das Ciências da Computação entre outros, vem contribuindo, desde meados do Século XX, para a melhoria da qualidade de vida de muitas pessoas. No entanto, são muitas as pessoas que ainda, e infelizmente, deles permanecem distantes. São pessoas que vivem como se estivéssemos no século XIX. Parte destas encontra-se incluída na categoria “idosos”, categoria referida às pessoas com idade de 60 anos ou mais, no caso dos países em desenvolvimento. Este critério classificatório é adotado pela ONU, que estabelece a idade de 65 anos para países desenvolvidos e de 60 anos para países em desenvolvimento, nos quais a expectativa de vida é menor. Apesar disto, sabemos que a velhice não pode ser definida apenas de um ponto de vista cronológico; que ela envolve outras e significativas dimensões da existência, como a da cultura e o meio social.

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial; resulta da diminuição das taxas de natalidade e do aumento da expectativa de vida¹. No entanto, enquanto nos países desenvolvidos ele vem ocorrendo gradualmente, há mais de um século, há mais de um século nos países em desenvolvimento é um fenômeno mais recente, datando das três últimas décadas do século passado. Em ambos vêm impondo mudanças importantes na distribuição da população por grupos de idade (a chamada

¹ O conceito de “expectativa de vida” tem uma dupla dimensão: refere-se tanto à expectativa de vida ao nascer, como à expectativa de vida aos 60 (65 anos para os países desenvolvidos). A expectativa de vida ao nascer corresponde aos anos de vida esperados para um recém nascido, mantido o padrão de mortalidade existente; já a expectativa de vida os 60 anos diz respeito ao número e anos que um indivíduo pode esperar viver ao completar 60 anos mantido o padrão de mortalidade existente (Anuário Estatístico/ IBGE).

“pirâmide populacional”). Por outro lado e nos países desenvolvidos, o fato de o envelhecimento da população ocorrer de modo mais paulatino e de modo paralelo ao desenvolvimento econômico, tem permitido, nos mesmos, a implementação de políticas garantidoras do bem-estar daqueles que envelhecem ou já são idosos. Realidade muito diversa é observada nos países em desenvolvimento: o envelhecimento da população ocorre em quadros bastante adversos longe de conquistas sociais e econômicas significativas.

Assim, no caso do Brasil, os serviços são muito discretos; encontram-se em fase de definição e implementação. E isto mesmo diante da rápida transição demográfica e dos inúmeros estudos e levantamentos que testemunham o envelhecimento da população.

Reportagem publicada pelo jornal *Folha de São Paulo* em 1999², em comemoração ao ano internacional do idoso, trazia o seguinte alerta, *o Brasil tem 13,5 milhões de idosos 8,6% da população; em 2050 terá 56 milhões, 24% da população prevista*. Além e expressivos, esses números devem servir como alerta para a sociedade brasileira. Segundo dados do Pnad/2007, a população constituída por pessoas e 60 anos ou mais da idade era superior a 19 milhões, o que correspondia a 10,2% da população total (IBGE; 2008). Atentar para as demandas e necessidades destes idosos é tarefa que não pode ficar a mercê da burocracia e de políticas que, exemplares em seus ditames, não se transformam, com rapidez desejada, em realidade. Um exemplo é o Estatuto do Idoso, em vigor desde 01 de Janeiro de 2004.

O processo de envelhecimento envolve uma série de fatores, além de provocar mudanças significativas na vida das pessoas, tanto no plano da saúde, como nos planos sociais, culturais e existenciais.

² O jornal *Folha de São Paulo*, de 26 de setembro de 1999, destinou um Caderno Especial tratando da questão do idoso intitulado “*mais velhos*”. Quase dez anos depois, em 15 de Março de 2008, o mesmo jornal publicou outro Caderno Especial: “*O Velho Novo*”.

Há que considerar, também, que a população idosa não constitui um segmento homogêneo; pelo contrário. As diferenças significativas em termos de sexo, escolaridade, nível sócio-econômico, saúde/doença e situação familiar (entre outros), a velhice e a longevidade-expressa pelo número de anos vividos na condição de idoso têm levado os demógrafos a dividir os idosos em dois subgrupos: “*idosos*” (60 a 74 anos) e “*mais idosos*” (75 anos ou mais de idade). Cabe sublinhar que a corte dos “*mais idosos*” é a que vem apresentando maior crescimento em nosso País.

Desse contingente populacional podemos diferenciar os que possuem recursos para enfrentar as adversidades da velhice e os que não possuem tais recursos, principalmente os financeiros. Em uma sociedade em que prestígio e poder são intermediados pelo dinheiro, no qual as relações estabelecidas pelos indivíduos são negociadas como mercadorias, os que possuem recursos estão em patamar acima, podendo usufruir, em melhores condições, dos mecanismos existentes para enfrentar a velhice. Os demais, que vivem de parcas aposentadorias ou de benefícios assistenciais não contributivos, a exemplo do BPC³, vivem à míngua e a mercê do constrangimento.

É importante enfatizar que nem todas as velhices são iguais; que além da idade há outras variáveis que devem ser consideradas, tais como a raça, a classe social, o gênero. Essas diferenças dão uma conotação singular para velhice.

Mesmo com todos os avanços tecnológicos, uma grande parcela de idosos encontra-se distantes de desse recurso. No entanto poderíamos dizer que muitos idosos continuam sendo no Brasil, mão de obra ativa, já que continuam a trabalhar mesmo depois de estarem aposentados. Fazem-no não como uma opção ou hobby, mas como uma necessidade (Almeida, 2005). Claro que existem certas profissões que “livram” as pessoas de

³ BPC: Benefício da Prestação Continuada, em vigor desde 1994 em substituição a Renda Mensal Vitalícia.

determinação do momento de parar, como é o caso de advogados, médicos, etc. Mas são profissões que não estão ao alcance de todos.

As pessoas continuam ativas; só param de trabalhar quando o corpo não mais atende aos seus comandos. Se assim não for com iriam viver? Isto coloca em questão o próprio termo “velho”:

(...) A diferenciação das velhices individuais ainda tem outras causas: saúde, família etc. São, entretanto, duas categorias de velhos, uma extremamente ampla e outra restrita à pequena minoria, e criados pela oposição de exploradores e explorados. Qualquer alegação que pretenda referir-se à velhice em geral deve ser recusada, visto constituir uma tentativa no sentido de mascarar este hiato. (Beauvoir; 1970, p. 70.).

O ser humano não é apenas um corpo; assim, a velhice não se esgota no plano biológico. Para além deste plano, a condição de idoso encontra-se “atravessada” por questões sociais, culturais, econômicas e existenciais. Cumpre, pois, romper com o paradigma que associa velhice a corpo e doença; cumpre analisar a sociedade e as relações que se estabelecem entre os indivíduos, suas representações, valores que norteia a sociedade e, principalmente, como ela trata os seus velhos.

No Brasil, os estudos sobre velhice e o envelhecimento são bastante recentes, datando das últimas décadas do século XX. Como área de investigação e de ação a velhice vêm ganhando espaço nas últimas décadas; espaço não restrito às ciências médicas, mas a várias áreas do conhecimento.

Assunto até então restrito ao âmbito privado (casa, família, instituições), invade a esfera pública. Na atualidade, são muitos os que se debruçam sobre a velhice e o envelhecimento. Paralelamente, a velhice está ganhando visibilidade. Mas cabe indagar: o que tem levado tantas pessoas a se preocupar com esse momento da vida? Seria o prolongamento da vida, a

redução da mortalidade, os avanços da medicina e, principalmente, as conquistas sociais? Estes elementos são apontados como responsáveis na reconfiguração da velhice. Os velhos tornam-se novos agentes sociais; conseqüentemente, novas necessidades tiveram que ser atendidas.

Quando jovens, as pessoas não pensam e não se preparam pra a velhice. Paradoxalmente, queremos a longevidade, mas sem envelhecer. Hoje, viver mais de cem anos, porém a qualidade deste prolongamento é questionável.

A geriatria e a gerontologia são a expressão máxima da importância desta categoria social. A geriatria – ramo da medicina que cuida dos idosos – só se consagrou como especialidade no século XX. No Brasil, a primeira sociedade de geriatria foi criada em 1961. Foi somente em 1978 que ela se abriu para os gerontólogos. Criou-se, então, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). Apesar disto, foi somente nos anos oitenta, do século XX, que a velhice começou a ganhar importância acadêmica (Almeida, 2005).

Segundo Debert (2004) esses estudos assumiram o papel de trazer a público um problema que estava nos porões do esquecimento; a autora afirma que o discurso dos especialistas era pontual e baseado no crescimento demográfico, que estaria associado a novas demandas e ao aumento dos gastos públicos. Critica o capitalismo como responsável por negar uma existência favorável ao velho, sendo este abandonado pelo Estado e pela sociedade. Outro fator seria a cultura brasileira que não valoriza o velho, suas tradições; é uma sociedade voltada para o que vem de fora, para aquilo que é suas tradições; é uma sociedade voltada para o que vem de fora, para aquilo que é novidade. Por fim, um Estado que não oferece assistência para idosos. Esses quatro elementos retratam uma velhice sofrida. O idoso permanece uma vítima dessa realidade.

No entanto, esta visão sobre o velho continua distante da realidade, pois se trata de uma categoria heterogênea e que não vive na inércia da

existência, mas busca novas formas de viver e de construir experiências. Cabe aos profissionais e estudiosos construir um saber que esteja “*atenado*” com a realidade dos indivíduos e suas individualidades, tornando essa categoria não um problema social, nem tão pouco negando a velhice Debert (1997), mas vendo-a como uma questão social.⁴

Almeida (2005) lembra que o fato de envelhecer não significa parar de sonhar e de buscar novos projetos de vida; afirma que o velho tem à sua frente um mundo de possibilidades; mas que a realização vai depender tanto do indivíduo, como da realidade em que está inserido. O envelhecimento e a velhice não são questões apenas individuais e de escolhas pessoais, mas de uma relação intrínseca entre sujeito e realidade social.

Sem negar o fato de que a velhice representa um aumento de dificuldades, há que se considerar que muitas das capacidades humanas dependem de constante exercitação para permanecerem vivas e atuantes; dependem, também, da possibilidade de se alimentarem de projetos, por mais discretos que sejam.
(Almeida, 2005, p. 14)

Cícero, em sua obra clássica *Saber Envelhecer*, nos mostra uma velhice nobre, onde existem cores. Há mudanças negativas, como os declínios biológicos, mas há, também, pontos positivos. Para o filósofo grego, o mais importante é tratar a velhice pelo seu aspecto positivo.

Os que negam à velhice a capacidade de tomar parte dos assuntos públicos não provam nada, portanto. É como se dissessem que, num barco, o piloto repousa tranquilamente sentado na popa, apoiado ao timão, enquanto os outros escalam os mastros, se ocupam sobre o convés ou esvaziam a latrina. Em verdade, se a

⁴ Por “questão social” entendemos, conforme definição de Castel, “uma aporia fundamental, uma dificuldade central, a partir da qual uma sociedade se interroga sobre sua coesão e tenta conjurar o risco de sua fratura” (1997; p. 164)

velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas o contrário, pode muito especialmente se valer. (Cícero; 2006, p18).

Muitos idosos vêm à velhice como algo negativo; tanto que a velhice remete sempre ao outro: o velho é sempre o outro (Lopes, 2000). Esta pode ser uma maneira de manter-se distante daquilo que não é bem visto socialmente. Os estudos com idosos (Patrocínio & Cobn, 2005) têm demonstrado que a velhice está associada à morte, às mudanças físicas, a um estado de espírito e doença. Os estudos que atestam possibilidades de uma melhor qualidade e vida ainda não têm refletido no imaginário das pessoas, permanecendo uma imagem depreciativa e negada por muitos através de um discurso que nega essa etapa da vida.

Sendo assim, podemos dizer que “*velhice*” e “*velho*” são assuntos constrangedores numa sociedade em que a mudança é o princípio da sua funcionalidade, não havendo espaço para o velho enquanto indivíduo dotado de individualidade e subjetividade. Este deve se adequar aos novos tempos e buscar a eterna juventude.

Para Debert:

A suposição de que a boa aparência é igual o bem-estar, de que aqueles que conservam seus corpos através de dietas, exercícios e outros cuidados viverão mais, demanda de cada indivíduo uma boa quantidade de “hedonismo calculado”, encorajando a autovigilância da saúde corporal e da boa aparência (...) nesse processo, a juventude perde conexão com um grupo estágio específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas. (2004, p.21).

As representações que os idosos têm da velhice são variadas. Segundo Souza e Cerqueira (2005), a compreensão do imaginário da velhice extrapola os traços positivos e negativos se evidenciam em subcategorias. Porém, como bem lembra, se velho e velhice são termos cercados de conotação negativa, a palavra “*idoso*” soa mais “*respeitosa*”.

O trabalho de Kertzman e Trench (2005) aponta para uma diferença entre a experiência individual e a experiência social, sendo primeira menos “*dramática*”. As dificuldades se apresentam mais nas relações intergeracionais e sociais. Isto reafirma que a questão da velhice é social; que é necessário estabelecer novos modelos de velhice que não estejam associados à decrepitude, à tristeza, ao abandono, mas que considerem o indivíduo como um todo.

O que talvez precise mudar seja maneira de compreender a vida. Em uma sociedade balizada pelos princípios da produtividade, da agilidade e da homogenização, o velho não encontra lugar.

Nesse modelo de sociedade, a valorização de juventude encobre e mascara a velhice; busca-se criar nomenclaturas que descaracterizem a velhice, entendida como algo negativo. Más é preciso lembrar que não existe apenas uma velhice, mas várias; que ela não é algo homogêneo, devendo ser levado em consideração à subjetividade e a individualidade de cada sujeito. Todos estão sujeitos às mudanças que o envelhecimento provoca, principalmente no corpo; entretanto; alguns conseguem “lidar” com estas mudanças através de tratamentos e serviços que reduzem as marcas do envelhecimento e, dessa maneira, conseguem fugir, mesmo que temporariamente, das marcas do tempo.

Segundo Debert (1997) a construção da imagem do velho como um ser desfavorecido e frágil é patrocinada por especialistas que continuam a tratar essa categoria pelo viés pessimista, reiterando a ideologia dominante sobre a velhice. Debert (1997) lembra que a idéia de que a velhice se

constituía em uma etapa de prestígio é relativa, pois estava vinculada a uma posição social e de poder, sendo assim e era restrita a alguns indivíduos.

As novas imagens do envelhecimento e as formas contemporâneas de gestão da velhice no contexto brasileiro como mostrarão a seguir, são ativas na revisão dos estereótipos pelos quais as etapas mais avançadas da vida são tratadas. Essas imagens também oferecem um quadro mais positivo do envelhecimento, que passa a ser concebido como uma experiência heterogênea em que a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais nesse estágio da vida, são redefinidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer idade. Elas possibilitaram, ainda, a abertura de espaços para que novas experiências pudessem ser vividas coletivamente. (1977, p.43)

Beauvior define velhice de maneira muito especial, pois nos coloca como sujeitos viventes de um mesmo processo. O envelhecimento é algo vivenciado por todos, desde o nascimento último suspiro. Para ela,

a velhice não é um fato estático: é o término e o prolongamento de um processo. (...) ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar. (1970, p.15).

Porém, é negado ao velho o direito de sonhar e desejar. Se ele quiser, tem que lutar e conquistar esse lugar:

Os velhos provocam escândalos quando manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens; o amor e o ciúme, neles, parecem ridículos ou odiosos, a sexualidade é repugnante, a violência

*derrisória*⁵. Têm obrigação de dar exemplo e todas as virtudes. Acima de tudo, deles se exige serenidade: afirma-se que a possuem e isto autoriza um desinteresse pelo infortúnio. A imagem sublimada que de si mesmos lhes é proposta apresenta-os como sábios aureolados de cabelos brancos, dotados de rica experiência, veneráveis, pairando muito acima da condição humana; decaem quando fogem a esta imagem: a que se lhe opões é do velho doido, caduco e gagá, objeto e mofa por parte das crianças. Seja como for, que por virtude, quer por sua abjeção, eles se situam fora da humanidade. Pode-se, portanto, sem o menor escrúpulo, negar-lhes mínimo considerado necessário a uma vida de homem. (Beauvoir, 1970, p.8)

Na busca de se redefinir uma imagem positiva do envelhecimento, a palavra velho é vista como um agregador de preconceitos; novas terminologias emergem no cenário: idosos, terceira idade, melhor idade. Cada uma com grande variedade de significados e representações. Mas reina ainda o paradigma de que ser velho é sinônimo de inatividade, solidão e espera da morte.

A formulação de novas formas de se referir aos velhos foi impulsionada pela ampliação da categoria aposentadoria. Em pesquisa realizada com idosos franceses, Peixoto (1998) lembra que a aposentadoria é um momento importante de mudança na situação dos velhos; ela; possibilita uma melhoria nas condições de vida e de um status social reconhecido. No entanto, esta nova categoria abrigava ma homogeneização, pois colocava todos os indivíduos aposentados como velhos e idosos, sendo que muitos que se aposentavam não estavam dentro de conceito.

Faz-se então necessário criar um novo vocabulário para designar mais respeitosamente a representação de jovens aposentados, surgem à “terceira idade”. Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a

⁵ Segundo o dicionário Michaelis: adj (lat. Derisoriu), que provoca o riso, irrisório, ato de zombar, objeto de escárnio.

terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a pratica de novas atividades sob o signo do dinamismo. (Peixoto, 1998, p. 76 – Grifo nosso).

A terceira idade ocupou o espaço público e tem provocado mudanças sociais significativas. Cabe ressaltar sua presença tanto no setor privado, quanto no setor público. Em ambos, observam-se programas que buscam atender as necessidades desse público através de serviços de saúde, educacionais, culturais e políticas, etc. Um dos pioneiros nesses projetos foi SESC, que implantou uma série de atividades voltadas para esse segmento.

Por entender ser ele o mais adequado para desvelar um aspecto do humano tão bonito e ao mesmo tempo tão temido, o termo usado neste trabalho é “velho”.

A palavra “velho” era usada na França, em referência as pessoas de idade e pobres.

*Esse recorte social da população de mais de 60 anos foi acompanhado de locuções diferenciadas para tratar cada grupo de pessoas da mesma idade: designava-se mais correntemente como velho (**vieux**) ou velhote (**vieillard**) os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto os que possuíam eram em geral designados como idosos (**personne âgée**). Mas é preciso assinalar que no século XVIII, o termo **vieillard** não possuía uma conotação fortemente pejorativa, ele designava também os velhos abastados, cuja imagem estava associada a “bom cidadão”, “bom pai”, etc. (Peixoto, 1998; p. 71; grifos nossos).*

Essa reflexão é fundamental para estabelecermos o caminho a ser percorrido. Emprego o termo “velho” por entender que ele atende às necessidades deste estudo, visto que se trata de um objeto que está inserido em uma variedade de preconceitos e uma desvalorização social.

O que tornou a velhice um problema social forma, sobretudo as conseqüências econômicas, que afetaram tanto as estruturas financeiras das empresas e posteriormente do Estado, com advento da aposentadoria, quanto às estruturas familiares, que até então arcavam com os custos de seus velhos, incapacitados para sustentar a si mesmos. A transferência desse encargo para outra instância afetou sensivelmente as relações entre as gerações nas diferentes classes sociais (Peixoto, 1998; p. 70).

Para Ecléa Bosi (2004), a sociedade moderna não reserva um espaço para os velhos. O velho tornar - se um peso social, pois não tem mais um valor produtivo. Conforme envelhece, sua capacidade de produção diminui e, assim, é afastado do trabalho, tornando-se um aposentado, um inativo. Assim, sujeitos que outrora eram uma referência no sustento familiar e no comando da família passam, em muitos casos, a ser um peso para família, para o Estado e para a sociedade. Como afirma Néri, (...) *a sociedade moderna não prevê um papel específico ou uma atividade para os velhos abandonado-os a uma existência sem significado.* (1999; p. 42).

A este título, Beauvoir afirma:

A economia baseia-se no lucro, é praticamente a ele que está subordinada toda a civilização: o material humano só desperta interesse na medida em que pode ser produtivo. É, em seguida, rejeitado. (Beauvoir, 1970, p. 11).

Para muitos, o papel dos idosos na sociedade resume-se em ser “memorialista”. São eles os guardiões do passado. Em muitas sociedades tradicionais, o velho tem o papel social de orientar os mais jovens e manter vivos a tradição e o conhecimento de seu povo. Bosi (2004), quando trata da lembrança, busca referências em Halbwachs. Demonstra o quanto a

memória é fundamental para manutenção dos grupos e indivíduos, sendo estas lembranças uma reconstrução e reformulação do passado, imbuídas em uma relação entre o individual e o coletivo:

Se lembramos, é porque os outros, a situação presente nos faz lembrar: o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos ou outros homens, no-las provocam” (Bosi; 2004 p. 54).

Bosi continua:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal foi”, é que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (Bosi, 2004 p. 55)

Sendo a memória o resgate não do passado como foi, mas uma re-elaboração a partir do presente, o velho não é o sujeito do passado e sim mais um, entre tantos, a compor o presente de maneira proativa.

Para Bosi (2004), esta categoria social é desvalorizada na sociedade industrial; nesta sociedade, o tempo é veloz e passageiro. Tudo está em constante mudança; o passado é desqualificado e o “*agora*” é a força motriz que movimenta a sociedade rumo ao futuro. Em uma sociedade em que o trabalho é o que fornece a identidade, é ele que confere, aos sujeitos, o sentido da vida. Assim, quando afastadas das suas atividades produtivas, parte delas fica sem aquilo que as tornavam pessoas.

Bosi lembra:

Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro? Cuidados geriátricos não devolvem a saúde física NE mental. A abolição dos asilos e a construção de casas descentes para a velhice, não segregadas do mundo ativo, seria um passo a frente. Mas, haveria que sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna. Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvior: Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem. (2004, p. 81)

Seguindo nesta mesma linha de análise, Almeida nos fornece uma reflexão contundente sobre a questão da temporalidade na modernidade, sendo um momento de mudanças rápidas e fugazes; na modernidade, o passado não encontra espaço e, conseqüentemente, nega a possibilidade de lembrar. Assim, o velho perde significado e importância enquanto reduto de lembranças e tradição:

(...) A partir de meados do século XIX os relógios migraram das torres das igrejas e dos prédios para o bolso das calças e, posteriormente, para os pulsos dos homens e mulheres. Na atualidade, tudo leva a crer que esses objetos, cada vez mais precisos na função de marcar o tempo, encontram um novo lócus: a interioridade dos indivíduos. (s/d; p.9)⁶

Parcela significativa dos velhos brasileiros sobrevive com um salário mínimo proveniente de aposentadoria. Com este valor procuram, muitas vezes sem existir, custear todos os seus gastos.

⁶ Anotações de aula dada na disciplina “Estado e Envelhecimento”, cursada no 1º semestre de 2006.

A maneira como os indivíduos constroem seus futuros é permeada da esperança de desfrutar dias melhores, de poder descansar e, assim poder desfrutar da vida e a tão sonhada liberdade de viver. Entretanto, para muitos este sonho não se torna realidade, dado que suas condições de vida tendem a ficar mais difíceis.

Beauvior nos lembra:

Afirmam-nos que a aposentadoria constitui a época da liberdade dos lazeres; poetas têm enaltecido as delícias do porto. Mentiras deslavadas. A sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um padrão de vida tão miserável que a expressão “velha e pobre” quase chega a ser pleonasma; vice-versa, a maior parte dos indigentes é constituída de velhos. (Beauvoir, 1970, p. 11)

Nestes últimos anos, a sociedade brasileira tem se dedicado com afinco às questões da população idosa. As garantias sociais ressaltam o avanço que foi o Estatuto do Idoso, uma conquista realizada pelos velhos desse Brasil através de ações e cobranças frente ao Estado. Mas há muito a ser conquistado. Essa mobilização tem gerado melhorias significativas, pois tem havido uma presença, mas efetiva dos idosos nos espaços públicos, com a criação de espaços de trocas sociais e afetivas. Os idosos têm se organizado para fazer valer todo o corpus jurídico existente, a exemplo, como já mencionado, do Estatuto do Idoso⁷.

A saúde é um dos aspectos, mas afetados no processo de envelhecimento; muitas doenças crônicas aparecem e as limitações do corpo se intensificam, tornando o idoso um peso para os outros, pois não tem mais a tão valorizada agilidade de outrora.

⁷ Lei n 10.741. Aprovado em 01 de outubro de 2003, o Estatuto do Idoso entrou em vigor em 1 de Janeiro de 2004. Em que pese sua regulamentação e vigência, muitos artigos do EI ainda encontram-se à espera de efetivação.

Uma das figuras importantes para as pessoas idosas é o “*cuidador*”. Karsch (2004) realizou um estudo sobre o suporte domiciliar aos adultos dependentes e o perfil do cuidador principal. Neste trabalho constatou que a maioria dos cuidadores eram pessoas idosas e do sexo feminino. Ou seja: é o idoso cuidando do idoso.

As mulheres são os principais cuidadores, assumindo uma grande responsabilidade e uma carga de trabalho muito intensa. Por ser mulher, fica com essa obrigação. Assumem, muitas vezes, cuidar do marido, da mãe ou do sogro, além de desempenhar outros papéis de carga muito grande. Muitas destas cuidadoras não recebem nenhuma orientação técnica para atender a essas pessoas. No estudo realizado, os “*pacientes*” eram pessoas que tiveram acidente vascular cerebral (AVC). Como lembra Karsch:

No atual quadro precário e insuficiente dos serviços do sistema brasileiro de saúde, constata-se que os velhos dependentes sobrevivem com poucos recursos pessoais e sociais. Longe do atendimento institucional, entretanto, encontram-se familiares, amigos e grupos religiosos, ou seja, formas de ajuda não visíveis de imediato, mas presentes nas dificuldades cotidianas, cumprindo o difícil papel de tecer rede de cuidados, muitas vezes improvisados, que fornece algum suporte aquela cuja gravidade de dependência exige que estejam sob responsabilidade de outra pessoa. (2004; p. 25)

As principais doenças (Lopes; 2000) que afetam os idosos são: doenças cerebrovasculares, isquêmica do coração, neoplasmas malignos, doenças de circulação pulmonar, do coração e do aparelho respiratório, sendo que os homens sofrem mais as neoplasias e outras doenças do aparelho respiratório.

Hoje tem se difundido a preocupação com a qualidade de vida, Para isso, estimula-se o idoso a praticar esporte e a ter uma vida ativa para poder manter uma saúde boa. A noção de qualidade de vida não pressupõe a

ausência de doenças. Mas isto não exclui a necessidade de profissionais qualificados e adequados para atender a esse segmento da sociedade; profissionais que prestem um serviço multidisciplinar, pois é necessário um cuidado tanto biológico, como psicológico e espiritual.

Os espaços de socialização dos velhos têm crescido muito, principalmente um amplo mercado direcionado para esse novo público conhecido com a terceira idade. Os bailes, os passeios e as universidades da terceira idade, entre outros, são espaços de sociabilidade e de reconfiguração de imagem da velhice. As pessoas constituem outros espaços e constroem laços sociais

Lugar de repetição e da continuidade, da construção da individualidade, da rede de afeto, além do seu sentimento de pertencimento, a construção da identidade do sujeito passa pelo núcleo familiar.

Alves (2004) pontua que dois modelos da família são predominantes nas sociedades moderno-contemporâneas. O primeiro é o da "*família patriarcal*"; o segundo, da "*família conjugal moderna*". Nesse último, a característica é o individualismo e o princípio de igualdade. Esse novo formato de família pode ser percebido quando constatamos que uma grande quantidade de idosos mora em residências unipessoais.

A família é uma instituição importante na vida dos indivíduos. Como instituição, tem passado por muitas mudanças nas últimas décadas, principalmente com relação ao papel do idoso. Pesquisas têm demonstrado que muitas famílias sobrevivem apenas com a aposentadoria dos idosos. Mesmo sendo uma fonte de renda para a família, isto não significa que o idoso será integrado a família com um membro. Há casos em que os filhos e parentes relegam o velho ao isolamento. Porém, muitos idosos vivem sozinhos, enquanto outros nem construíram famílias consangüíneas, mas desenvolvem novos arranjos familiares.

Segundo Camarano:

É crescente a proporção de idosos vivendo sozinhos, tanto homens quanto mulheres, conforme mostra o Gráfico 2. É comum pensar que a industrialização e a urbanização destroem a segurança econômica e as relações estreitas entre as gerações na família. No entanto, pesquisas recentes têm mostrado que a universalização da Seguridade Social, as melhorias nas condições de saúde e outros avanços tecnológicos, tais como nos meios de comunicação, elevadores, automóveis, entre outros, podem estar sugerindo que viver só, para os idosos, representa mais formas inovadoras e bem-sucedidas de envelhecimento do que de abandono, descaso e ou solidão (...). Viver só pode ser um estágio temporário do ciclo de vida e pode ser um estágio temporário do ciclo de vida e pode estar refletindo preferências. Na verdade, a proximidade geográfica nem sempre pode ser traduzida por uma maior frequência de contato com filhos ou netos. (Camarano, 2002, p. 7).

Além desta constatação tem se observado que idoso inserido na família tem assumido um papel fundamental na sustentação da mesma. A aposentadoria representa o único recurso de muitas famílias, principalmente por se constatar uma exclusão acentuada dos jovens do mercado de trabalho, cabendo aos pais a sustentação dos filhos mesmo depois de casados (Camarano, 2002).

Outro aspecto presente na vida das pessoas idosas é a questão da violência. Segundo Minayo

No Brasil hoje, as violências e os acidentes constituem 3,5 % dos óbitos de pessoas idosas, ocupando o sexto lugar na mortalidade, depois das doenças do aparelho circulatório, das neoplasias, das enfermidades respiratórias, digestivas e endócrinas. Morrem cerca de 13.000 idosos por acidentes e violências por anos, significando, por dia, uma média de 35 óbitos, dos quais (66%) são homens e (34%), de mulheres. (2003; p. 20)

Este fato é preocupante, visto que mesmo depois do Estatuto do Idoso ainda há uma lentidão e uma burocratização na resolução dessas violências. O que mais assusta é o fato de que na maioria dos casos o agressor é alguém do convívio do idoso.

(...) o fato de os idosos viverem com os filhos não é garantia da presença do respeito e prestígio nem da ausência de maus-tratos. As denúncias de violência física contra idosos aparecem nos casos em que diferentes gerações convivem na mesma unidade doméstica. (Debert, 2004, p. 83)

Isto só confirma que o convívio com a família não é garantia de uma velhice longe da solidão ou da violência; nem que filhos e netos serão atenciosos com seus velhos.

É necessário que a auto-estima do velho seja fortalecida para que ele busque os direitos e para que os órgãos competentes, juntamente com a sociedade civil, inibam esses fatos de maneira rápida e eficaz.

Mas o envelhecer e até mesmo os seus sabores e dissabores são vivenciados diferentemente por homens e mulheres. Aqui a questão do gênero deve ser considerada. Quando olhamos para as estatísticas, as mulheres estão na frente em relação à longevidade e à saúde; elas cuidam mais que os homens (Lopes, 2000).

Camarano (2002) afirma que está havendo uma “*feminização da velhice*”. Isto se deve à maior esperança de vida das mulheres ao nascer e aos sessenta anos; porém, quando o assunto é o mercado de trabalho e a chefia da família, os homens são maioria. Se desconsiderarmos este fato, corremos o risco de não tornar inteligíveis as singularidades próprias de cada gênero.

Um dos aspectos vivenciados diferentemente por cada gênero é a sexualidade. Este aspecto sempre foi tratado e estimulado de maneira a privilegiar os homens, enquanto as mulheres estiveram, durante muito tempo, restritas à função de procriação. A elas é negado o direito sobre o seu corpo e sobre os seus desejos.

Como afirma Alves:

A sexualidade é vista com um espaço de construção da pessoa, de sua autonomia, império das decisões individuais íntimas que se estruturam, entretanto, em lógicas menos padronizadas e gerais e mais baseadas em trajetórias afetivas não necessariamente atrelada ao casamento, agora se automoniza e, simultaneamente, se torna a base necessária da iniciação e manutenção de relacionamentos conjugais. Não é mais a idade ou status conjugal que determina a vida sexual, mas fatores mais difusos que exigem do indivíduo um exercício constante da reflexividade nesse domínio. Essa mudança tem consequências diretas sobre a forma como a sexualidade é vivida e compreendida nos dias de hoje. (Alves, 2004, p. 30)

Hoje começa a se desenhar um novo horizonte; no qual homens e mulheres buscam romper as barreiras que relegavam o velho à condição de ser assexuado. O trabalho de Feriencic (2003) contribui, significativamente, para a discussão deste tema. A autora mostra que a sexualidade e a velhice não são antagônicas, mas complementares. Na busca de qualidade de vida, *“o exercício da sexualidade é um fator vital e importante para os idosos; ela pode auxiliar, inclusive, no combate à depressão e a outras doenças psicossomáticas”* (Feriencic; 2003 p. 71).

Porém , quando falamos de sexualidade idosa reina, ainda, grande silêncio. Com relação a outras expressões da sexualidade o pressuposto básico é que todos os velhos são heterossexuais, esquecendo-se de que há

uma variedade de práticas e de desejos, entre os quais a homossexualidade.

Perpassando as diferenças acima indicadas, há aquelas que, porque radicadas nas singularidades individuais, desdobram-se na existência de “*muitas velhices*” e não “*da*” velhice, no singular.

Das muitas matrizes que permitem a constituição do indivíduo, a orientação sexual pode ser considerada nuclear, central. Neste sentido, ser homem ou mulher depende não apenas do substrato biológico, mas de processos indetentários que mobilizam, ao longo do processo de socialização (primário e secundário) e no circuito de relações sociais, os mais variados fatores e disposições. Processos que envolvem o “*encontro*” e/ou “*confronto*” entre o “*eu* e “*outro*”⁸.

A Antropologia vem revelando, desde suas origens como ciência, que o “*sexo*” foi utilizado com um dos pilares que permitiram a edificação do mundo humano. E o foi em duplo sentido: tanto para definir relações sexuais desejáveis (permitidas) ou indesejáveis (interditas), como para prescrever papéis na divisão do trabalho e, por extensão, para garantir a reprodução da vida material e institucional.

Da primeira destas formas resultou a instituição – universal e particular, ao mesmo tempo – da Proibição do Incesto. Longe de qualquer fundamento biológico – mesmo porque conhecimento da paternidade biológica é recente na história da humanidade – a principal função da Proibição do Incesto é estabelecer alianças entre famílias e grupos, impedindo a dispersão (fragmentação) e contribuindo para a coesão social. Quanto à segunda, a prescrição do que cabe na divisão do trabalho a homens e mulheres resulta na complementaridade entre os sexos. A união

⁸ Em Berger e Luckmann (*A Construção Social da Realidade*) esta questão encontra-se definida; cabe sublinhar a revisão da noção de “*identidade*”, formulada por Ciampa, como um processo de construção, ou melhor, de metamorfose. Esta idéia de identidade como um processo está contida em sua obra *A história do Severino e A história da Severina*, Brasiliense, 2005.

conjugal constitui, assim, um dispositivo que propicia a interdependência entre os sexos e, por definição, dos trabalhos masculinos e femininos.

Cabe ressaltar que, como lembra Lévi-Strauss⁹, a divisão sexual do trabalho, tal como a Proibição do Incesto são, a um só tempo, universais e particulares. Ou seja, existem em todas as sociedades humanas, mas cada uma define a partir dos mais variados critérios, o que cabe a cada um dos dois sexos.

Das afirmações acima é fácil deduzir que, em termos gerais, a homossexualidade constitui um “*não lugar*”, na feliz expressão de Marc Augé.

Na literatura sobre os povos “*primitivos*” são poucos os exemplos de homossexuais; quando existem, referem-se mais a homens que a mulheres. Ao lado disto, o que se observa é que as atitudes dos grupos para com a homossexualidade variam enormemente, indo da discriminação pura e simples (expressa, por vezes, pela exclusão do grupo) à aceitação, com ou sem reservas.

Em Castres (1978) encontramos um exemplo bastante interessante e esclarecedor destas atitudes. Entre os Guaiaquys o autor encontrou à época de sua estadia, dois “*homossexuais*”. A palavra está grafada entre aspas porque um era homossexual de fato, enquanto o outro foi introduzido na categoria pelo fato de ficar viúvo e de perder o status de caçador, sendo despojado do principal signo de masculinidade: o arco. Pelo relato, esta perda estava relacionada ao fato de sua mulher ter tocado em seu arco, com isto, atraído à maldição (“*pané*”).

As atitudes do grupo para com o primeiro (Krembégi) eram bastante condescendentes, exceto nos momentos em que era “objeto” de assédio sexual de outros homens (prática considerada um “*jogo infantil*”). O nativo

⁹ Claude Lévi-Strauss nasceu em Bruxelas em 1908. É antropólogo, considerado o fundador da Antropologia Estruturalista em meados da década de 50. É um dos grandes intelectuais do século XX. Tendo sua obra publicada em diversos países, o seu principal trabalho é “As estruturas elementares do parentesco” e que o consagrou como um dos mais importantes estudos de família.

participava de grande parte das atividades no mundo feminino, incluindo seus afazeres domésticos. Não caçava e caminhava com seu “cesto” (símbolo de feminilidade) junto às mulheres nas “expedições” coleta e nas constantes mudanças do grupo nômades. Seu “espaço” era o acampamento, lócus de fixação do grupo por algum tempo. Para os homens do grupo, o lócus de existência era a floresta, espaço de caça e da exibição dos “troféus” de cada empreitada feita.

Já (Chacubutawachugi) não era homossexual. Ao ser desapropriado do seu arco - porque objeto de pane - e ficar viúvo¹⁰, sua única “opção” era “adotar” o cesto para a coleta de frutos e outros bens de pequeno valor (do ponto de vista do grupo). Para garantir sua sobrevivência. No entanto, e talvez para desconforto do grupo, ele não carregava o cesto como as mulheres (com a tira apoiada na cabeça); fazia-o a seu modo, utilizando-o na altura da cintura. Chacubutawachugi era objeto de escárnio, gozação e discriminação; atitudes resultantes da introdução, por Krembégi, de uma “desordem” na partição das tarefas segundo o sexo. Assim procedendo, instaurava uma “nova possibilidade” que desafiava os papéis sexuais consagrados.

A situação acima descrita, ainda que rapidamente, ao lado das considerações sobre a divisão sexual do trabalho, ilustram, pelo que entendemos as razões que levam incontáveis sociedades a desenvolverem atitudes preconceituosas e, muitas vezes excludentes, para com os homossexuais (homens ou mulheres). Atitudes que se traduzem, não poucas vezes, em diversas formas de intolerância.

Afinal, se toda sociedade define – com maior ou menor rigor o os papéis e funções próprios de homens e mulheres (assim como define papéis específicos segundo as cortes etárias), a orientação homossexual representa, de um ponto de vista simbólico, o “não lugar” antes referido.

¹⁰ Na condição de “inapto” para a caça, não poderia casar-se novamente.

Escapa de nossas intenções fazer um inventário de como os homossexuais são vistos em diferentes épocas e culturas. Porém, não há como negar que a orientação homossexual constitui um fator de “*desordem*” – mesmo nas sociedades modernas – na medida em que se pauta por disposições diversas das que comandam os papéis sexuais socialmente prescritos, reconhecidos e embebidos em valores e significados éticos e morais.

A este título, não podemos deixar ao largo o longo julgamento do literato irlandês Oscar Wilde, acusado de sodomia. Apesar de engenhosidade de sua defesa¹¹, foi condenado à prisão sob regime de trabalhos forçados. Morreu no ostracismo, poucos anos após sair da prisão.

Diante disto é fundamental acrescentar, com um elemento importante de análise, a categoria orientação sexual, pois possibilita uma compreensão mais próxima da realidade. Sendo assim, ter como sujeitos homens idosos que são homossexuais e como problema a vivência da velhice mostrou-se relevante, até por acrescentar conhecimentos até então desconhecidos e/ou desprezados pela sociedade.

¹¹ Concluída com a celebre frase: “o amor que ousa dizer seu nome”. In: TREVISAN, João Silvério, *Devassos no Paraíso: Homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Ed Record, 2000.

CAPÍTULO II

HOMOSSEXUALIDADE:

FRAGMENTOS HISTÓRICO-EXISTENCIA

Por muito tempo, a sexualidade – quer como condição, quer como tema – permaneceu confinada à vida privada. No entanto, como outras dimensões da vida humana, a sexualidade é dinâmica, ou seja, assume contornos diversos e singulares no tempo e no espaço. Assim, as diferentes sociedades estabeleceram regras para sua expressão e vivência.

Desejos e práticas diferentes cercam homens e mulheres de mistérios, fato que se desdobra, entre outras coisas, na criação de obstáculos e na hierarquização do amor e do prazer. Sendo assim, o perfume das flores ou o cheiro da terra podem causar sensações diversas, tais como prazer, desejo, amor, paixão; sentimentos que nos fazem viver, mas que somente a alma é capaz de compreender.

O homem só existe em meio a outros; são estes que o estimulam a buscar sempre mais, a superar seus limites, a chorar suas angustias. É através do “outro” que nossos desejos, grandezas e fraquezas emergem. O que desejamos é uma incógnita. Entre as diferentes formas de desejo, o de pessoas do mesmo sexo tem sido visto de diferentes maneiras e tem sido objeto das mais variadas atitudes e disposições.

Muitos conceitos e formas de se referir à homossexualidade têm sido criados ao longo do tempo e por diversas sociedades. Apesar disto, não há como negar o fato de que a atração por pessoas do mesmo sexo é bastante antiga.

O termo “*homossexualidade*” foi criado no século XIX. Para Costa (1995), seria mais apropriado utilizar o termo “*homoerotismo*”, mais adequado e flexível diante da diversidade de práticas orientadas para o mesmo sexo; por outro lado, este termo teria a vantagem de se desprender de idéias como doença, desvio e anormalidade. Em que pese a relevância da proposta de Freire, nesta dissertação será empregada os termos “*homossexual*” e “*homossexualidade*”, sem desprezar o fato de que recobrem grande heterogeneidade. Como bem delimitou MacRae:

Quando uso neste livro o termo “os homossexuais” quero referir-me aos indivíduos adeptos de práticas sexuais como outros do mesmo sexo fisiológico. Igualmente o adjetivo “homossexual” será empregado como qualificador referente a essa categoria geral, independente de como determinados indivíduos possam se conceber ou serem percebidos pelas suas sociedades. (MacRae apud Prado & Machado, 2008, 48).

Foi só a partir do século XIX que a expressão “*identidade homossexual*” passou a ser empregada; como identidade, se constrói no entrelaçamento de fatos e valores das esferas pública e privada (Prado & Machado, 2008). Nunam afirma que

(...) as pessoas que têm um estigma particular tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu. (apud Goffman; 2003:117)

Na atualidade, além de se tornar um instrumento de luta política, a identidade homossexual vem se tornando um fator diferenciador na sociedade, estimulando-a a rever conceitos e a discutir a diversidade e o direito à igualdade (não apenas sexual). Mas isto só será possível quando

houver clara disposição para a discussão da questão das minorias, reféns que são do preconceito e do estigma social.

O estigma se caracteriza como um conjunto de atributos inscritos e identificados no indivíduo ou na sua identidade social; seu objetivo é conferir ao estigmatizado o estatuto de um ser “*menor*”. (Goffman, 1988)

Por “*orientação sexual*” se entende o direcionamento do desejo, do sentimento. Para Cardoso (1996), a orientação sexual diz respeito ao sentido do desejo sexual. O autor alerta para as muitas possibilidades de prazer, diferenciando-o de prática sexual (o que as pessoas fazem) e de identidade sexual (que é como as pessoas se sentem).

O tema em questão, impõe pelo que entendo, algumas incursões histórico-culturais, além de existenciais.

As relações entre pessoas do mesmo sexo podem ser encontradas nas mais diferentes sociedades. Várias pesquisas antropológicas revelaram a existência de práticas homossexuais. Uma das pioneiras neste estudo foi Margaret Mead, com o seu trabalho *Sexo e Temperamento*. A partir de investigação realizada na Nova Guiné, junto a três comunidades geograficamente próximas, pode verificar grande variabilidade nas formas de socialização e dos papéis sexuais.

Mead constatou que, diversamente do que se acreditava à época, os papéis sexuais não pertencem ao “*território*” da natureza (do que é natural biologicamente dado), mas ao da cultura.

As comunidades pesquisadas eram: Arapesh, Mundugumor e Tchambuli. Em Arapesh, as mulheres e os homens eram dóceis e maternais; já em Mundugumor, ambos eram rudes e agressivos. Em Tchambuli, finalmente, observou uma inversão de papéis: as mulheres eram responsáveis por organizar e controlar a economia e os homens eram vaidosos e caseiros.

Assim, que a construção dos papéis sexuais é permeada pela cultura e não algo apenas natural. Em que pesem as diferenças biológicas e fisiológicas, ser homem ou ser mulher é uma construção social.

Durante muito tempo os estudos sobre a sexualidade - mais especificamente sobre a homossexualidade - permaneceram confinados ao campo da biologia. Este confinamento contribuiu para a emergência de dúvidas e questões que permaneceram à margem da academia e da própria vida. Por outro lado, o que era visto como “*opção*”¹² passou a ser considerado como “*orientação*”, ou seja, algo que existe e sob o qual o indivíduo não tenha controle.

Práticas homossexuais foram encontradas em muitas sociedades tribais. Cardoso (1996) lembra que estudos realizados por Malinowski, entre outros pesquisadores, constataram a existência de práticas homossexuais como rituais de passagem. Entre os melanésios (Nova Guiné) há um ritual onde os meninos ingerem sêmen de homens mais velhos através de sexo oral. É assim que, pelo que acreditam, podem construir a masculinidade. Entre os gebusi acredita-se que a ingestão de sêmen dos homens mais velhos é importante para o desenvolvimento dos meninos. Este rito de passagem é realizado entre os 17 e 25 anos e prossegue até antes do casamento.

Remetendo-se a investigação realizada por Wikan, Cardoso (1996) comenta seu estudo com povos na costa de Oman, na península arábica. Entre eles estudou o papel do transexual e sua institucionalização na comunidade. Os indivíduos tinham o papel sexual de “*servir aos homens*”, pois as mulheres deveriam ficar virgens até o casamento. Mantinham o nome masculino, mas diferenciavam-se dos demais homens da comunidade por suas práticas sexuais passivas.

Já na Índia, o homem que se deitava com outro homem era chamado de “*hijras*”, termo empregado para o que seria um “*terceiro sexo*” e que continha elementos de ambos os sexos.

¹² No sentido de escolha feita pelo indivíduo de desejar o outro do mesmo sexo.

Entre povos antigos de diferentes partes do mundo, diferentes pesquisadores constaram à existência de práticas homossexuais. Assim, muito do que hoje se olha com “*novo*” remonta há tempo atrás. Estas pesquisas revelaram, também, que tais práticas não eram revestidas que qualquer juízo de valor. Os homossexuais eram socialmente integrados; o “*diferente*” não era excluído, mas visto como tal, ou seja, diferente. Em alguns casos, eram reverenciados como seres sagrados.

Na civilização greco-romana encontramos exemplos de homossexualidade. Nesta civilização, as relações entre homens eram intensas, sendo objeto de prestígio e fazendo parte das tradições e dos rituais de passagem.

Em geral os gregos acreditavam num amor aristocrático, que só poderia ser possível entre iguais, entre dois homens; toda paixão desenfreada era considerada um mal, maior ainda se fosse dedicada a um ser inferior como a mulher. (Torrão Filho, 2000, 25)

Dover (2007) relata como a homossexualidade era vivenciada na Grécia, mais especificamente em Atenas, entre o oitavo e o segundo século a.C. Utilizou-se de várias fontes, como a poesia, a literatura e um discurso de Esquines: a *Acusação de Timarco*. Em seu trabalho percebermos como as práticas homossexuais eram difundidas entre os gregos, além de serem divulgadas através da comédia, da poesia e da arte. A acusação de Timarco é um dos poucos documentos gregos que trata das relações e práticas homossexuais.

Em 346 a.C. um político ateniense, Timarco, foi processado por ter infringido uma lei que estabelecia que um cidadão ateniense que se prostituísse a outro homem - ou seja, que aceitasse dinheiro ou outro bens em troca do uso homossexual de seu corpo- deveria ser impedido de participar da vida política. (Dover, 2007, p 30)

A prostituição masculina não era condenada pelos atenienses; no entanto, os cidadãos¹³ não poderiam se prostituir. Se isto acontecesse ficavam impedidos de participar da vida política. Existiam muitos locais de prostituição, como bordéis, termas, ruas e parques. Estes locais eram freqüentados por homens de diferentes grupos sociais. Este fato demonstra como essa prática era intensa, sendo até arrecadado imposto.

Ao discutir o julgamento de Timarco, Dover (2007) lembra que a lei de Esquine para acusar Timarco de prostituição não condena a homossexualidade, mas a venda do corpo aliada à participação na vida pública.

Os prostitutas masculinos, que exerciam a sua atividade em bordeis e pagavam as taxas de impostos sobre sua profissão (...) eram, supostamente, na maioria estrangeira. Do parágrafo 195 decorre que não havia qualquer lei proibindo a satisfação de “inclinação” (“probairesis”, i.e., “escolha”, “preferência”, “forma de vida”) homossexual de forma comercial, desde que nenhum ateniense fosse procurado para esse fim. (Dover, 2007, p. 52)

Nos escritos gregos encontramos várias referências a práticas e relações homossexuais, incluindo mitos e poesias. Entre os gregos, o amor entre iguais era reverenciado e praticado abertamente, não havendo um caráter pejorativo nem punitivo. A mitologia grega esta repleta de histórias envolvendo casais masculinos. Um dos mais famosos é o de Zeus e Ganimedes. Nestas relações, desejos e sentimentos se entrecruzam sem limites.

Dover (2007) lembra que os papéis sexuais de “ativo” e “passivo” era permeado por varias regras. Assim, por exemplo, aquele que penetrava

¹³ Eram considerados cidadãos apenas os homens nascidos na Cidade - Estado.

deveria ser o homem mais velho, enquanto o jovem era o passivo. Mas esta regra nem sempre era observada.

Havia casos de homens da mesma idade e com alternância de papéis sexuais, isto é passivo e ativo. É importante lembrar que o fato de estes indivíduos manterem relações homossexuais não os impedia de se casarem e amarem suas esposas.

Na antiga sociedade greco-romana, a pederastia era outro costume. Ocorria através do rapto de um jovem por um homem mais velho. Este último ficava responsável por passar conhecimento ao jovem; algo que envolvia sentimentos como amor e virtude. Por outro lado, a pedofilia era condenada pelos gregos, pois era abuso sexual de criança.

(...) as relações entre amado e amante, ou entre mestre e discípulo, são mais do que a atração sexual por belos corpos, mas a elevação do Bem através da busca do Belo. Pois como ensina a Décima Musa Safo: “Quem é belo aos olhos- e basta / mas quem é bom é subitamente belo”. (Torrão Filho, 2000. p. 53)

A Roma antiga vivenciou a homossexualidade de maneira intensa. Poucos foram os imperadores que não tiveram seus amores masculinos. Segundo Torrão Filho (2000), dos vários imperadores é difícil afirmar qual não havia praticado relações homossexuais. A única certeza é que os imperadores se renderam à beleza e às formas masculinas de maneira arrebatadora.

Na verdade não há nada que indique que antes do Império a homossexualidade fosse menos praticada; mas os amores destes homens todo-poderosos, senhores do maior império da terra, aparecem com mais força que as relações anônimas das pessoas comuns. (2000, p. 80)

O imperador Constantino também praticava relações homossexuais, fato que não era objeto de preocupação. O que não poderia acontecer a um cidadão romano era permitir que seus desejos e paixões interferissem na razão e na execução de seus deveres públicos. Foi por volta dos séculos III e IV que a defesa da castidade e de uma vida monástica começou ser desenhada. Desenvolveram-se explicações não para a proibição das praticas sexuais, mas para seus excessos.

No campo da sexualidade, gregos e romanos vivenciaram experiências de natureza diversa, cada qual com suas normas e leis. Em ambos a tolerância prevalecia. Poder-se-ia afirmar que são exemplos de sociedades.

Com as invasões bárbaras e a prevalência dos valores do mundo rural, não só a homossexualidade foi repreendida, como outras minorias, a exemplo de judeus. Isto ocorreu por volta do século IV, com o código Teodósio, que previa até pena de morte para as relações homossexuais.

As práticas homossexuais estão presentes em diferentes sociedades e sob diferentes; são rodeadas de historias alegres, de preconceitos e repressão.

Em Roma, a configuração de um novo poder e de uma nova moral (moral cristã) confronta-se com os antigos costumes pagãos. De acordo com Torrão Filho (2000), o antigo e o novo conviveram, no inicio, de forma harmoniosa, tolerando a homossexualidade. Ela era mais difícil de ser controlada, pois com o fim do império romano e a descentralização do poder as pessoas ficaram livres de um controle mais rígido. Isto mesmo diante de uma moral mais intolerante. O autor lembra, também, que a repressão aos homossexuais ocorreu mais em Estados centralizados, com é o caso do Império Bizantino, da Espanha e dos Estados Absolutistas.

A religião teve um papel importante na proibição de práticas homossexuais. Antes, as sociedades eram politeístas. Conforme se tornaram monoteístas (judaísmo e cristianismo) a repressão e a condenação se abateram sobre as praticas sexuais “diferentes”. Os homossexuais

transformam-se em “sodomitas”, referência às cidades de Sodoma e Gomora. Explicitava-se o repúdio de Deus para com as relações sexuais que não estivessem a serviço da procriação.

Chauí discute como a repressão sexual recaiu sobre as pessoas em diferentes momentos e sobre diversos aspectos. Lembra que

O pederasta e o homofílico não eram monstros, nem doentes nem criminosos (como viriam a ser tratado depois), mas nem por isso deixavam de existir códigos, normas, regras e valores regulando a homofilia e, portanto, formas de repressão. (1984; p. 23)

Com a nova moral, a poligamia é proibida; estabelece-se a renúncia sexual, o adultério é algo a ser evitado e o divórcio não é permitido. Monogamia e casamento são os elementos centrais na vida das pessoas. Santificação era o lema que permeava a vida das mesmas.

No ano de 390 d.C. registra-se a primeira condenação - com castigos corporais pela venda do corpo a outros homens - à homossexualidade (nome/Filho; 2000). Depois desta primeira condenação outras aconteceram; novas leis foram criadas para inibir a prática. A criação deste *corpus* jurídico serve para demonstrar com era comum este tipo de relação.

Uma dessas leis proibindo as práticas homossexuais foi a do imperador Justiniano, em 533; neste caso, foi criada como artifício para perseguir seus inimigos políticos.

O antigo historiador Procópio defendeu que o objetivo primordial do imperador e de sua esposa, a imperatriz Teodora, ao criar esta lei, era tirar dinheiro das vítimas e perseguir seus inimigos, como os samaritanos, os pagãos (...). (Torrão Filho, 2000, p.95)

Spencer (1999) lembra que as proibições não impediram a continuidade dessas relações; a maioria da população não a levava sério, visto que os ricos e poderosos membros da igreja e da corte também praticavam a homossexualidade.

Na Espanha, em 650, temos uma legislação que previa a castração de judeus e homossexuais; estas minorias eram usadas como bodes expiatórios dos problemas sociais.

Em outros locais as leis punindo os homossexuais eram raras; quando existiam, não eram colocadas em prática. Somente em 966, em Roma, é que foi adotada uma lei punindo os atos homossexuais com pena de estrangulamento e fogueira.

No século XII foi criado o Tribunal da Inquisição. Sua finalidade era combater os heréticos e os blasfemadores, ou seja, todos que fossem contrários aos dogmas e normas do catolicismo.

Ao longo de seu desenvolvimento, a igreja católica destinou um lugar muito difícil para os homossexuais; muitos foram queimados e presos pela santa inquisição, sob alegação de práticas antinaturais.

No Concílio de Latrão (1179), pela primeira vez, a homossexualidade entrou em pauta. Foram criadas sanções aos praticantes. Nesta época, a questão da segurança era prioridade, não sendo do interesse dos governantes dedicarem-se a assuntos familiares e sexuais. Sendo assim, coube à igreja este papel. Foi então criado o Direito Canônico. (Torrão Filho, 2000)

Depois do Concílio, a procriação assume lugar de prestígio, transformando-se em fim único, natural e moral para o sexo, não havendo lugar para o prazer. Como a homossexualidade é uma prática voltada para obtenção do prazer, desafiando os novos preceitos da moral cristã, passou a ser vista como antinatural. Os homossexuais passaram a ser vistos como indivíduos que molestavam crianças, que tinham parte com o diabo etc.

O mundo mulçumano também deu sua contribuição na questão da homossexualidade. Nele encontramos poesias árabes com referências às relações entre homens.

No Poema de Di'bil. Ali, do século IX lemos:

O pênis de Ali é sua ferramenta, e o anus de Amir a sua amante. Às vezes ele encontra uma seta, outra uma aljava. (Torrão Filho, 2000, p. 99)

Outro poema, de Saif al-Daula (948-957), governante de Alepo, na Síria, e protetor do poeta al-Mutanabi, pontua:

*Eu o beijei com medo como
Um pássaro bebe com medo.
Ele vê água e a deseja
Temendo o resultado do medo.
Aproveita a ocasião e vai
Mas não chega a aproveitar com medo.
(Torrão Filho, 2000, p. 99)*

Em diferentes momentos e civilizações, o amor masculino foi cantado e declamado. No entanto, muitos tradutores procuram minimizar, quando não negar, as relações homossexuais. O poeta Moisés Ibn Ezra (1055-1135/1140), considerado um dos maiores poetas hebreus da Espanha, é um exemplo, negando sua admiração pelo mesmo sexo. Em muitas situações ressaltou-se sua condição de homem casado e pai.

Torrão Filho (2000) lembra que poesias como as acima citadas não episódicas, mas estavam de acordo com as questões religiosas e jurídicas da época; em muitos casos, recorria-se a citações bíblicas e do alcorão para designar o amor por rapazes.

Na Idade Média - caldeirão de mudanças e de contradições, brigas políticas, problemas sociais, configurações de poder e de normas - a sexualidade torna-se um instrumento de poder e de controle das pessoas.

Nela foi criado um termo para se referir às relações entre pessoas do mesmo sexo: *sodomitas*. Este termo - usado pela igreja para se referir aos atos homossexuais - acabou tornando-se, posteriormente, uma referência exclusiva à homossexualidade.

(...) tornou-se a arma fundamental do arsenal homofóbico. “sodomia” teve um significado diferente na Idade Média, referindo-se à penetração anal de qualquer dos sexos ou posições em que a mulher ficava por cima do homem, ou à cópula com animais. (Spencer, 1999, p. 59)

Mesmo com todas essas perseguições, encontramos muitos documentos sobre a prática de relações homossexuais. Entre eles, os romances de cavalaria, como *Tristão e Isolda*, *A morte do rei Artur* e *O cavaleiro da charrete* (Torrão Filho, 2000). Este último centra-se em um triângulo amoroso entre cavaleiro, amados e poderosos senhores.

A história da nobreza está repleta de romances envolvendo reis e seus amados. Temos aqui Ricardo Coração de Leão (1157-1199), rei das cruzadas, homem bonito, forte, conhecido por sua bravura e que teve um relacionamento com Felipe II (1165-1223). Mas logo se separou de Felipe, e casou, como era de ser para um rei. Apesar disto, continuou com seus amantes. Um mito muito conhecido é Robin Hood; teve suas terras retiradas pelo rei João Sem Terra, irmão de Ricardo, mas Ricardo, ao torna-se rei, fez de Robin Primeiro Conde de Huntingdon. Segundo Knight, muitas das baladas medievais foram modificadas para retirar o conteúdo homossexual; lembra que no mito de Robin não existia lady Marian e que seu grupo de ladrões era conhecido pela “*amizade*” entre si.

Outro exemplo é Eduardo II (1284-1327), com amantes de classes inferiores. A desaprovação do pai gerou desavenças entre eles. Eduardo I exilou o amante do filho – Gaveston - considerado o responsável pelo desinteresse de Eduardo II para com os assuntos da coroa. Essa relação durou treze anos, sendo encerrada somente com o assassinato de Gaveston.

O fim de Eduardo foi trágico. Sua esposa organizou uma rebelião que acabou com a vida de seu amante, Hugo. Eduardo foi preso no castelo, sendo posteriormente assassinado com um ferro em brasa introduzido no ânus. Porém, o motivo da rebelião e da morte, segundo muitos estudiosos, não foi à homossexualidade ou bissexualidade de Eduardo, mas o interesse da rainha de tornar rei seu amante. (Spencer, 1999)

Nos séculos XIII e XIV observamos mudanças e ampliação na “caça às bruxas”. Com a formação dos Estados Absolutistas houve a consolidação do poder civil e eclesiástico. Desta forma, a perseguição e punição às diferenças se intensificaram, tornando-se regra:

As mulheres foram ainda mais excluídas; judeus e mulçumanos foram perseguidos, assassinados e mesmo expulsos de vários países; bruxas, hereges e sodomitas forma perseguidos pelas leis civis e religiosas. (Torrão Filho, 2000, p. 119)

As trevas se abateram sobre as diferenças; o mundo agora é católico e heterossexual. Sexo e procriação agora são sinônimos; o prazer é abominação do mal. Os indivíduos que não seguissem esses preceitos eram perseguidos e mortos, sob as mais diversas acusações.

Qualquer acusação era motivo de punição; as leis tornam-se instrumento de poder na mão dos poderosos para eliminar seus adversários. A Santa Inquisição foi um instrumento muito ativo na punição dos sodomitas, em diferentes partes da Europa e no Novo Mundo.

Com Santo Tomás de Aquino a homossexualidade deixa de ser um pecado menor, ou uma simples fornicação; se torna um pecado grave, nefasto, e que não deveria ser pronunciado. Cria-se o purgatório, *lócus* de purificação para a salvação. Para os que insistissem em não se arrepender de seus pecados: as fogueiras.

A partir do século XIII, todos os grupos marginalizados foram segregados e perseguidos. Eles representavam um perigo à comunidade sagrada dos cristãos; vivendo num clima de insegurança material e mental, os cristãos desconfiaram de todos aqueles que pareciam ameaçar o seu frágil equilíbrio. Estes “inimigos” são aqueles que ameaçavam a religião (hereges), o corpo (leprosos, prostitutas), a identidade dos cristãos (judeus, estrangeiros), a natureza (sodomitas, monstros) e o trabalho (ociosos mendigos). (Torrão Filho, 2000, p.122)

Personagens conhecidos da história viveram amores homossexuais. Entre eles, Leonardo da Vinci, levado aos tribunais em 1476 sob acusação de sodomia, juntamente com mais três homens; outro foi Miguel Ângelo, também conhecido por suas relações homossexuais. Assim como Shakespeare, que destes prazeres soube enaltecer, mas que até hoje os estudiosos procuram negar.

Especialistas têm se embaraçado, ao tentar evitar conclusões de que Shakespeare tinha um relacionamento amoroso físico com um jovem desconhecido de grande beleza. (...) Os sonetos contêm uma grande abundância de sentidos possíveis, heteróticos e homoeróticos. (Spencer, 2000.p. 154)

Spencer chama atenção para o fato de que o casamento - ou a “*parceria entre pessoas do mesmo sexo*” - já existia na antiguidade e que era realizado, até o século XVI, através de cerimônias religiosas:

Novas luzes foram jogadas recentemente sobre o enigma, com a descoberta de cerimônias de casamento cristão de homem com homem, que envolvia a queima de velas, a união das mãos direitas, que eram enroladas na estola do padre, a prece ao Senhor, a comunhão e um beijo. (...) Em 1580, numa viagem a Roma, Montaigne notou que na igreja de São João havia casamento de duplas masculinas. Recordando a denúncias do século XII dessas cerimônias, podemos inferir da observação de Montaigne que o casamento homossexuais abençoado pelos sacramentos cristãos tinha uma longa, embora obscura história. (Spencer, 1999. Pp. 88,134)

O Século das Luzes XVIII, não foi tão iluminado para os sodomitas, mas foi menos tenso que antes. A sociedade européia encontrava-se em pleno desenvolvimento. As cidades cresciam e começava a ganhar forma uma subcultura¹⁴ homossexual, principalmente na França.

Paris do século XVIII era uma cidade que tinha uma intensa vida gay, com diversos locais de encontros, como ruas, parques e bordéis. Muitos dos freqüentadores eram pessoas simples - operários, carpinteiros, entre outros. Para inibir estes freqüentadores a policia possuía um livro onde constava o nome de todos os homossexuais conhecidos. A maioria era de prostitutas: cerca de quarenta mil (Torrão Filho, 2000, p. 155).

Na França, depois da Revolução Burguesa (1789), a sodomia deixou de ser crime. Mas isto não significou que deixou de ser perseguida. Em outros países continuava a ser crime.

Não podemos deixar de ressaltar que, com o capitalismo e o fortalecimento do protestantismo, antigas idéias são colocadas de lado. As mudanças exigiam novas representações e explicações sobre a realidade; o modelo de sexualidade única não era mais possível. Era necessário construir outra representação de sexualidade.

¹⁴ Ao utilizar a expressão “*subcultura*” refiro-me à maneira como um grupo cria seus códigos, símbolos, comportamentos próprio de seus membros.

Neste período, diferenças entre homem e mulheres eram consideradas como graus de desenvolvimento em uma mesma classe ontológica, na qual o corpo da mulher era considerado defeituoso e imperfeito. (...) para que fosse possível conjugar os idéias republicanos de igualdade, e liberdade, os revolucionários franceses precisavam justificar a desigualdade entre homens e mulher. (...) A diferença entre os sexos surge, nesta perspectiva, para justificar desigualdades sociais, e não para ampliar nossa compreensão da realidade. (Prado& Machado, 2008, 35-37)

Neste cenário de mudanças, a ciência ocupa o lugar que outrora fora da igreja; é ela, agora, que estabelece as verdades tidas como universais. Produzindo um discurso que reafirma os interesses e valores das classes dominantes, a “nova” ciência estabelece novos papéis e comportamentos sexuais válidos para todos. Como uma “verdade inquestionável” nasce o conceito de heterossexualidade; modelo “natural” e único de sexualidade saudável, em contrapartida à homossexualidade, apreendida como patologia.

O homossexual, junto com outros perversos, começa a ser rigorosamente estudado pela ciência; ele e as mulheres histéricas são vistos com uma grave ameaça à família, à raça e à sociedade. (...) Os sujeitos passam a ser divididos, a partir deste momento, em heterossexuais e homossexuais (...). (Nunam, 2003, p. 31).

Muitas idéias que temos hoje com relação à sexualidade são decorrentes desse momento. Isto demonstra que a ciência não ficou restrita ao mundo acadêmico: invadiu o imaginário social e nele permaneceu. Assim, até hoje, as questões que envolvem a sexualidade permanecem tabus.

Quando nos referimos à homossexualidade os desafios aumentam. A homossexualidade continua sendo explicada como perversão do instituto sexual.

Tudo o que estivesse fora da norma - no o caso a relação entre homem e uma mulher - passa a ser visto como anormal. Isto abriu caminho para qualificar os homossexuais como homicidas, criminosos, viciados, doentes venéreos, prostitutas e tudo o que de ruim existisse.

Depois do estabelecimento desses termos, as práticas homossexuais começaram a ser tratadas como um problema social e não como pecado ou crime.

“*Homossexual*” e “*homossexualismo*” foram termos criados diante da necessidade de “*dar conta*” de um fenômeno que precisava ser explicado. O desconhecido assusta; é preciso conhecer para controlar. E assim foi. O húngaro Karoly Maria Benkert, que mudou seu nome para Kertbeny , em 1848, foi o primeiro a formular o conceito de homossexual. Isto em 1869. Ele escreveu:

Além do impulso sexual normal dos homens em mulheres, a natureza, em seu poder soberano, dotou alguns indivíduos masculinos e femininos, aos nascer, de um impulso homossexual, deixando-os assim numa dependência sexual que os torna física e psiquicamente incapazes-mesmo com a melhor das intenções – de ereção normal. Esse impulso cria antecipadamente um claro horror ao sexo oposto. (Benkert apud. Spencer, 1999, p.274).

Foi então estabelecida uma variedade de tratamentos e procedimentos para identificar homossexuais.

Os médicos podiam detectar os homossexuais através de duas evidências: uma física (a dos estigmas que provocavam deformidades específicas no pênis ou no ânus, adquiridas pelo uso) e outra moral (que impelia ao vício, podendo contaminar elementos sadios da população). Surgem, a partir deste momento, as tentativas de “cura” da homossexualidade. (Nunam, 2003, p. 35)

Século XX: novos tempos se desenham! As transformações deste século levaram as mudanças significativas para os grupos minoritários. A sexualidade começa a ser questionada através da organização de grupos sociais e de pesquisas isentas de preconceitos.

As transformações sociais, juntamente com a ampliação das idéias sobre sexualidade¹⁵, possibilitou reformular idéias e colocar em cheque os pilares desta sociedade. As principais mudanças foram:

1) Deslocamento do papel da família como pólo de produção da sociedade para o mercado; 2) a autonomia sexual feminina decorrente do impacto da pílula anticoncepcional e da organização política do movimento feminista; 3) a crescente visibilidade da homossexualidade feminina e masculina; 4) a atuação cada vez impactante dos movimentos sociais e da sociedade civil organizada que, por meio de suas ações, interpelaram a naturalidade das formas de objetivação humana. (Prado & Machado, 2003, p. 40)

O desejo e amor não encontram fronteiras sociais, étnicas, culturais ou religiosas. Como pudemos perceber nestes fragmentos histórico-culturais e existenciais, em todas as civilizações as relações homossexuais estiveram presentes, constituindo em um subcultura com estilos, símbolos e códigos.

Um dos grandes divulgadores dessa subcultura foi Oscar Wilde (1854-1900) que, com seu fabuloso talento, produziu obras que entraram para história. Assim como sua própria vida, tornou-se uma história. Entre suas diversas obras, uma que scandalizou os ingleses, por seu caráter homoerótico explícito, foi *O Retrato de Doria Gray* (1890). Outra foi *De Profundis*, escrita durante seus dois anos de cárcere. Na verdade, é uma carta destinada ao lorde Alfred Douglas, seu amante e responsável indireto

¹⁵ Chamado por alguns autores de “revolução sexual”.

por sua prisão. Depois de deixar a cadeia teve que fugir da Inglaterra, refugiando-se na França e ali morrendo no ano de 1900.

Foucault chama a atenção para o fato de que, em uma sociedade disciplinar, um dos mecanismos para identificar os sujeitos é a criação de normas, definindo o que é *normal* e *anormal*. Aqueles que estão dentro dos preceitos tidos como norma são aceitos. Os que estão fora devem ser localizados e conduzidos para a norma, caso contrário, devem ser punidos.

Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes.” (Foucault, 2003, p.118).

Em seu trabalho *Vigiar e Punir*, Foucault nos mostra como se realiza essa vigilância; uma vigilância que não se restringe aos espaços prisionais ou fechados (instituições totais¹⁶). Existe em todos os lugares; todos são vigias e vigiados, torturadores e torturados ao imporem aos outros, formas determinadas de conduta e desqualificando os que ousam enfrentar o poder disciplinador.

O panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça.(Foucault, 2003,169.)

¹⁶ Segundo Goffman (2003; p.16) “Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhe dá algo de um mundo; em resumo toda instituição tem tendência de ‘fechamento’. Quando resenhamos as diferentes instituições de nossa sociedade ocidental, verificamos que algumas são mais ‘fechadas’ do que outra. Seu ‘fechamento’ ou seu caráter total é simbólico pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibição à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico [...] A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais”.

Os papéis sexuais de ativo e passivo remontam à antiguidade. No entanto, estas definições não estavam perpassadas por questões de gênero, de dominação, mas por critérios políticos. Em nossa sociedade, masculinidade e feminilidade continuam a ser tabus, mesmo neste início do terceiro milênio. Persiste, ainda, uma relação de subordinação de gênero. Os homens que assumem o papel “passivo” no ato sexual são mal vistos, pois “*negam*” a sua condição de macho, de dominador.

O homem, por outro lado, devido à sua força física e moral, passa a ter o papel de protetor; ele é ativo, enquanto a mulher é passiva. Ressaltamos aqui o fato de que esta última concepção da diferença sexual, isto é, homens como ativos e mulheres como passiva, se estendeu por todo o século XVIII e XIX, perdurando até os dias de hoje. (Nunam, 2003, p. 30)

Na sociedade atual, o homem afeminado não é bem visto. Isto porque o campo da sexualidade não é algo restrito ao indivíduo, mas envolve interesses dos grupos. De acordo com Prado e Machado (2008), a sexualidade sempre fez parte das hierarquias sociais, sendo usada e disputada por diferentes grupos sociais como instrumento de controle, seja de indivíduos ou de grupos, para emancipar ou para violentar.

A heteronormatividade é amplamente difundida pelos próprios homossexuais. Isto ocorre pela reposição dos princípios de masculinidade e feminilidade hegemônicos. Não rompendo com as amarras de preconceitos, buscam apenas se integrar em uma sociedade excludente e normativa.

Quanto às outras formas de relacionamento, ainda se insiste em considerar a homossexualidade como uma inversão de papéis. O homem, para se homem precisa assumir as características de uma masculinidade construída e cristalizada; tem de ser forte, valente e não chorar. A mulher deve ser meiga, sensível e frágil. Isto tudo só confirma como a relação de gênero ainda se estabelece pela desigualdade. O homem se sente ofendido

quando lhe é atribuída alguma característica do gênero feminino, a exemplo de sensível. O homem que afronta essas normas é visto como “*traidor*”.

No imaginário popular permanece a noção de que ser homossexual masculino é querer ser mulher. Esta idéia é diariamente alimentada por programas de TV (novelas, humorísticos), reforçando os estereótipos e, conseqüentemente, a violência.

O consumismo e o efêmero são muito intensos na cultura guei. Para Blay (UBER; 2000 p. 10), o ideal de beleza e juventude entre os homossexuais é tão forte que já influenciou os padrões heterossexuais. Porém, a idade impõe certos limites. Mas o fato é que as pessoas não estão preparadas para enfrentar as mudanças físicas e, para se manterem atraentes, procuram estar sempre na moda, desde roupa até a ultima cueca ou a ultima cirurgia plástica para retardar o envelhecimento. Segundo dados divulgados pela *RSCG Woldwide*, grupo de comunicação presente em mais de 75 países, “*só nos EUA, 35 % dos homens afirmaram comprar regularmente creme anti-envelhecimento entre 2000 e 2001, o volume de lipoaspições feitas por homens cresceu 420%*” (G. Magazine, 2004, p.20).

Para os homossexuais, a violência é um fator preocupante. Segundo dados do grupo gay da Bahia (GGB-Bahia), a cada dois dias um homossexual é barbaramente executado. Na maior parte dos casos, são vítimas de crimes homofóbicos. Dos mais de 2.500 assassinatos de homossexuais registrados no Brasil, entre 1980-2005, apenas 10% foram solucionados. Mott aponta três importantes ações para combater essa violência: educação sexual para todos, massificar o respeito pela livre orientação sexual e uma policia e justiça eficiente¹⁷.

Em relatório divulgado no IV Ciclo de debate da APOGSP¹⁸, foi apresentada uma pesquisa feita na cidade de São Paulo com os participantes da Parada do Orgulho Gay, de 2005. Do total de entrevistados,

¹⁷ G. Magazine; ano 8; novembro 2005 ed. 98, p. 32.

¹⁸ Associação da Parada do Orgulho Gay de São Paulo.

72,1 % haviam sofrido algum tipo de discriminação e 65,7 % afirmaram terem sido agredidos por causa da sua orientação sexual.

A violência por causa da orientação sexual é diária; até os espaços públicos são delimitados. Um exemplo disso ocorreu no Rio de Janeiro, em 2008, na praia de Ipanema. Um casal de homossexuais masculino foi agredido ao “invadir” a área reservada aos heterossexuais. Este fato é um dos muitos que expressam a intolerância existente por parte de grupos conservadores.

O comportamento homossexual é sem dúvida, uma quebra das expectativas sócio-culturais, uma divergência que frustra esperanças dos grupos familiares e que produz normas e valores diferentes daqueles amplamente aceitos. Por essa razão os homossexuais constituem um grupo à parte (...) são discriminados e até mesmo segregados, a depender evidentemente, do grau de divergência que assumem. (Lima, 1978, p.137).

Um dos últimos acontecimentos que abalaram a sociedade brasileira e, principalmente, os homossexuais, foi o assassinato de 13 homossexuais na cidade de Carapicuíba, região metropolitana de São Paulo. Todos foram assassinados de maneira violenta, em um parque público. Assim, neste “jardim de diversidade” nem tudo são flores: há muitos espinhos! As questões que envolvem os homossexuais movem-se no sentido de ampliação e diluição. Isto contribui para dificultar a percepção da própria situação. Afinal, muitos dos mecanismos de poder são sutis.

Os homossexuais estão sujeitos a permanentes punições, como se fossem seres de “segunda classe”. A relação com os heterossexuais é de inferioridade, principalmente para os homens, que são visto como não dignos de serem homens.

Mesmo entre os homossexuais observa-se uma reprodução de padrões machistas e homofóbicos. O estabelecimento das definições de

passivo e ativo, homem/mulher corroboram a afirmação feita. Entre eles, termos como “bicha”, “bofe”, “sapatão” e “passivo”, entre outros, constituem, pelo que acreditamos formas de desqualificar o outro, de puni-lo. O que antes era uma linguagem de libertação tornou-se agora uma maneira de diminuir o outro.

O poder também está inscrito nos corpos; eles são disciplinados e vigiados; cada detalhe é vistoriado pelo olhar dos dispositivos do poder: gestos, voz, roupas, todo o corpo é mapeado para que não tenha nenhuma fenda que possibilite a vivência de outra sexualidade que não seja a “normal”. Uma sexualidade que se contrapõe ao poder e que antes tinha a morte como referência, é logo marginalizada. Agora, é a vida que é aclamada a qualquer custo. Tudo o que interfere em seu fluxo é obstruído.

Crítérios diversos, a exemplo de sexo, religião, nacionalidade, classe, raça, idade e orientação sexual, são socialmente como veículos do preconceito e da discriminação. A homossexualidade foi objeto das mais diversas disposições; para a igreja, foi transformada em pecado, para o Estado, em crime, para a ciência, em doença (Spencer, 1999). O resultado foi remeter os homossexuais para as margens da sociedade. Para se manterem vivos, tiveram que se organizar e lutar.

O preconceito constitui um mecanismo “eficiente” de hierarquização, inferiorização e de legitimação social.

O preconceito opera, ao mesmo tempo, na dimensão do indivíduo e da coletividade, já que não pode ser compreendido apenas na dimensão da racionalidade individual, uma vez que se estrutura a partir de um conjunto abstrato de valores sociais que só encontra substância no comportamento individual, motivo pelo qual afirmamos, neste livro, que o preconceito é um fenômeno psicossociológico. Neste sentido, para superar preconceito contra GLBTs¹⁹ seria necessário deslocar a “questão” da homossexualidade do âmbito individual para a sociedade, a qual discrimina

¹⁹ GLBTT significa: Gays, Lésbicas, Bissexuais, travestir e transgênero.

negativamente a homossexualidade. (Prado& Machado, 2008, p. 75)

Albuquerque Junior & Ceballos, comentando o posicionamento de Silvério Trevisan sobre a questão do preconceito, publicada no Jornal *O Lampião*, afirma:

A postura da sociedade brasileira diante dos homossexuais seria igual àquela mantida em relação aos negros. OU seja, sob uma aparente convivência democrática e pacífica entre heterossexuais e homossexuais, baseada na ausência de discriminação oficial, existiria um preconceito tão vivo quanto velado. Este se manifesta de Várias formas: nas relações cotidianas, nas imagens e textos difundidos sobre homossexualismo na violência crescente, poucas vezes denunciadas. (2004, p.147)

Combater toda forma de preconceito e de violência deve ser um princípio básico de uma sociedade democrática. Porém, o que se coloca no horizonte é o longo caminho a ser percorrido e o muito que há por fazer. No próprio segmento homossexual temos demandas que permanecem distantes da pesquisa e da reflexão. Uma das questões deixadas ao largo é a que diz respeito aos homossexuais idosos. Como equacionar essas duas dimensões do humano: sexualidade e velhice? Gênero (orientação sexual) e envelhecimento? Como equacionar esta dupla estigmatização?

CAPÍTULO III

HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE: DILEMAS DA VIDA

“*Homossexualidade*” X “*Velhice*” constitui um binômio bastante estranho; como realidade incomoda, pois são duas dimensões do ser humano que ainda estão carregadas de preconceitos e estigmas. Presentes em diferentes áreas do conhecimento e da sociedade civil, velhice e homossexualidade estão em pauta; no entanto, separadamente. Na literatura, o que encontramos é uma lacuna quanto à justaposição entre esta orientação sexual e etapa da vida. Tudo leva a crer que ser homossexual e idoso é algo incompatível, permanecendo no impensado; que inexistente homossexualidade na velhice. São raros os trabalhos acadêmicos que tratem do tema, o mesmo ocorre nos veículos de comunicação.

Green, em pesquisa bibliográfica realizada, catalogou cerca de 120 trabalhos publicados entre as décadas de 70 a 90; em nenhuma a homossexualidade na velhice apareceu (Arney, Fernandes & Green, 2003).

Podemos afirmar que existe um silêncio sobre essa questão. Entretanto, a partir de ações dos próprios idosos, este silêncio começa a ser diminuído; idosos que assumiram para si a responsabilidade de elaborar novas idéias sobre essas dimensões do ser e desmistificar antigas concepções fundamentadas no preconceito.

Alguns trabalhos começam a ser produzidos no Brasil; na Europa e Estados Unidos existem há algumas décadas. A este título, destaco Simões (2004), que realiza um balanço sobre as idéias e reflexões realizadas nos Estados Unidos e na Inglaterra sobre a homossexualidade masculina e a

velhice. Outros trabalhos localizados foram os de Maki (2005), que busca compreender o imaginário dos homossexuais sobre o envelhecimento e a velhice, e de Lima (2006), que estudou a homossexualidade feminina, tendo como foco a questão do envelhecimento para as mulheres. Mas a produção na área é ainda limitada; do mesmo modo, temos que reconhecer que o tema é tabu para os próprios sujeitos, que matem reserva. As pesquisadoras acima citadas ressaltam suas dificuldades de encontrar sujeitos que pudessem relatar suas história de vida.

Em reportagem publicada pela revista *G. Magazine* (2005; p. 58), o repórter descreve a dificuldade de conseguir entrevistar pessoas que estão na velhice. Muitos se recusaram a dar entrevistas por manterem uma vida dupla: são casados com mulheres e/ou preferem não falar de sua vida. Para José Dantas, proprietário do *Bar Caneca de Prata*.

Ninguém quer dar entrevista porque você está falando com uma geração que já sofreu muito. Não só sexual, mas política e socialmente. A sociedade já te exclui daí o gay te exclui pela segunda vez. Com a idade chega à barriga, chega tudo! (2005; p 59).

Para conhecermos os homens de hoje importa voltar o olhar para o passado. Os homossexuais idosos de hoje são homens do século XX, época de intensa mobilização social, período de guerras mundiais, de manipulação da vida, de genocídios, mas também de “*paz e amor*”, do colorido das discotecas e da suavização das fronteiras.

O Brasil não escapou dessas mudanças e, em alguns temas e assuntos, estavam à frente de seu tempo; em outros, estava atrasado. Podemos dizer que o século XX foi controverso em nossa história social e política.

Envelhecer não significa apenas acumular anos de vida; significa, também e especialmente, experiências e vivência de muitos fatos e realidades. Os indivíduos estão inseridos na cultura dominante de uma

sociedade que estabelece normas e leis; que regulam nossas ações. Cada sujeito se posiciona sobre essas normas, seja para reafirmá-las, seja para confrontá-las. Nunca estamos à margem das transformações; somos envolvidos por elas e, desta forma, temos nossas responsabilidades pelas conseqüências das opções feitas.

No que diz respeito à ampliação do direito à livre expressão sexual, o que temos hoje de conquista decorre de situações e de momentos em pessoas não se calaram; que souberam viver sua orientação sexual.

As primeiras décadas do século XX nos mostra sociedades fundadas em valores patriarcais e religiosos. A sexualidade era restrita ao âmbito do casamento e da procriação. Porém, quando observamos mais de perto, a realidade afastava-se, muitas vezes, dos princípios e normas vigentes. À época, a homossexualidade era vivida em diferentes contextos e situações; situações permeadas por questões de classe social e econômica, raça e regionalidade.

Com o processo de industrialização e a ampliação do mercado de trabalho, as cidades cresceram e se modernizaram. Elas contribuíram para o anonimato dos homossexuais. As grandes cidades tornam-se *lócus* de menor repressão e de possibilidades de encontro de parceiros.

Até os anos 70, a homossexualidade vivia em forte ostracismo; foi a partir de mudanças ocorridas em outros países que se iniciou toda uma mobilização para tornar pública essa questão. Como explica Lima,

Sem o menor receio de erro, no entanto, pode-se tomar com tranqüilidade que a homossexualidade assumida é como gota d'água comparada à caudal da não-assumida. (1983, p. 15)

Para muitos, a afirmação de uma identidade homossexual significou o rompimento da clandestinidade; apontou para novas possibilidades de existir e de questionar os valores estabelecidos. Kinsey (1948) entende que os

homossexuais não constituem ser uma “*minoría social*”, com muitos acreditavam, mas uma parcela significativa da população²⁰.

Os homossexuais idosos de hoje nasceram e viveram grande parte de suas vidas um Brasil de crises e transformações, principalmente a partir da década de 60, época da contracultura e de movimentos que questionavam os princípios da sociedade, sua moral e seus costumes.

Este foi um período significativo, pois colocou à prova o caráter negativo da homossexualidade; caráter que, como escreveu Marcel Proust, em sua obra *Sodoma e Gomora*, relaciona-se a infelicidade, a tristeza, solidão e culpa (Lima, 1983).

Lima chama a atenção para o período pós-1964, quando houve uma maior permissividade dos costumes. Neste sentido, caberia sublinhar a relação entre poder e prazer, como instrumento de poder:

O sexo explodiu Vigoroso no erotismo das diversas modalidades de manifestações artísticas, na licenciosidade dos meios de comunicação de massa, na pornochanchadas cinematográficas financiada pela Embrafilme, no alinhamento do País entre cinco maiores consumidores de pílulas anticoncepcionais do mundo, na proliferação das clínicas de aborto, na consolidação da indústria de moteleira subsidiada pelo governo, na prostituição escancarada do travesti, enfim no enredamento da sociedade brasileira no ritmo de libertação que agitava os quatro cantos do universo.
(Lima, 1983, p. 59)

Além disso, Lima defende que neste período não houve um cerceamento da liberdade sexual; ressalta algumas atitudes do governo, não em razão da orientação sexual dos envolvidos, mas por questões políticas. Com o AI- 5 este panorama foi duramente modificado. Foi em meio a esse cenário que nasceu o movimento homossexual; movimento que cobrava do

²⁰ Despreza, com isto, a noção sociológica de “*minorias sociais*”; noção que independe de números e que se refere a grupos que participam da sociedade em condições de inferioridade, sendo objeto de diversas modalidades de preconceito, estigma e, mesmo, discriminação.

Estado o direito de ser aceito e não continuar na postura de submissão e inferioridade diante da sociedade. Foram os homossexuais jovens de então – muitos atualmente idosos - que abriram caminho para os homossexuais hoje.

Para Dagnino (2002) o ressurgimento dos valores democráticos só foi possível graças à presença dos diversos atores sociais ligados a movimentos sociais e associações. Ela ressalta a importância da sociedade civil como elemento crucial para a formação de um país democrático.

Esse ressurgimento, que tem como eixo à oposição ao Estado autoritário, foi tão significativo que é visto, por alguns analistas, como de fato a fundação efetiva da sociedade civil no Brasil, já que existência anterior estaria fortemente caracterizada pela autonomia em relação ao Estado. (Dagnino, 2002, p.09)

A situação atual leva os movimentos sociais a repensarem suas formas de atuação, até mesmo no que se refere à relação entre seus membros, o Estado e o mercado. Não é mais possível manter a organização do passado, quando tinham como meta a superação das classes sociais e do Estado.

As alterações culturais e sociais ocorridas nas últimas décadas do século XX contribuíram para que questões colocadas em segundo plano fossem igualmente tratadas.

Temas como meio ambiente, direitos da criança e da mulher, direito à diversidade sexual e direitos do Idoso – antes desprezados – passaram a incluir as agendas políticas.

Na década de 70 houve o fortalecimento dos movimentos sociais ditos “*alternativos*”, tanto no mundo, como no Brasil. O movimento homossexual²¹

²¹ Uso o termo movimento homossexual contemplando todas as diversas vivências da sexualidade GLBTT.

teve, então, suas primeiras ações na cidade de São Paulo. Como movimento, partiu de uma nova forma de fazer política. Com ele, um novo personagem entrou em cena: o militante homossexual.

Abandonando as tradicionais organizações partidárias de direita e de esquerda, surgiram novos movimentos sociais com propósitos particularistas e imediatistas voltados para a resolução de problemas específicos que afetavam determinados grupos. (Macrae, 1997; p.237)

Defino “*movimento*” como a composição de diversos atores sociais, desde grupos institucionalizados, a Ongs, Associações e militantes independentes, ou seja, todos que se unem em defesa do direito de livre expressão sexual.

Na história do movimento homossexual mundial, o ano de 1969 foi um marco, assumindo um caráter mais radical. Na noite de 28 de junho deste ano, em Nova York, a polícia tentou fechar o bar *Stonewall Inn*, freqüentado por homossexuais e travestis. No entanto, os freqüentadores resistiram contra a ação da polícia. Com isto, o que era um fato isolado ganhou destaque na comunidade, chamando a atenção da imprensa e se transformando em um marco na luta dos homossexuais (Nunan, 2003).

No Brasil, o grupo *Somos* foi um dos que teve maior destaque na luta pelos direitos dos homossexuais (MacRae, 1990; Green, 2000; Trevisan, 2000); até hoje, é uma referência. Surgiu no momento em que toda forma de expressão era reprimida, em que o “*diferente*” era brutalmente sufocado. Porém, os “*diferentes*” não queriam ser iguais ao que o regime determinava; pretendiam, através da criatividade, novas formas de manifestação e de contestação (Trevisan, 2000).

Através da música - Caetano Veloso, Ney Matogrosso, grupo Secos e Molhados – e do teatro - Dzi Croquettes - padrões estabelecidos foram

colocados à prova; entre estes padrões, os de gênero. Tempos depois, nomes como Cazuzza, Renato Russo, Cássia Eller, Ângela Rô Rô foram contestadores de seu tempo (Trevisan, 2000).

A presença do grupo *Somos* foi intensificada com surgimento do jornal *Lampião da Esquina*, em 1979. No editorial lemos que seu objetivo era a defesa da politização dos homossexuais. Este jornal teve repercussão em todo o Brasil, sendo o vendido em bancas de jornais (MacRae, 1990).

Através do jornal, grupos existentes se fortaleceram e novos surgiram em todo o Brasil. No início da década de 80, existia cerca de 22 grupos.

Uma característica importante desses grupos refere-se às relações de trocas sociais, à socialização; muitos dos participantes neles encontravam espaços de amizades e de relacionamento sexual-afetivo. (Trevisan, 2000)

Para o movimento homossexual, a re-democratização significou um divisor de águas; por outro lado, o surgimento de um mercado voltado para homossexuais ampliou os espaços de socialização. Estes espaços se restringiam, antes, apenas aos grupos. Além disto, acreditava-se que o inimigo havia sido vencido, ou seja, a Ditadura Militar. Dessa forma, não havia mais necessidade de lutar. Os jornais de grades tiragens começavam a produzir reportagens sobre temas ligados à homossexualidade e a ter colunistas que exploram o assunto. Com isto, o jornal *Lampião da Esquina* não conseguiu sobreviver (Trevisan, 2000).

Depois de um período de grande crescimento iniciou-se outro: agora de esfriamento. Com a entrada em cena de outro inimigo – a AIDS - o movimento renasceu das cinzas. Seus partícipes unem-se na luta de uma causa única: contra a disseminação do vírus, mais precisamente, da “*peste gay*”, como ficou conhecida. Este momento foi decisivo para ampliação do debate em torno dos direitos sociais, políticos e civis dos homossexuais. O debate assumiu a esfera pública. A luta era pelo direito de ter direitos.

Foi através do movimento homossexual, do estado de São Paulo, que surgiu o primeiro programa de atendimento à AIDS. O programa tornou-se referência nacional e internacional. Neste período, novas formas de organizações emergiram, a exemplo das Ongs-AIDs; era fundamental profissionalizar o atendimento aos doentes.

Em São Paulo, a chegada ao poder do PMDB, sob o comando de Franco Montoro, coincidiu com as primeiras mortes por AIDS registradas no Brasil. Isso proporcional o surgimento de um novo tipo de atuação dos antigos militantes ou simpatizantes do movimento homossexual (...) simultaneamente, fundou-se a primeira ONG/AIDS, o grupo de Apoio e Prevenção à AIDS de São Paulo (GAPA) (MACRAE, 1997; p.241).

Para os homossexuais, a AIDS representou um divisor de água; isto porque, como já afirmado, era conhecida como “*peste gay*” - em uma alusão às doenças da Idade Média, relacionadas como “*pecado*” e objeto de condenação. Apesar disto, para Trevisan (2000) foi um momento positivo, pois trouxe para a esfera pública um assunto que esteve sempre nos becos e vielas da sociedade moralista. Revelou tanto a vida dupla de muitos homens heterossexuais, como o “*jeitinho brasileiro*” de lidar com práticas sexuais e afetivas.

Trevisan Comenta:

A AIDS talvez tenha cumprido, além de outras numerosas funções, essa de borrar os enganosos limites entre o que é e o que não é atividade homossexual. Assim, numa reunião informativa sobre doença, São Paulo, um rapaz (naturalmente ansioso por se esquivar do estigma) declarou, a um repórter, estar ali por ter transado com um travestir; mas, dizendo-se heterossexual convicto, enfatizou ter sido ele o ativo na relação. Essa última informação, no caso, faz sentido

apenas como prestação de contas no âmbito social. Ativo ou passivo, casado ou solteiro, o que importa é que esse rapaz (...) pode ter sido flagrado, pelo vigilante vírus, em meio a uma relação homossexual. Isso se torna ainda mais assustador num país como o Brasil, farto em atividades “extracurriculares” e onde “é por debaixo do pano/ que a gente comete um engano/ sem ninguém saber”. (2000, 41).

Para o movimento gay, as mudanças ocorridas na passagem dos anos oitenta para os noventa foram profundas; principalmente as lutas em prol dos portadores do HIV. Diante de uma situação de preconceito e de violência por parte de setores do Estado e da Sociedade, os homossexuais uniram-se em torno de uma mesma bandeira a luta pelos seus direitos de cidadão e não aceitando que suas vidas fossem confinadas ao âmbito do sexo.

No Brasil, a primeira Parada Gay foi realizada na cidade de São Paulo, em 1996. Reuniu mais de 200 pessoas na região da Praça da República, com a presença de carro de som, muita música e alegria. Os participantes cobravam do poder público o direito a ter direitos. Atualmente, essa forma de manifestação está presente em todo o Brasil, atraindo multidões; não apenas homossexuais, mas pessoas que querem estar juntos na construção de um País verdadeiramente democrático; um País que, em nome da igualdade, respeita as diferenças.

O caráter inovador dessas manifestações é indiscutível; através da alegria, da música, da festa, elas atraem milhares de pessoas em um espaço que permite interagir com os diferentes e, ao mesmo tempo, cobrar do Estado e da sociedade o direito a ter sua cidadania garantida.

Mesmo que lentamente e de uma maneira muito pontual, o movimento homossexual brasileiro está promovendo transformações. A Parada do Orgulho Gay acontece todo ano, em diversas capitais do Brasil; reúne incontáveis pessoas para sensibilizar o Estado e a opinião pública quanto à questão da homossexualidade e de sua vivência, além de colocar

publicamente questões que permanecem tabus entre nós, a exemplo do tabu sexualidade (Santos; 2007).

A participação de homossexuais na vida pública vem se intensificando. Manifestações e passeatas têm cobrado, da sociedade e do Estado, a garantia de direitos e o respeito à sexualidade.

No Brasil, em 2006, cerca de 50 cidades promoveram a Parada do Orgulho Gay; só na cidade de São Paulo, segundo a polícia Militar, 2,2 milhões de pessoas – entre homossexuais e simpatizantes - participaram do evento.

Mesmo com tanta gente na rua, o movimento Homossexual Brasileiro tem muita dificuldade de levar adiante suas demandas. De acordo com Trevisan (2000), um dos problemas é falta de auto-estima dos homossexuais; outro é a inércia diante das situações que dificultam a vivência da homossexualidade, ficando sempre à espera do outro, ou seja, dos militantes.

Os militantes, por sua vez, têm muita dificuldade de levar adiante as questões que afetam todos os gays; isto porque, na sua maioria, não recebem nada pelo trabalho desenvolvido. Um exemplo é a associação da Parada do Orgulho Gay de São Paulo. Seus organizadores não recebem nada pelo trabalho.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas na atualidade, já houve tempos mais sombrios. Neste sentido, os homossexuais velhos foram revolucionários na luta contra toda a repressão que vinha de todos os lados da sociedade. Ao falar de homossexuais “mais maduros”²² (idosos), é importante lembrar que eles viveram momentos importantes na história do Brasil e da homossexualidade; foram eles que abriram as portas e janelas para as gerações que hoje podem viver sua sexualidade com menos repressão.

²² Os homossexuais que estão como mais de 50 anos preferem ser chamados de Gays Maduros.

Contribuíram para o aperfeiçoamento da democracia e para a constituição de uma sociedade com espírito e atitudes democráticas. Como lembra Dagnino,

A convivência com os diferentes tem promovido nesses espaços o difícil aprendizado do reconhecimento do outro enquanto portador de direitos, assim como da existência da legitimidade do conflito, enquanto dimensões constitutivas da democracia e da cidadania (...) esses espaços têm servido de canais de expressão e defesa de reivindicações de direitos dos excluídos da cidadania no Brasil e, nessa medida, contribuindo para o reconhecimento deles por parte da sociedade como um todo mesmo quando esse reconhecimento não se traduz imediatamente. (Dagnino, 2002, p.295)

A família é uma instituição histórica, reduto primário importante da socialização do indivíduo, para a formação da individualidade do sujeito. Todos nascem em uma família; conservadora ou liberal, cada um tem a sua. É nela que se lida com questões como hierarquia, autoridade, reciprocidade e afeto. (Scott, 2005).

Zambrano (2006) evidencia a dificuldade enfrentada pelos homossexuais no tocante às questões da família; lembra que dependendo da categoria envolvida a questão ainda fica mais difícil, a exemplo dos transexuais e travestis.

Na nossa sociedade contemporânea ocidental, a família é percebida como a mais “natural” das instituições, o núcleo organizador a partir do qual irão estruturar-se e serão transmitidos os valores mais importantes da nossa cultura. Essa “naturalidade” remete como conseqüência, à idéia de universalidade. (...) No Ocidente, o modelo familiar mais comum corresponde ao da “família nuclear”: um pai, uma mãe e filhos. (...) Porém, se

pensarmos nas diferentes formas de expressão da família, observaremos que existem variações temporais, espaciais e em uma mesma época e local. (...) A “naturalização” desse modelo de família torna-o incontestável e leva ao pensamento, comum na nossa cultura, de que uma criança pode ter apenas um pai e uma mãe, juntando na mesma pessoa o fato biológico da procriação, o parentesco, a filiação e os cuidados de criação. (2006, p.125- 126).

Nas últimas décadas, esta instituição secular tem passado por mudanças significativas, especialmente no que tange à sua composição. Mas a família continua a ser um espaço de acolhimento e de segurança. Scott pontua alguns fatores que marcam essas mudanças:

Chefia feminina; transição demográfica, incluindo a queda da fecundidade e o aumento da longevidade; novas tecnologias reprodutivas; aumento de divórcios e separações; direitos sobre circulação e trabalho de crianças; e uniões homossexuais. (Scott; 2005, p. 44).

Hoje já se fala em família homoparental²³. Na França, 50% dos homossexuais coabitam com o/a companheiro/a; destes, entre 40 e 50% desejam ter filhos. Estudos realizados em outros países chegam a 60% (Uziel, 2002). Esses dados demonstram o quanto é necessário e urgente garantir o direito dos homossexuais de formar famílias; famílias que estejam protegidas pelas leis do Estado. Outra demanda é assegurar o direito de adoção de crianças por casais homossexuais.

Em pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, com 637 paulistanos, 40% mostrou-se a favor e 49 % contra. Pela pesquisa, critérios como sexo, escolaridade e idade mostraram que entre os que são contra, 57 % são homens; entre os que são a favor, os jovens (16-25 anos) representam 53%.

²³. Segundo Cross (2003), o termo homoparental (idade) “é um neologismo criado em 1997 pela associação de Pais e futuros pais gays e lésbicas [...] para designar todas as situações familiares, mas quais ao menos um adulto que se autodenomina homossexual é o pai ou a mãe de ao menos uma criança” (Cross Apud Teixeira Filho; Toledo; Godinho. 2007. p. 301).

Quanto à escolaridade, dos que são contra, 61% tem apenas o ensino fundamental. Algumas conquistas têm ocorrido; no âmbito do judiciário, a desembargadora Maria Berenice tem emitido varias sentenças favoráveis aos casais homossexuais²⁴.

Entretanto, quando falamos de famílias que têm homossexuais, a situação muda de figura. Afinal, a família foi, durante muito tempo, o local em que o preconceito era muito mais forte. Centrada na figura do pai, muitos jovens se viam em uma situação delicada, pois tinham que manter uma vida dupla para não sofrerem as sanções familiares, que em muitos casos chegava à expulsão de casa.

As relações entre homossexuais e familiares nem sempre são fáceis; o preconceito fala mais forte do que os sentimentos de família. Muitos indivíduos preferem omitir sua orientação sexual, ou se distanciar da família, para não criar atritos, nem romper laços afetivos.

Durante a trajetória de vida, muitos homossexuais criam novos arranjos familiares, compostos por parceiros e amigos; estabelecem, assim, novos vínculos de solidariedade e de ajuda mútua.

Já é expressiva a produção acadêmica sobre novos arranjos familiares; um deles é a família homoparental, que permanece aguardando seu reconhecimento jurídico. O mesmo ocorre com a questão da adoção de crianças por casais homossexuais. Enquanto isto não acontece, muitos homossexuais têm adotado crianças individualmente (Mello, 2005).

Mello lembra que:

O não-reconhecimento social e jurídico das relações amorosas estáveis entre gay e entre lésbicas como família é a principal interdição que atinge os homossexuais no contexto da realidade brasileira, especialmente no tocante à socialização de crianças. Essa interdição está alicerçada na defesa irrestrita da conjugalidade e da parentalidade como possibilidade

²⁴ Revista da Folha, Jornal Folha de São Paulo, edição de 14/08/2005, p.6-11.

limitada ao universo da norma heterocêntrica. (2005, p. 17)

Em meio às transformações de padrões pré-estabelecidos, surgem, como foi antes afirmado, novos formatos de composição família; modelos diversos dos arranjos familiares tradicionais, baseados nas figuras de pai, mãe e filhos. Descortinam-se formas alternativas de vivência conjugal; formas nas quais os papéis não são claramente estabelecidos.

Os novos tipos de família encontram-se, ainda, abertos à investigação acadêmica; porém já temos, no Brasil, grupos como o FALT (Grupo de Família Alternativa), de Limeira, interior do Estado de São Paulo, que conta com 80 associados espalhados por todo País. Mais da metade dos associados tem filhos.

Cabe lembrar, também, que em muitas famílias os homossexuais são aceitos e têm um bom relacionamento, além de muitos serem os cuidadores de seus progenitores. Há, igualmente, os que não casaram e que cuidam de seus pais idosos.

Pesquisas demonstram que a família tem se transformado, possibilitando relações pautadas, principalmente, pelo respeito à individualidade. De qualquer modo, a família continua a ser uma instituição importante para o indivíduo.

Em 21 de julho de 2006, a *Veja São Paulo*, estampou, em sua capa, dois senhores que mantinham uma relação de mais de 38 anos. Eram *designers* e, como manda o bom jeitinho brasileiro, agiam conforme o “*faça, mas não conte*”.

Conheceram em 1968 e, a partir de então, nunca se separam, mas sempre esconderam a relação, mantendo a discrição e evitando trejeitos. Como diz Baschera:

Naquela época, quem dava muita bandeira não era convidado para nada. Hoje eles continuam trabalhando,

além de viajando e saindo para as festas e finaliza reafirmando a idéia de que o velho é o outro: *Vai demorar uns 10 anos para que eu comece a me sentir velho.* (2006, p. 30)

Pesquisa realizada em 2005, na Parada do Orgulho Gay, da cidade de São Paulo, pelo centro latino-americano de sexualidade e direitos humanos, sob a coordenação do antropólogo Sérgio Carrara²⁵, foram entrevistadas mais de 973 pessoas, das quais 59,6% eram homens (38,7% homossexuais). Quanto à idade, 18% dos participantes afirmaram ter mais de 40 anos.

Quando pensarmos na velhice; isto porque ela remete, na maior parte das vezes, às imagens de reclusão, solidão e inatividade. A solidão encontra-se muito presente entre os idosos. Em muitos casos, ela é amenizada pelo consumo descontrolado; fenômeno que não é restrito aos idosos. Todos estão sujeitos a viverem situações como esta. Assim concebida, a velhice aparece como caminho de mão única; nega-se a história de vida de cada indivíduo e seus projetos de vida.

Pesquisa realizada por Bell and Weinberg Research ²⁶concluiu que GLSs²⁷ da Terceira Idade têm mais probabilidade de fechar seu círculo de amizades do que os heterossexuais. Como solução para os problemas de integração entre os *seniors* gays, organizações ativistas criaram os retiros GLSs, em substituição aos asilos comuns.

Ao chegar à velhice, muitos indivíduos descobrem novas formas de viver, principalmente em um país em que a injustiça social não permite que uma grande parte dos cidadãos possa descansar, tendo que continuar a trabalhar para poder sobreviver. Mas também existem os que viajam com os amigos, vão conhecer novas cidades, países.

No caso dos homossexuais idosos, as coisas são um pouco diferente; a grande maioria tem uma situação econômica e social superior à da maioria

²⁵ Participaram da pesquisa: Silvia Ramos, Julio Assis Simões e Regina Fachini.

²⁶ Ver: GLS Grisalhos. www.glsplanet.com.br. Consultado em: 06/09/2006.

²⁷ GIS: Gay, lésbica e Simpatizantes.

da população. Reportagem *Negócios do arco-íris* da *Revista VEJA SP* (2007, p.26) constatou que os homossexuais gastam 30% mais do que os heterossexuais.

Apesar de a idade não ser um fator limitador na vida dos indivíduos, é importante viver em um ambiente que permita desenvolver as potencialidades e construir uma auto-imagem positiva. Em uma sociedade normatizada pela heterossexualidade, os idosos gays têm que lutar mais que os heterossexuais para conquistar e preservar seus direitos.

Na sociedade atual, conservar o frescor da juventude, a pele lisinha e com aspecto saudável, o corpo bonito e bem tratado constituem uma busca sem fim; uma verdadeira ditadura! O tempo passa inevitavelmente para todos. Nossa pele e corpo vão exigindo cada vez mais cuidados. Para “*dar conta*” disto, a indústria de cosméticos inventa um novo produto a cada dia: cremes, tônicos e aplicações. Tudo para retardar o envelhecimento.

No Brasil, segundo a revista *UBER*, mais 15% das cirurgias plásticas são realizadas em homens. Esse dado é recente já que, há poucos anos, não passava de 0,1%. Trata-se de um número bem significativo e que revela as mudanças que a sociedade brasileira está passando. Os homens estão se cuidando mais, adquirindo hábitos que até então eram coisa de “*viado*”²⁸. Talvez os homens estejam ficando mais tolerantes ou mais preocupados com a beleza, já que ela é fundamental na sociedade atual. Como afirma Lopes, “*o modelo sócio-cultural vigente ainda prioriza [...] o jovem poderoso*” (2000, p. 50).

Envelhecer é algo que assusta a todos, principalmente os homossexuais, que estão inseridos em uma cultura que tanto valoriza a juventude. Em o Retrato de Dorian Gray, o personagem central, criado por Oscar Wilde, em 1891, tem uma beleza estonteante e só se dá conta da velhice através de seu retrato.

²⁸ Utilizo a palavra “*viado*” da maneira como é popularmente falada; não como uma alusão ao animal; alusão preconceituosa e muito presente em nossa sociedade.

Eu irei ficando velho, feio, horrível. Mas este retrato se conservará eternamente jovem. Nele, nunca serei mais idoso do que neste dia de junho...Se fosse o contrário! Se eu pudesse ser sempre moço, se o quadro envelhecesse!...Por isso, por esse milagre eu daria tudo! Sim, não há no mundo o que eu não estivesse pronto a dar em troca. Daria até minha alma! (Wilde, 2006, p.35)

Na vida real, existem muitos “*Dorians Grays*”; estão nas casas noturnas, nas saunas e nos bares, procurando reproduzir um padrão do passado, mas com corpos que não mais suportam essas agitações.

A busca para retardar o envelhecimento é bastante clara entre homossexuais mais velhos, que lutam pelo corpo “*sarado*”, sem rugas nem manchas na pele: marcas próprias da velhice. É através do culto ao corpo que procuram se manter “*eternos*” adolescentes.

Além de cronológica, a idade é, também, um fato cultural; é socialmente construída, variando conforme as noções de tempo e espaço. Assim, na década de 40 uma pessoa ao chegar aos 50 anos já se encontrava na “*hora extra*”; hoje, como o avanço da medicina, as pessoas estão vivendo mais e melhor. Reconhecer que não podemos voltar no tempo é o início de experiências que somente é possível nesta fase (Cícero, 2006).

Como a concepção de beleza é cultural e histórica, não é possível estabelecer o mesmo padrão de beleza para pessoas que viveram em tempos diferentes. Um exemplo bastante atual: a tatuagem. Antes ligada à violência, tornou-se um símbolo de beleza e de virilidade.

Cabe sublinhar que a cultura da beleza e do culto ao corpo não é hegemônica entre os homossexuais. Entre eles, há grande variedade de estilos e de gostos; há os que são gordos, os que gostam de manter uma barriginha e os que não acompanham a moda, dentre outros. Quanto aos idosos, há os que ostentam seus cabelos brancos e suas marcas do tempo.

O consumismo e a beleza são muito intensos na cultura gay. O ideal de beleza e juventude entre os homossexuais é tão forte que já influenciou

os padrões heterossexuais. Mas não há como negar que chega um certo momento em que a idade impõe certos limites. (Nunam, 2003)

Entretanto, as pessoas não estão preparadas para enfrentar as marcas do tempo; para se manter atraentes e retardar o envelhecimento, procuram estar sempre na moda, da roupa até a última cirurgia plástica. Levantamento feito pela *RSCG Woldwide*, grupo de comunicação presente em mais de 75 países, constatou que:

Só nos EUA, 35 % dos homens afirmaram comprar regularmente creme anti-envelhecimento, entre 2000 e 2001, o volume de lipoaspirações feitas por homens cresceu 420%. São números impressionantes e que apontam para uma relação de difícil aceitação a situação de envelhecer.²⁹

Em diferentes cidades do Brasil está se fortalecendo um mercado direcionado para os homossexuais. Trata-se de um nicho de mercado com grande potencial de crescimento, além de dirigir-se a um público que busca qualidade, beleza e que revela bom gosto. Mas cabe lembrar que questões econômicas, sociais e etárias desdobram-se em vários tipos de consumidores. As pessoas não ficam jovens para sempre; ao envelhecerem não deixam de viver, de se divertir, de paquerar, amar e, também, consumir.

No caso dos homossexuais, o consumo assumiu um duplo perfil: ao mesmo tempo em que possibilitou a vivência de sexualidade que escapa da norma, fortaleceu a consciência de grupo.

No entanto, o dinheiro “*cor-de-rosa*” não tem significado ampliação da cidadania e diminuição do preconceito. Reportagem publicada na *Revista VEJA SP*, de julho de 2007, relata como os empresários preferem dispensar esse tipo de cliente a ter que atendê-lo; outros empresários preferem adotar uma atitude “*friendly*”, simpática, pois, de acordo com a matéria, trata-se de

²⁹ Ver reportagem na revista *UBER*. Rio de Janeiro, 2000, Ano 1 nº1 .

clientes de alto poder aquisitivo e que gastam 30% a mais que os heterossexuais. No entanto, como lembra Nunan.

O fato de a homossexualidade ter se transformado em um segmento de mercado não quer dizer que o preconceito contra ela esteja menor; pelo contrario, agora ele é velado e, portanto; ainda mais perigoso. Aceitar os homossexuais como consumidores não é a mesma coisa que aceita-lo como cidadão. (2003, p.197)

Outro aspecto que perpassa a vida dos homossexuais é a violência. Para coibi-la, algumas iniciativas, ainda que tímidas, têm sido tomadas por parte do Estado. Um exemplo é o *Programa Brasil sem Homofobia*, lançado, em 2004; em São Paulo, foi reaberta a Delegacia de crimes raciais e delitos de Intolerância (GRADI), que recebe e investiga crimes relacionados à discriminação racial e de orientação sexual.

Voltando à questão da sexualidade, muitos estudos têm demonstrado que o desejo sexual não deixa de existir na velhice. Estudo recente³⁰ como mais de mil homens entre 20 e 79 anos, da Noruega e dos Estados Unidos, demonstrou que os homens têm, aos 50 anos, uma vida sexual mais feliz que aos 30 anos. Isso demonstra que mesmo com todos os problemas e com a função sexual reduzida, a satisfação sexual não morre.

Os homossexuais velhos continuam amando intensamente. Existem até sites para os homossexuais idosos, com salas de bate papo e artigos direcionados para o público idoso. Do mesmo modo, existem filmes de sexo explicito que têm como personagens, idosos em cenas picantes. Assim, envelhecer não é sinônimo de amargura, nem de perda de desejo.

Em pesquisa realizada na França, Bom & D'arc (1979) constataram que, no que tange à vida afetiva e à busca por relações estáveis, os

³⁰ Ver: Homens têm vida sexual 'melhor aos 50 do que aos 30. www.agenciagls.jornalfloripa.com.br; Consultado em 04/05/2006

homossexuais idosos não se diferenciam dos demais homossexuais. Quanto à infidelidade, são mais tolerantes. Outra constatação é quanto ao parceiro ideal: os homens com idade acima de 40 anos preferem parceiros mais jovens ou adolescentes; quanto à frequência das relações sexuais constatou-se a prática de relações em média semanais entre os homens acima de 50 anos. As relações sexuais diminuem com a idade. Entretanto, quando comparadas com as relações de casais heterossexuais se chegou aos seguintes resultados: 53% dos casais heterossexuais com idade acima de 50 anos têm relações sexuais pelo menos todos os meses; entre os casais homossexuais a porcentagem eleva-se para 86%. Esses dados são significativos; no entanto, a pesquisa não explica os fatores que levaram a eles.

Segundo alguns autores, o processo de envelhecimento e a velhice são difíceis para os homossexuais; outros acham que os homossexuais são mais preparados para lidar com o envelhecimento e com todas as implicações nela presentes, pois seriam pessoas que tiveram que aprender, desde cedo, a lidar com preconceitos e a lutar para se manterem vivos (Simões, 2004).

Com focos diversos, diferentes reflexões sobre o envelhecimento e a velhice têm sido feitas. É na interlocução com estas reflexões que buscamos conhecer homossexuais que vivenciam o processo de envelhecimento.

O envelhecimento não é um fenômeno homogêneo; é uma construção social e individual. Não é determinado, mas permeado de idiosincrasias pessoais, histórias de vida, projetos e demandas coletivas.

CAPÍTULO IV

A CIDADE E SEUS AGENTES

1. A CIDADE

Como *lócus* espacial, a cidade aproxima as pessoas. Desde suas remotas origens, ela já tinha esse caráter: aproximar valores e costumes, proteger os seus moradores, além de alojar no mesmo espaço diferentes tipos de pessoas.

Mas ela não é uma apenas um *lócus* espacial de adensamento demográfico; está em constante mudança e de seus poros exalam sentimentos. Em suas “*veias*” circulam a contradições, progresso e desenvolvimento. Entre ruídos emaranhados, a cidade ressurge a cada dia, pois é no raiar de todos os dias que esperanças se renovam e a luta continua para milhares de pessoas, que são a alma da cidade. Ela penetra no íntimo dos indivíduos, como resultado das relações que são estabelecidas em um determinado território.

Pensadores de diferentes áreas têm se dedicado à análise da cidade. Do material pro eles produzido temos três tendências: a primeira entende a cidade como uma variável dependente, que não se auto-explica. Nesta tendência, devem ser considerados fatores históricos; aqui, a cidade é apreendida a partir de causas econômicas, política e sociais. Sendo assim, haveria cidades de tipos variados. Nesta linha inserem-se Marx e Weber, que a vêem como um lugar do mercado. Uma segunda linha de interpretação vê a cidade como variável independente, como um fenômeno social. Aqui, um dos exemplos é a Escola de Chicago. Wirth, um dos nomes mais expressivos desta linha, afirma que a cidade gera uma nova forma de cultura, um novo modo de vida e o “indivíduo urbano”. A terceira tendência

apreende a cidade como uma variável contextual, como lócus de vários processos e fenômenos sociais, sendo que ela não é a principal causa desses fenômenos.

Williams (1989) estabelece uma relação umbilical entre o campo e a cidade. Desta maneira, percebe que não há uma ruptura entre esses dois universos, mas uma relação de interação e complementaridade. De acordo com este autor a cidade é um processo histórico, um local que se modifica conforme as relações se alteram:

(...) A cidade esta associada, no século XVI e XVII, ao dinheiro e a lei, e, no século XVIII, à riqueza e ao luxo; que há uma associação persistente, chegando ao auge no final do século XVIII e no XIX, à imagem da turba, das massas; que, no século XIX e XX, a cidade é associada à mobilidade e ao isolamento. Cada uma dessas idéias tem um certa persistência, mas o isolamento, por exemplo, só aparece como tema importante durante a fase de desenvolvimento metropolitana [...]. (Williams, 1989, p.388).

Para este autor, o homem moderno vive em cidades em que prevalecem à *indiferença*, a competitividade e o isolamento. Desta maneira, o próprio sistema está sempre criando novas formas de vida para os cidadãos.

A sociedade moderna faz com que os homens desenvolvam novos valores; neste aspecto Simmel (1976) nos lembra que o *dinheiro* é o elemento que une os homens nas grandes cidades modernas; nelas desenvolvem novas formas de sociabilidade. Para Simmel, (1976) um dos sentimentos mais freqüentes nos habitantes das cidades é a *solidão*. Simmel (1976) lembra que os habitantes das grandes cidades se cansam e ficam extenuados por correrem em busca de novas “mercadorias” para consumir.

De acordo com Wirth (1976), o entendimento da cidade relaciona-se intimamente com o modo de vida criado neste espaço. As mudanças não se

restringem apenas à questão do adensamento populacional e da industrialização. O homem da cidade não é, por natureza, um homem moderno - no sentido de viver um tempo de mudanças constantes - mas uma simbiose; presente e passado constituem o sujeito urbano, que cria novas maneira de existência.

A cidade é o produto do crescimento e não da criação instantânea, deve se esperar que as influências que ela exercer sobre os modos de vida não sejam capazes de eliminar completamente os modos de associação humana que predominavam anteriormente. Em maior ou menor escala, portanto a nossa vida social tem a marca de uma sociedade anterior [...]. (Wirth; 1976, p.93).

As transformações ocorridas nos últimos séculos, especialmente no mundo do trabalho, exigiram a reestruturação do espaço. As cidades são avaliadas, agora, por seus potenciais produtivos, além de suas capacidades de adaptação às novas tecnologias e aos processos de acumulação de capital.

Nos países pobres, as mudanças substanciais dos territórios urbanos são percebíveis através da ampliação do nível de miséria e, conseqüentemente, da violência e do medo. O que se observa são focos de progresso rodeados de uma coroa de espinhos. O crescimento avassalador gerou uma situação de tensão entre o centro e a periferia. Dentro de uma mesma cidade nos defrontamos com realidades extremas:

Este modelo altamente concentrador faz com que parcelas privilegiadas da população alcancem um padrão de IDH da Noruega ou da Suécia (mais alto IDH) e uma grande maioria se classifique entre o IDH do Brasil, do Vietnã ou de Serra Leoa (médio e mais baixo IDH). (KOGA, 2002, p.22).

Na cidade moderna coexistem diferentes tempos e espaços; ela mistura o novo e o velho, o passado e o presente, a mudança e a conservação. Não é apenas o dinheiro que comanda a vida do homem. Ela é uma somatória de *homos* que convivem e vivem em meio à heterogeneidade e a tornar as relações mais flexíveis; entretanto, isto não elimina as desigualdades, a exclusão e a segregação.

Ela também é felicidade e alegria; é novidade embebida na tradição e na solidariedade. A solidariedade está inscrita na paisagem, nas ruas, nos cidadãos, que são a própria cidade. Como bem definiu Pesavento (2007), a cidade é a junção de diferentes temporalidades e espacialidades; na verdade, não se trata de “*uma cidade*”, mas de varias: a cidade visível, a cidade sensível, a cidade imaginada. No encontro das três encontra-se o humano, nas suas individualidades e conflitos, construindo um espaço que comunga com as diferenças. É isto que caracteriza e diferencia as grandes cidades.

*A cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, portar um **ethos** urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a celebravam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que habitavam. (Pesavento, 2007, p.11. Grifo nosso).*

As metrópoles são pólos que atraem o moderno, mas que, ao mesmo tempo, elas convivem com a violência, conseqüência das desigualdades sociais, econômicas e culturais nelas presentes.

Ao caminharmos por ruas ou avenidas de amplos centros urbanos, temos impressão de que nos deparamos com milhares de rostos que apresentam formidável variedade de expressões (...) se observarmos com maior profundidade, reduzimos as expressões fisionômicas a dois grupos: os que têm medo e os demonstram e os que têm medo e o ocultam sob um estardalhaço de agressividade. (Morais, 1990, p. 11).

Cidade, ruas e personagens são perpassados por alegrias e dramas incomensuráveis; nela o homem escreve sua história e, dessa maneira, compartilha com todos o que seria apenas de um grupo. A rua estabelece a mediação entre o singular e o plural. Como “arena” da vida, abriga personagens variados e com objetivos diversos. É isto é que dá sabor à vida urbana.

Os grandes centros urbanos têm, como uma de suas principais características, a diversidade³¹ cultural, moral e social. Neles, o controle social é afrouxado; desta maneira, muitos grupos podem viver sem sofrer tanta repressão. Isto demonstra que não é apenas o trabalho que atrai as pessoas. Muitos encontram, nos grandes centros, a liberdade que não tinham nas cidades pequenas, onde os valores tradicionais são muito fortes.

A multiplicidade de cores, formas, sons, cheiros são o fascínio da cidade. No ir e vir, as pessoas compartilham os mesmos espaços, até mesmo o mesmo assento, mas não estabelecem relações. São apenas corpos a ocupar espaços. Para um observador desatento, a sensação é de “caos”. No entanto, quando observamos atentamente, vemos um ambiente em que se percebem pequenos gestos de solidariedade e amizade. São as festas de final de ano em ônibus coletivos, é o espeto de “gato” na rua, enfim, situações que transformam, ainda que momentaneamente, desconhecidos em “conhecidos”. Estas “redes do acaso” formam novas relações que se desfazem com a mesma rapidez em que se formaram.

³¹ São muitos sotaques, costumes, estilos e comportamentos, é uma variedade de pessoas que circulam e ocupam o mesmo espaço.

Entretanto, nelas reinam, também, preconceitos e estigmas ligados ao gênero, à etnia e à sexualidade. Assim, não podemos afirmar que nas grandes cidades a liberdade está garantida para todos. Ela deve ser conquistada, já que o espaço é permeado por disputas entre diferentes segmentos sociais. O espaço é *político*.

Ruas, avenidas, prédios e praças são espaços de ações e relações, de lutas e derrotas de agentes sociais em suas interações, numa sincronia que possibilita a ampliação e o aprimoramento da democratização do espaço urbano.

O “*lugar*” é aquilo que os seus moradores ou freqüentadores fizeram; espaço com alma, com vida; ele é a confluência do bem e do mal, do doce e do azedo, do triste e do alegre, da contradição que cria a síntese da vida. Estamos tão perto e tão distantes; tudo flui na mesma direção e a solidão é companheira assídua. São muitos na multidão, mas cada um com seu mundo e em seu “*pedaço*”³²; diante do outro não há tempo a perder. O tempo tornou-se dinheiro, a tradição ficou na folhinha, o que se tem é o momento presente, o agora.

Os corpos são diversos e nos fornecem um painel de cores e cheiros; dos verdes passando pelos vermelhos até chegarmos aos tons sombrios do preconceito, da violência e da miséria. É nesta diversidade de cheiros e cores que observamos as muitas formas de exclusão (de classe, raça, religião e orientação sexual.).

Porém, criam-se brechas nas quais configurações sociais são resgatas e mesmo mantidas: festas religiosas, encontros de amigos, carnavais de bairro, ruas e tradições, bairros e moradores que lutam para continuar a comungar dos mesmos objetivos e sonhos. A capacidade humana de pensar e de criar, inventar e sonhar é plenamente exercida na construção de novos espaços coletivos, tanto físicos como virtuais.

³² A noção de “pedaço” é explicitada à frente, nesta dissertação.

De acordo com Canevacci (1993), para compreender a cidade é necessário *perder-se*; este autor entende que é só na condição de estrangeiro que se pode descortinar o que se esconde atrás do aparente “caos”.

*Estou convencido de que é possível elaborar uma metodologia da comunicação urbana mais ou menos precisa, com a seguinte condição: a de querer **perde-se**, de ter prazer nisso, de aceitar ser **estrangeiro, desenraizado e isolado**, ante de se poder reconstruir uma nova identidade metropolitana. (...) O desenraizamento e o estranhamento são momentos fundamentais que (...) permitem atingir novas possibilidades cognitivas, através de um resultado “sujo”, de misturas imprevisíveis e casuais entre níveis racionais, perceptivos, como unicamente a formacidade sabe conjugar. (Canevacci 1993; p. 16; grifos nossos).*

A cidade de que trata é uma cidade viva que, mergulhada nas suas contradições e similaridades, não esconde sua beleza; procura não se distanciar de suas mazelas, já que elas devem ser comunicadas; busca encontrar o fio que mantém unidos os sujeitos no enredo que é escrito todos os dias na busca por uma vida melhor.

A cidade só poderá ser um espaço de convivência no momento em que for atenta para a superação da segregação e a criação de mecanismos que possam suplantam os muros da indiferença e gerar ambientes permeados pelo respeito às diferenças e a dignidade da pessoa humana.

Para Telles,

As cidades são atravessadas ou constituídas por uma dinâmica societária cada vez mais complexa, heterogênea, diferenciada, com novas clivagens

surgindo e cruzando transversalmente a estrutura de classe, desfazendo identidades tradicionais e criando outras tantas, gerando uma pluralidade de interesses e demandas nem sempre convergentes, quando não conflitantes e excludentes (1994, p. 52).

Em Lefebvre lemos:

A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (...), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. Entretanto, as transformações da cidade não são os resultados passivos da globalização social, de suas modificações. A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (...); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem a metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações. Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de ordem próxima e a ordem distante, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por conjuntos de significantes. (...) A cidade é uma mediação entre as mediações. (...) A cidade é obra, a ser associada mais com um a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma reprodução de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizaram essa obra nas condições históricas. (Lefebvre, 1969, p.47)

2. São Paulo e o “Pedaço”

“Os Cortejos”

Mario de Andrade

*Monotonia das minhas retinas...
Serpentinas de entes frementes a se desenrolar...
Todos os sempre das minhas visões! “Bom giorno caro”.*

*Horríveis as cidades!
Vaidades e mais vaidades...
Nada de asas! Nada de poesia! Nada de alegria!
Oh! Os tumultuários das ausências!
Paulicéia- a grande boca de mil dentes;
e os jorros dentre a língua trissulca
de pus e de mais pus de distinção...
Giram homens fracos, baixos, magros...
Serpentinas de entre frementes a se desenrolar...*

*Estes homens, de São Paulo,
Todos iguais e desiguais,
Quando vivem dentro dos meus olhos tão ricos,
Parecem-me uns macacos, uns macacos.
(Andrade, 1987, p. 84)*

Para conhecer São Paulo não é preciso ter mapas; lança-se nela de maneira a descobrir seus diferentes verbos e substantivos e, assim, poder compor uma bela história com diferentes atos e atores, embalados por diferentes sons e luzes. Para Canevacci, a cidade é polifônica; ela comporta muitas formas de interpretação, todas direcionadas para a mesma questão que é a vida numa grande cidade.

(...) a cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias ruídos e sons, regras e improvisações cuja soma total, simultânea ou fragmentaria, comunica o sentido da obra. Estou convencido de que por meio da multiplicação de enfoques – os “olhares” ou “vozes” – relacionados com o mesmo tema, seja possível se avizinhar mais à

representação do objeto, que é, neste caso, à própria cidade. (1993, p.18).

O novo e o velho dividem paredes. São Paulo tem as igrejas e seus grandes monumentos que marcam o tempo histórico. Walter Benjamin nos fornece uma belíssima reflexão a esse respeito:

Ninguém se orienta pela numeração das casas. São lojas, fontes e igrejas que dão os pontos de referências... Uma porta singela, muitas vezes apenas uma cortina, é a entrada secreta para os que a conhecem. Uns passos os transferem da balbúrdia de pátios sujos para a íntegra solidão do ambiente espaçoso e caído da igreja. (2000, p. 148).

Ao ler “(...) os transferem da balbúrdia (...) para a íntegra solidão”, temos a sensação de estarmos falando do centro de São Paulo. Quando entramos na igreja da Ordem Terceira do Carmo, na região da Praça da Sé, construída em 1632, no estilo barroco, temos a sensação de voltarmos ao passado, além de entrarmos em contato com um tempo que nos leva à contemplação e à reflexão. Porém, é só andarmos uns cinquenta passos e estamos de volta à correria da sociedade do consumo e do trabalho.

É neste ambiente no qual presente e passado estão intimamente ligados que o homem urbano vive. Suas relações são construídas e intermediadas por uma diversidade de referências, tornando-os ecléticos nos seus estilos de vida, nas suas vestimentas, em seus signos lingüísticos.

A cidade de São Paulo é o centro financeiro e cultural do Brasil. Poderíamos até mesmo dizer que é a capital política, visto que muitas decisões são tomadas aqui, como também é uma das primeiras no ranking de violência e miséria. É uma cidade rica, mas de riqueza mal distribuída. Koga (2002) constatou as diferenças existentes entre as cidades brasileiras

através do IDH³³; diferenças presente no interior de cada cidade. Ela nos lembra que o IDH representa um instrumento importante para se estabelecer um olhar sobre as condições de vida das pessoas, nos diferentes espaços da cidade.

Caldeira (2000) mostra um retrato da cidade de São Paulo através do processo de urbanização e suas diferentes fases. Revela a cidade e seus diversos personagens que, permeados por questões de econômicas e sociais, criam diferentes espaços. Traça um panorama do desenvolvimento urbano de São Paulo e a maneira como o poder público realizou a modernização de São Paulo.

A urbanização de São Paulo passou por diferentes fases; mas a marca da exclusão social esteve presente em todas. Três momentos marcam a história da cidade: do final do século XIX até 1940 o local de moradia era o diferenciador social. À época, o centro era para todos, mas as condições das moradias eram diferentes. Para o patrão, casas amplas e ventiladas; para os operários, quartos, pensões, cortiços. (Caldeira, 2000.).

Da década de 40 até os anos oitenta, do século passado, o processo de crescimento de São Paulo ampliou as desigualdades. Não era mais possível operário e elite ocuparem o mesmo espaço. Estabelece-se a relação *centro-periferia*; o centro ficou valorizado e caro, restando aos trabalhadores recorrerem às bordas da cidade, onde a distância e a ausência de infra-estrutura eram condições recorrentes.

Caldeira (2000) lembra que esta forma de segregação foi superada depois das mudanças da década de 80. A partir de então, tornou-se necessário repensar a cidade não como um espaço que tem a distância com elemento que segrega, mas sim a proximidade.

sobrepostas as padrão de centro-periferia, as transformações recentes estão gerando espaços nos

³³ IDH: Índice de Desenvolvimento Humano.

quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de seguranças, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. O principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é os enclaves fortificados... Esses novos espaços atraem aqueles que estão abandonando a esfera pública tradicional das ruas para os pobres, e os marginalizados e o sem-teto. (Caldeira; 2000, p. 211).

A cidade de São Paulo cresceu desordenadamente. Em 1872, a população era de 31 mil habitantes; na virada do século XIX para o XX já contava com mais 531mi habitantes. Em 1940, sua população era de 1.326.000 habitantes e, na década de 80, atingia em 8 milhões de habitantes. As mudanças ocorridas neste curto espaço de tempo geraram muitos problemas sociais, econômicos e políticos. (Caldeira, 2000).

Foram grandes os investimentos públicos destinados à modernização do sistema de transporte público: bondes elétricos, ônibus, abertura de avenidas e estradas. O objetivo: aumentar o fluxo de pessoas e mercadorias. No início do século XX, São Paulo era uma chaminé em total funcionamento. Hoje é a cidade dos Helicópteros; temos uma das maiores frotas do mundo. A cidade se desenvolve através da ampliação da comunicação; antes eram os trilhos que levavam ao progresso, agora são os cabos de fibra ótica.

Em São Paulo, o processo de urbanização sofreu influências européias, principalmente de Paris (Simões Junior, 2004), onde o processo de urbanização e modernização esteve atrelado à questão do controle da cidade. O sistema viário é uma das marcas deste processo; liga as áreas centrais à periferia, local onde se concentra a mão de obra, por meio de ruas largas e de avenidas. (Ortiz, 1991)

Ao descrever o desenvolvimento da cidade de Paris e o seu processo de urbanização, Ortiz (1991) nos fornece a sensação de estar descrevendo a cidade de São Paulo, com suas modernas construções do início do século

XX, suas amplas avenidas, o novo sistema de transporte público e, ao mesmo tempo, a triste realidade: a retirada dos pobres do centro para que a elite pudesse usufruir deste espaço.

Grandes empreendimentos imobiliários de alto padrão, destinados às classes média e alta, foram responsáveis pela melhoria da infra-estrutura do centro. Por financiar esses empreendimentos, o Estado teve um papel preponderante. Entretanto, os pobres ficaram à margem destes financiamentos, pois as exigências eram tantas que os trabalhadores não conseguiam atender todos os critérios, sendo deixados à própria sorte.

Como aconteceu em Paris, antes não existiam os bairros de elite e operários. Como afirma Ortiz, referindo-se a Paris:

Não havia bairros de burgueses e bairros de populares uma massa de indivíduos se aglomeravam de maneira indiferenciada nos edifícios. (...) Esta indiferenciação será rompida com o processo de ocupação do solo urbano. (1991, p. 200).

Em São Paulo ocorreu o mesmo, só que o processo de separação aconteceu a partir do século XX.

A São Paulo que conhecemos é resultado de um amplo processo de modernização; é a capital do progresso, que atraiu pessoas de todo o Brasil em busca do sonho de “fazer onda”. A cidade foi, também, palco de greves que mudaram as condições de vida dos trabalhadores e ampliaram os espaços de participação; além de acolher diversas manifestações culturais, (como a *Semana de Arte Moderna*), passeatas e marchas em prol da redemocratização. Isto demonstra como esta cidade é um vitral que irradia cores de diferentes tonalidades; o que é caos transforma-se em luz.

Cabe indagar sobre o papel da memória, da memória coletiva, da cidade, lembrando que ela vive e que pulsa no coração e na mente das pessoas. A

cidade resiste firmemente em manter viva a lembrança, o que pode ser observado quando andamos por seus diversos “pedaços”. Nos lugares mais longínquos, percebemos a cidade de ontem convivendo com a modernidade de hoje, através dos monumentos, das ruas, dos edifícios, das brincadeiras de crianças, das músicas e das festas comunitárias que resgatam a cidade de outrora. Mas ela também esta viva nas pessoas, principalmente nos mais velhos; eles são a memória viva desta grande metrópole. São estes que assumem a responsabilidade de manter viva a memória da cidade. É através deles que nos damos conta que São Paulo é uma e, ao mesmo tempo, muitas.

*Uma cidade se constitui também pelo conjunto de recordações que dela emergem assim que o nosso relacionamento com ela é restabelecido. O que faz com que a cidade se anime com as nossas recordações. E que ela seja também **agida** por nós, que não somos unicamente espectadores urbanos, mas sim também atores que continuamente dialogamos com seus muros, com as calçadas de mosaicos ondulados, com uma seringueira que sobreviveu com majestade monumental no meio de uma rua, com uma perspectiva especial, um ângulo oblíquo, um romance que acabamos de ler. As memórias biográficas elaboram mapas urbanos invisíveis. (Canevacci, 1993, p.22; grifos nossos).*

Escreve Cavenacci:

No contexto metropolitano os indicadores espaço tempo se fundem numa totalidade nova e concreta: de um lado, o tempo se torna visível, anima-se, torna-se carne, ou parede, rua, edifício; de outro lado, o espaço se torna estratificado em história, incorpora o tempo, une os diversos enredos dos contos urbanos. (1993, p.88)

Essas diferentes cidades também estão presentes nas lembranças de seus moradores, que mantêm vivos os bairros, as ruas e até mesmo a cidade de outrora, mas para cada indivíduo a cidade ganha um jeito próprio singular.

Grades e sofisticados sistemas de segurança tornaram-se adereços do espaço urbano. Cada edifício, cada casa expõe a melhor e mais eficiente grade, dando a seus moradores a sensação de estarem protegidos dos desafios exteriores. O homem tem deixado o espaço coletivo, as ruas, para se restringir aos espaços privados dos grandes condomínios e *shoppings centers*, representação máxima da pós-modernidade, local liberado e protegido.

*Em qualquer cidade que vive a pós-modernidade – entre as quais São Paulo – esses lugares cobertos são herdeiros das **passages** parisienses, nas quais a proteção do externo se refere tanto à meteorologia _ o grande calor ou a grande frio – como às intempéries sociais. O espaço fechado e a vigilância dos guardas privados permitem um controle muito mais rigoroso das agressões. Estar numa **passage postmodern** significa estar a salvo. Relaxar a tensão. Sentir-se protegido. (Canevacci, 1993, p. 139; grifos nossos).*

A violência é experimentada, por grande parte dos cidadãos, nas condições de vida miseráveis, no transporte coletivo superlotado, na ausência de atendimento público de qualidade. As elites olham assustadas para essa situação de desordem e buscam encontrar os culpados. Ontem era a crise sanitária; hoje é a violência; violência associada, via de regra, a membros das camadas populares. Antes, a ameaça vinha dos cortiços; hoje, situa-se nas favelas e nas periferias pobres.

A desigualdade de acesso aos benefícios da cidade tem aumentado a quantidade de pessoas em situação de rua, o que é uma forma de violência. A condição humana é colocada na lata do lixo. As ações para acabar com esta situação são as mesmas de tempos passados, ou seja, políticas

públicas de limpeza, como está sendo realizada pela prefeitura de São Paulo na região da Luz.

sob a alegação de existência de comércio e consumo de drogas ilegais e da degradação na região, a prefeitura do município de São Paulo desencadeou uma série de ações, denominadas “operação Limpa”. A nova-velha “higienização” do espaço urbano por meio repressivos e de “limpeza”, no mais, leva à expulsão e eliminação da população em situação de rua. (Santos, 2007, p.42)

Mas essas ações têm apenas um objetivo: jogar a sujeita para debaixo do tapete e não solucionar o problema.

Parcela significativa de sua população é de mais de 11 milhões de habitantes (cerca de 10%) é constituída por pessoas com idade igual ou maior de 60 anos; são idosos que viveram vários momentos diferentes da cidade e que puderam perceber as mudanças nela ocorridas.

Em um mesmo espaço podemos nos deparar com o gari, o advogado, a prostituta e o segurança, o novo e o velho, o antigo e o moderno, todos em um mesmo lugar. Essa diversidade de sujeitos e modos de ser é encantadora para os que respeitam as diferenças e percebem a riqueza de estar rodeado de histórias diversas, mas que se somam na construção do mesmo espaço.

A indiferença - irmã gêmea do preconceito - é também, um exemplo de violência. Por ser uma cidade da rapidez, os que não são rápidos permanecem à margem; assim, os velhos que lutam todos os dias para continuar a ocupar as ruas, são mal tratados, sendo-lhes negado o acesso a determinados bens e serviços. Ao entrarem em um ônibus, vemos motoristas que não param no ponto, passageiros que não cedem lugar para o idoso e calçadas repletas de obstáculos.

Segundo Minayo,

As violências contra idosos se manifestam de forma: (a) estrutural, aquela que ocorre pela desigualdade social e é naturalizada nas manifestações de pobreza, de miséria e de discriminação; (b) interpessoal que se refere às interações e relações cotidianas e (c) institucional que diz respeito à aplicação ou à omissão na gestão das políticas sociais e pelas instituições de assistência. (2004, p.14).

Assim, São Paulo não é, de fato, uma cidade para todos; o é para os jovens que podem transitar pelos espaços de maneira rápida e atravessar ruas no tempo dos semáforos. O idoso fica a mercê da boa vontade dos motoristas e dos pedestres. O velho torna-se um peso para os outros.

Outro tipo de violência freqüente é a ligada à orientação sexual. Em São Paulo, diariamente, alguma pessoa sofre violência física ou emocional por causa da orientação sexual: travestis, lésbicas e homossexuais sofrem cotidianamente violência. Estão sempre sujeitos a agressões por causa de sua sexualidade.

A violência direcionada a essa categoria social é praticada por muitos agentes sociais. Ela desconhece fronteiras de classe, de raça e religião, entre outras. Na luta contra essa situação, os homossexuais têm se unido, assim com também certos segmentos da sociedade e do Estado têm manifestado apoio a favor da livre expressão sexual.

Como toda grande metrópole, São Paulo recebe pessoas de todos os locais do mundo. É uma cidade pluralista, que abriga diversos sotaques e línguas, ritmos e santos. Diferentes personagens compõem o cenário paulistano, conferindo à cidade sua especificidade.

São Paulo se destaca como um grande centro cultural e de lazer (Magnani, 1996). Nesta cidade, os indivíduos têm muitos locais para sair e se divertir: teatros, cinemas, parques, Shoppings Centes, restaurantes, shows, etc. Toda essa atividade mantém a cidade funcionando vinte e quatro horas. A qualquer hora do dia ou da noite é possível ir a um restaurante, ver uma peça de teatro, beber em um bar ou apenas dançar. Os estilos são

variados, mas de tudo se tem um pouco; em cada parte da cidade há “nichos” de acordo com o que se busca.

Os homossexuais constituem um desses grupos; mesmo com todos os perigos que estão sujeitos a sofrer, buscam exercer o direito de expressar seus desejos e prazeres. Existem locais – de diferentes perfis - de reconhecimento social; redutos exclusivos de homossexuais, localizados em diferentes regiões da cidade. Um exemplo é a região dos Jardins que recebe um público de maior poder aquisitivo. Neste vasto cenário de possibilidades de trocas entre diferentes personagens, um chama especialmente a atenção: o Centro Histórico da cidade (Rolnik, 2002), formado pelos distritos da Sé e Republica.

“*Centro*” é o espaço da cidade que consegue agregar uma variedade de estilos e sabores, constituindo um território da diversidade de funções e de personagens; é um “*mix*” de tudo que a cidade tem; é nele que os personagens desta investigação se encontram.

Paisagem Nº. 2

(....)

*Deus recortou a alma de Paulicéia
Num cor de cinza sem odor...
Oh! Para além vivem as primaveras eternas*

(...)

*São Paulo é palco de bailado russos.
Sarabandam a tísica, a ambição, as invejas, os crimes
E também as apoteoses da ilusão...
Mas o Nijinsky sou eu!
E vem a Morte, minha Karsavina!
Quá, quá, quá! Vamos dançar o fox-trot da esperança,
A rir, a rir dos nossos desiguais!
(Mario de Andrade, 1987, p. 96)*

3. O Centro: ontem e hoje

Para analisar este território no qual transitam diferentes personagens utilizaremos as seguintes categorias de análise: *mancha*, *pedaço*, *trajeto* e *circuito*. Parece-nos que são categorias adequadas para nosso objeto de investigação

A primeira – “*mancha*” - se caracteriza como um espaço amplo de interação entre equipamentos, edificações e vias de acesso, estabelecendo-se ponto de referência para a prática de determinadas atividade e grupos, neste caso os homossexuais. Já o “*pedaço*” define as relações que têm um caráter de proximidade, manejo de símbolos e códigos comuns.

*Quando o espaço - ou segmento dele - assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações recebem o nome de **pedaço**. (Magnani, 1996, p.32).*

O “*trajeto*” é a ponte que liga diversos pedaços a diferentes manchas. Refere-se ao fluxo no espaço da cidade e no interior das manchas. O “*circuito*”, *por sua vez, liga* espaços, equipamentos e estabelecimentos em torno de um mesmo público ou de um mesmo serviço; não é contínuo na paisagem urbana, sendo “*reconhecido na sua totalidade apenas pelos usuários*”. (Magnani, 1996, p. 45).

O centro se caracteriza como um local de convivência das diferenças. É um local de passagem. Desta maneira, as pessoas não fincam raízes, no sentido da tradição, mas estão à deriva do “*poder*” de determinar a atitude do outro. O que existe é uma disputa de variados níveis de poder para a negociação do espaço. Enquanto nos bairros as pessoas podem ser mais conservadoras e tradicionais, e os valores mais homogêneos e dominantes, no centro isto não ocorre. As pessoas têm que conviver com diferentes

opções, tipos, costumes, valores sociais e normas morais. Assim, pode-se dizer que o centro é um espaço democrático.

O centro é um local de referência e de sociabilidade de diversos grupos; local de encontros e de socialização. Para os homossexuais, ele representa um espaço de vivência de desejos; podem passar despercebidos pela multidão e ali encontram seus pares. Assim, o centro é uma mancha, como bem definiu Magnani (1996).

Tomando essas categorias de análise podemos afirmar que o centro expandido de São Paulo é um *circuito gay*; o centro histórico é uma mancha de estabelecimentos e equipamentos para os homossexuais. Nesta mancha localizamos um local muito especial: a Avenida Dr. Vieira de Carvalho, alçada, aqui, à condição de “pedaço” para alguns frequentadores.

O centro é o *lócus* de variadas letras sobre orientações sexuais “marginais” (GLBTT). Enfim, pessoas que ocupam a região central tanto para morar, como para trabalhar e se divertir. No centro temos parte dos principais ambientes de lazer e culturais para homossexuais. Mas esta presença dos homossexuais no centro não é recente³⁴. Silva (1958) constata a importância que este local tem na vida desses indivíduos, para encontros de iguais.

No início do século XX, as práticas homoeróticas foram reprimidas pela polícia, principalmente os homens que eram pegos trajando roupas e bijuterias femininas. Eram presos sob a alegação de atentado violento ao pudor. O modo de vestir podia levar uma pessoa a ser internada em um sanatório. Eles eram conhecidos como “*pedófilos*”, “*frescos*”. Muitos homens mantinham uma vida discreta e buscavam seus parceiros em locais privados como bordeis e bares. (Green, 2000).

Os relatos sobre práticas homoeróticas vinculam-se ao estereótipo de “*efeminados*”: trajavam roupas femininas e eram delicados e frágeis. Os que não se enquadravam dentro deste estereótipo raramente estavam presentes

³⁴ Ver *Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário*; J.F.B da Silva. 1958.

em estudos sobre a homossexualidade. Neste período, ser discreto relacionava-se ao status social. (Green& Trindade, 2005)

A região do centro de São Paulo compreende o espaço que tem como limites, a Avenida São João, a Rua Rego Freitas e a Rua Consolação até o Vale do Anhangabaú. É freqüentada por homens que mantém relações afetivas e sexuais com outros homens, desde o início do século XX até os dias de hoje. (Green, 2000). Como o centro tem a característica de concentrar muitas pessoas e facilitar a sociabilidade de grupos que são estigmatizados pela sociedade, é possível encontrar nele grande variedade de tipos e estilos, de ritmos, sotaques, e mesmo idiomas.

Green (2000) nos lembra que o Vale do Anhangabaú se tornou um belo parque depois do processo de urbanização realizado pela prefeitura, em 1911; tornou-se um local freqüentado por homens interessados em atividades homoeróticas, principalmente por estar localizado próximo a hotéis baratos e quartos para aluguel, além de cinemas, usados como espaços semi-públicos. Outro local de efervescência homoerótica era a Avenida São João com seus vários bares e cinema luxuosos.

A Avenida São João e o parque do Anhangabaú não eram os únicos espaços públicos no centro de São Paulo, nos anos 30, onde os homossexuais se reuniam. Outro ponto era a elegante Praça da República, próxima dos bordéis e também da área comercial burguesa ao longo da Rua Barão de Itapetininga. (Green, 2000, p.162).

O Vale também esteve presente nos poemas de Mario de Andrade:

Anhangabaú

Parques do Anhangabaú nos fogaréus da aurora...

*Oh larguezas dos meus itinerários...
Estátuas de bronze nu correndo eternamente,
Num parado desdém pela velocidade...*

*O carvalho votivo escondido nos orgulhos
do bicho de mármore partido no salon...
Prurido de estesias perfumando em rosais
O esqueleto trêmulo do morcego...
Nada de poesia, nada de alegrias!...*

*E o contraste boçal do lavrador
que sem amor afia a foice...*

*Estes meus parques do Anhangabaú ou de Paris,
Onde as tuas águas, onde as mágoas dos teus sapos?
"meu pai foi rei!
- Foi.-Não foi.-Foi.- Não foi."
Onde as tuas bandeiras?
Onde os teus rio frio encanecido pelo nevoeiros,
Contando historias aos sacis?...*

*Meu querido palimpsesto sem valor!
Crônica em mau latim
Cobrindo uma écloga que não seja Virgílio!...
(Mario de Andrade, 1987, p. 92).*

Em trabalho realizado na década de 50, do século XX, Silva mapeou os principais locais de freqüência homossexual na cidade de São Paulo:

A região principal que tem sobrevivido, por muito tempo, como ponto de encontro de grande parte do grupo homossexual de São Paulo, pode ser caracterizado por um grande T, formado pela confluência das Avenidas São João e Ipiranga, tendo como pontos cardeais os cinemas Oásis, ArtPalácio e início da Rua São Luiz. A vida de rua encontra alguns focos principais: imediações do café Mocambo (Rua dos Timbiras), Bar do Jeca (esquina da Avenida São João com a Ipiranga), o passeio de todo o quarteirão formado pela Avenida São João com a Ipiranga, o Praça da República e Rua dos Timbiras, Avenida São João desde o cine Oásis até o ArtPalácio (lado ímpar), Praça Dom José Gaspar (principalmente diante dos bares), Praça da Sé, Praça Clovis Beviláqua, Praça João Mendes, Praça Ramos de Azevedo (em frete à loja Mappin Store). À tarde, na Rua Barão de Itapetininga, e nos bares da República, Nick Bar, Pari Bar, Mocambo, Jeca, Cremarie, Brahma, Baiúca. Os cinemas ArtPalácio (principalmente às

segundas-feiras), Oásis, Marabá (principalmente às quartas-feiras), Cairo, Pedro II, Cinemundi, Santa Helena. Banheiros Públicos, principalmente os da Praça da Republica, do Largo do Arouche, do Largo Paissandu, da Praça Ramos de Azevedo e dos cinemas e bares citados. Estações de ônibus intermunicipais, estações de estrada de ferro e quartéis. (Silva, 2005, p. 73)

Por seus belos jardins reformados, por suas fontes ou pelos rapazes a espera de prazer, a Praça da Republica é um reduto famoso; homens jovens que ficam parados na expectativa de um convite para um passeio “*picante*”. Nesta praça também podemos observar o encontro de homens de diferentes idades que nela encontram prazer sexual e afetivo. Outros locais são os cinemas que exibem filmes pornográficos, cinemas que exibiam, no passado, filmes estrangeiros. Neles não apenas se assistem aos filmes, como também se buscam parceiros para relações sexuais.

A ocupação dos espaços da cidade pelos homossexuais tem ocorrido de forma sutil e discreta. Há muita resistência, por parte da sociedade, de aceitar suas presenças no espaço público.

Espalhados por diversos bairros, mas todos próximos ao centro, São Paulo abriga vários bares e boates. Se fôssemos fazer um mapa diríamos que a região central é uma *mancha* que concentra um público gay de condições financeiras baixas, enquanto os gays ricos ocupam a mancha da região da Paulista. No entanto, a região central atrai homossexuais de diferentes classes, raças e religiões.

Dentre os vários nichos de homossexuais, há os que se destacam por ter uma clientela de homossexuais idosos, a exemplo do Cinema Dom José, que fica localizado na Rua Dom José de Barros, esquina com a Av. São João. Seus freqüentadores assistem a filmes pornográficos e relações sexuais nas dependências do cinema (banheiro e masturbação coletiva). Os freqüentadores são de idades variadas, mas jovens que gostam de idosos ali vão para encontra parceiros.

Outro local que chama atenção é o ABC Bailão³⁵, situado na que fica na Rua Marquesa de Itu. É uma boate que recebe pessoas mais velhas com música de vários estilos, além de manter um ambiente amistoso e respeitador. Nela não é permitido ficar sem camisa. Tem também o “*dark Room*”³⁶, onde homens de cabelos brancos e bigodes dançam agarradinhos. Muitos jovens o freqüentam, assim como também casais onde a idade não é um impeditivo do amor. É possível ver senhores com jovens de 20 anos. As quintas-feiras são destinadas aos idosos, que têm 50 % de desconto. Além disto, é montada uma mesa com alguns petiscos. O horário também é especial: das 21 horas à meia noite.

Além desses dois locais, a Avenida Vieira de Carvalho é o local de passagem para os homossexuais ali é um pedaço do centro que concentra uma quantidade de instalações destinadas para esse publico, ou melhor, é um ambiente eclético e que acolhe diferentes personagens.

4. A Vieira de Carvalho

✓ Histórico.

Antes de se chamar Dr. Viera de Carvalho, era a Rua do Pocinho. No fim do século XIX, este pedaço da cidade era conhecido por seus festejos religiosos. Por estar ligada à Praça da República³⁷, era reduto de festas e diversão. Antes disto, foi espaço de touradas e de diversão dos paulistanos (Marques; 1966).

A Rua do Pocinho, que tinha a Cruz da Santa do Pocinho - com suas festas e leilões, fogos de artifícios e baianas com seus tabuleiros - foi, desde sua origem, reduto da agitação e da alegria. Em maio, acontecia a festa da

³⁵ Antes do Bailão existia ali, a casa noturna Homo Sapiens, muito famosa durante a onde de visibilidade homossexual em São Paulo, nos anos 70,80. (Simões& França, 2005)

³⁶ É um quarto escuro, em alguns casos, com corredores estreitos, onde pessoas mantêm relações sexuais, masturbação coletiva e “*amassos*” quentes.

³⁷ Antes de se chamar Praça da Republica (1889), era Largos dos Curros; em 1865 foi substituída por Largo Sete de Abril. (Marques, 1966).

Santa Cruz do Pocinho. Segundo Moura (1980), havia ali uma igreja que atraía a população.

Posteriormente, transformou-se em Avenida, pois sua importância em termos de circulação se ampliou. Continua com reduto de alegria e festa, mas o seu público mudou; as festas religiosas já não existem, as lembranças da igreja se apagaram, o mesmo acontecendo com as festas de Maio.

No início do Século XX, a região era reduto dos barões do Café, que nela ergueram construções. Nas décadas de 50 e 60 era reduto de lojas, restaurantes finos e agências de turismo. Dos comércios mais antigos da Avenida destaco a loja *Formen*, que vende roupa social masculina. Existe desde 1959 e seu dono era sobrinho de D. Maria Luiza, proprietária da antiga chácara que ali existia. Segundo relatos, já havia sido um armazém, uma galeria de arte e, posteriormente, a loja que até hoje está ali. Outro local interessante é a galeria de arte que existe na esquina da Rua Vitória, com mais de 70 anos. Soubemos, através de conversas informais, que a clientela desta era formada por pessoas da alta sociedade, como, ministros, artistas e intelectuais; estes não mais a freqüentam, pois a “bicharada” ocupou a Vieira, trazendo a criminalidade e a falta de vergonha. Um dos sujeitos contou: *“no tempo dos militares era muito bom, porque ele fazia uma limpeza... A bicharada traz tudo que não presta, bandidos, drogados, meninos de rua...”*.

Em Paisagem Nº 03, de Mário de Andrade, lemos:

*Chove?
Sorri uma garoa cor de cinza,
Muito triste, como um tristemente longo...
A casa Kosmos não tem impermeáveis em liquidação...
Mas neste largo do Arouche
Posso abrir o meu guarda-chuva paradoxal,
Este lírico plátano de rendas mar....*

*Ali em frente.... – Mário, pões a máscara!
- tens razão, minha Loucura, tens razão.
O rei de Tule jogou a taça ao mar...*

Os homens passam encharcados...

Os reflexos dos vultos curtos

*Mancham o petit-pavé...
As rolas da Normal
Esvoaçam entre os dedos da garoa...
(E si pusesse um verso de Crisfal
No De Profundis?...)
De repente
Um raio de Sol arisco
Risca o chuvisco ao meio.
(1987, p.99)*

✓ **A Vieira de Carvalho hoje**

Considerada a menor Avenida do Mundo, pelo *Guinnes Book*, é a de maior alegria. Quem nela entra é recebido por um belíssimo índio, escultura de um índio nu “O Caçador”, de João Batista Ferri. Figura que está de acordo com o ambiente. Afinal, é uma Avenida dos (as) caçadores, da busca de paqueras, de festas e muita alegria. Assim é ela, que foi apropriado pelo(a)s homossexuais. Trata-se de um reduto de diversas faces e diferentes momentos; para uns, foi sinônimo de glamour e bons costumes, para outros, espaço de liberdade e diversidade.

Constitui-se em uma área tanto residencial, como comercial. Por estar localizada no Centro comercial de São Paulo e por ser de fácil acesso, recebe hospedes de várias partes do Brasil e do exterior. Além dos hotéis, há adegas, bancos, lojas de roupa, de bebidas, de informática, de livros, de obras de arte, de materiais esportivos e de caça e lojas de doces tradicionais. Como lócus espacial, ainda preserva o charme de tempos passados. Possui canteiros com belas árvores, que dão à sensação de estarmos nas avenidas parisienses.

Hoje ela concentra grande variedade de estabelecimentos de serviços. No lado par temos: dois hotéis, três edifícios comerciais, dois edifícios residenciais, uma casa lotérica, um restaurante, quatro bares, duas boates, duas lanchonetes, duas lojas de produtos esotéricas, uma livraria, uma loja de armas, uma *Lan House*, duas cafeterias e uma galeria de arte. Do lado ímpar temos: três lojas de roupa, quatro prédios residências, uma

lanchonete, duas doceiras, dois bares, um hotel, uma farmácia, um banco, uma loja de serviços aéreos, uma *Lan House* e uma loja de artigos de casa. Ela é uma “*mancha*” de lazer e entretenimento para diferentes homossexuais. Os estabelecimentos que tem uma clientela direcionada aos homossexuais são os bares e as boates.³⁸

De relance este pedaço da cidade poderia parecer apenas mais um entre outros tantos da cidade. Durante o dia é um local comum da cidade, com as suas lojas abertas e os pedestres a transitar. Mas conforme a noite vai se aproximando, os restaurantes, bares e lanchonetes vão se transformando em reduto de homens de varias idades, tipos e estilos; o que os diferencia dos demais clientes é que são homens que gostam de homens.

Com uma variedade de estilos, gostos e cheiros, texturas e cores, nela os indivíduos constroem e destroem sonhos: são os amores rompidos e as paixões descobertas. Cada espaço, cada local, cada calçada recebe pessoas de diversas camadas sociais e idades; alguns ocupam o mesmo ambiente, outros são restritos a quem pode pagar. Há locais para os que gostam de pessoas gordas, assim como para os que gostam de pessoas mais velhas.

No final da década de 80 houve um relativo esvaziamento da rua; porém, a partir da década de 90, ela ressurgiu como uma mancha popular do circuito homossexual. A Avenida tem uma divisão nítida; em seu do lado par rua ficam os bares que recebem os jovens; no lado ímpar, os bares que atendem os velhos. Nenhum dos lados se comunica; cada uma fica na sua calçada. Os jovens que freqüentam a calçada dos homens maduros são aqueles que gostam de homens mais velhos.

Existe uma variedade de serviços destinados aos homossexuais e simpatizantes: bares, lanchonetes, livrarias e boates. Nestes estabelecimentos, os olhares repressivos da moral e dos bons costumes não os atacam. Podem paquerar e namorar tranqüilamente, sem serem

³⁸ Antes da década de 60 não existiam estabelecimentos comerciais exclusivos para homossexuais na região central de São Paulo.

importunados. Do total de estabelecimentos, dois atendem idosos. Dentro desta mancha destaca o bar *Caneca de Prata* e a *Lanchonete Nova Viera*, ambos localizados no lado esquerdo da Avenida.

✓ ***Caneca de Prata***

O Bar existe desde 1962; é pequeno e tem com um balcão reto do lado esquerdo; do lado direito possui algumas mesas. O ambiente é aconchegante, a iluminação é escura; muitos senhores ficam sentados nas mesas. Os balcões são estratégicos para paquerar. É um bar ao bate papo, com música ambiente e um serviço de boa qualidade. Do bar é possível observar o movimento da rua. Em sua frente ficam pessoas tomando cervejas, observando o movimento e conversando. Podemos observar a presença de uma variedade de tipos e estilos. É o bar mais antigo de São Paulo com frequência homossexual.

✓ ***Lanchonete Nova Vieira***

A lanchonete tem uma clientela eclética; seu ambiente é simples, estilo “boteco”, com portas amplas de aço. É bem iluminado e os clientes ficam sentados no balcão em formato de W; além disto, tem mesinhas na calçada, diferenciando-se do *Caneca de Prata*. Observa-se, também, uma concentração na calçada; senhores que, em rodinhas, dão risadas e conversam.

Os freqüentadores desses dois estabelecimentos mantêm vínculos de amizade próxima; ele pode ser visto como *um pedaço*. A maioria das pessoas se conhece; um clima amistoso e alegre pode ser observado. Alguns moram nas proximidades, tendo o local como momento de colocar em dia as últimas notícias e de reencontrar os amigos. Para alguns freqüentadores, não é um bar, nem uma lanchonete; é uma parte deles.

Os garçons dos dois estabelecimentos se mostram receptivos; mantém vínculos próximos, conhecendo muitos clientes pelo nome. Em certos momentos, são “*pombos-correio*”, levando bilhetes e recados para futuros pretendentes.

✓ **Personagens**

Durante o dia, essa área tem um funcionamento eclético, com atividades comerciais e empresariais; à noite, abriga uma vida noturna bastante efervescente. O mesmo ocorre nos finais de semanas e feriados, quando ela é “invasa” por uma multidão de pessoas: homens e mulheres que buscam ali diversão.

A circulação de pessoas é variada: donas de casa, profissionais liberais, jovens e adultos. Os estilos são diversos: da gravata à camiseta. O público que frequenta a Vieira de Carvalho é bastante heterogêneo, há os que a usam como meio de passagem e os que nela têm seu local de atividades. Durante o dia passam por lá travestis, prostitutas, garotos de programa, advogados, estudantes, meninos de rua, senhores e senhoras.

Quando a noite chega, novos personagens entram em cena: homens elegantes e que têm em comum práticas homoeróticas. Esse é o “*pedaço*” de muitos indivíduos. É nele que transcorre a vida do dia-dia, a troca de informações e os conflitos; é nele que as atividades de trabalho e lazer se desenvolvem. Esses personagens constroem vínculos e estabelecem formas singulares de relações.

Muitos homens acima de 60 anos frequentam a Vieira. A Avenida é uma demonstração do que significa envelhecer em nossa sociedade: ser segregado mesmo em uma “mancha” de pessoas socialmente estigmatizadas. À estigmatização pela orientação sexual soma-se outra: a relacionada à idade.

Reafirmando, pela Vieira circulam diversos tipos: jovens com diversas marcas e estilos: alguns provenientes da periferia, que chegam de ônibus ou

de metro e que usam este local para se preparar para encontrar os amigos e irem para as boates, outros passeiam com seus carros e sons em alto volume, com suas musicas eletrônicas e numa atitude de poder. Os travestis também freqüentam a rua; alguns a pé, outros em seus carros importados. Observa-se, também, no canteiro central, a presença de garotos de programa.

Os “*ursos*”, são homens que buscam imprimir um estilo que nega a afetação e a “*frescura*”; ressaltam traços masculinos, como barba e pêlos, contrapondo-se ao critério do corpo bem definido.

Os homens idosos, são discretos; em sua maioria, têm um poder aquisitivo estável. Há senhores de diferentes faixas etárias; são alegres, e não têm atitudes de “*afetação*”. A elegância é muito presente entre esses senhores; sempre bem vestidos, mantém uma aparência física impecável, com barba feita e cabelo cortado.

Entre eles não observei a presença de travestis, nem de homens afeminados. Segundo comentários, eles não gostam deste tipo de pessoa, pois ridicularizam os homossexuais. Neste ambiente, observa-se a presença de homens mais jovens e casais de faixas etárias diferentes. Os códigos e o linguajar usados neste *pedaço* são diferentes dos demais freqüentadores desta *mancha*. Usam muito a expressão “*entendido*” para se referir a uma pessoa homossexual. Suas maneiras de se aproximar de um pretendente são discretas e respeitosas, oferecendo uma bebida e puxando um bom papo.

CAPITULO V

PESQUISA DE CAMPO

1. Abordagem Metodológica e Procedimento de Coleta de Dados

Quando iniciamos um trabalho de pesquisa nos deparamos com um dilema: qual caminhos escolher para atingir os objetivos propostos? Quando iniciei esta investigação a preocupação em construir um trabalho pautado em uma análise que levasse em consideração a diversidade dos sujeitos e os considerasse como seres singulares, ainda que compartilhassem uma categoria mais geral: a orientação homossexual.

Cada pesquisa exige a adoção de uma abordagem metodológica específica; na investigação realizada optamos pela abordagem metodológica qualitativa. Entendemos que esta abordagem é a mais adequada para a compreensão do binômio “velhice e homossexualidade”, na medida em que permite que os sujeitos exponham mais e melhor suas idéias e visões de mundo.

Tratando-se de uma pesquisa que se debruça sobre o envelhecimento de homossexuais masculinos e seus dilemas, as dificuldades são diversas. Dificuldades relacionadas ao que denominamos de dupla estigmatização: gênero e idade. Sendo assim, a abordagem qualitativa nos pareceu mais adequada, pois busca não a quantificação dos dados, mas a compreensão dos significados que as pessoas dão para suas vidas e, ao mesmo tempo, como analisam sua condição de idosos.

Enfim, a opção metodológica resultou da consideração do fato de que ela contempla aspectos que envolvem sentimentos, atitudes, desejos, e aspirações; aspectos relacionados a significados e intencionalidades. Além disto, as abordagens qualitativas propiciam uma relação de troca – direta, face a face – entre sujeito e pesquisador.

Por outro lado, dos vários procedimentos de coleta de dados próprios das abordagens qualitativas (a exemplo de entrevistas, grupos focais, histórias de vida etc.), a opção feita foi pela entrevista individual em profundidade.

Segundo Minayo,

Ao lado da observação participante, a entrevista – tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de colheita de informações sobre determinado tema científico – é a técnica mais usada no processo de trabalho de campo. (2000, p. 107)

Remetendo-se a Kahn & Cannell, Minayo lembra que a entrevista constitui uma

Conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistados, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistados) em temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo. (2000, p. 108)

Como afirma Gaskell,

A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição sine qua

non da entrevista qualitativa. Tal compreensão poderá contribuir para um número de diferentes empenhos na pesquisa. Poderá ser um fim em si mesmo o fornecimento de uma “descrição detalhada” de um meio social específico; pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica. (2002, p. 65)

Para o mesmo autor,

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto central para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos [...]. (2002, p. 65)

Uma das características da entrevista em profundidade é a ausência de um roteiro pré-estabelecido. O que temos é um tema que é explorado junto aos entrevistados, sem que ele seja claramente expresso ao longo dos encontros. Com isto, a entrevista parte do que se convencionou chamar de “*questão detonadora*” (“quem é você?”) e, no seu transcorrer, estimula os sujeitos a falarem mais sobre cada tópico levantado. No horizonte, o que temos é nosso problema central (a velhice entre homossexuais); problema que deve aparecer nas falas dos sujeitos. Caso não apareça, ela deve ser introduzida em algum momento da entrevista (normalmente, quando o sujeito se aproxima do tema). O fato de a indagação central não ser formulada faz com que, muitas vezes, seja necessário, mais de um encontro.

Diversamente das pesquisas quantitativas, não foi feita qualquer “amostragem” dos sujeitos. Isto porque, retomando Gaskell,

A amostragem carrega, inevitavelmente, conotações dos levantamentos e pesquisa de opinião onde, a partir de uma amostra estatística sistemática da população, os resultados podem ser generalizados dentro de limites específicos de confiabilidade. (2002, p. 67)

Os sujeitos foram selecionados a partir de nossa familiaridade com a realidade a ser investigada. A única condição para a seleção foi os sujeitos terem 60 anos ou mais de idade e se auto-definirem homossexuais.

Sabemos que nem todos os homossexuais partilham as mesmas opiniões sobre a velhice. Frente a isto, consideramos que o número de entrevistas deveria ser tal que permitisse cobrir diversas (certamente não todas) formas de viver a velhice na homossexualidade. Afinal, nossa finalidade

Não [foi] contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão. Em um meio social específico [...], o que nós estamos interessados em descobrir é a variedade de pontos de vista no assunto em questão [...] e, especificamente, o que fundamenta e justifica estes pontos de vista. (Gaskell:, 2002, p.68)

Considerando a heterogeneidade da categoria, obtivemos uma variedade de informações, de diferentes sujeitos de condições sócio-econômicas diversas (renda, escolaridade, ocupação etc.). Foram entrevistados sete sujeitos de diferentes idades.

Os encontros foram gravados (com a permissão do entrevistado) posteriormente foram transcritos; ao iniciar as entrevistas os sujeitos receberam informações gerais sobre o trabalho e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I).

Paralelamente, o desenvolvimento desse trabalho dependeu do

recurso a fontes secundárias; fontes representadas por referências bibliográficas e consultas a jornais, revistas especializadas³⁹ e Internet. A localização de referências bibliográficas – igualmente consideradas fontes secundárias – foi fundamental para a contextualização do tema.

Autores radicados nas ciências sociais, especialmente na antropologia e na sociologia, ao lado de outros situados na gerontologia, enquanto ciência social aplicada, forneceram os pilares para a exploração do binômio “*velhice/homossexualidade masculina*”, tema deste trabalho.

Buscamos, também, o apoio em alguns dados quantitativos sobre a dinâmica populacional e a atual transição demográfica⁴⁰, representada pelo estreitamento da base da “*pirâmide*” e alargamento de seu ápice⁴¹, com o aumento da participação dos idosos na população total.

Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados a partir das referências teóricas apreendidas como significativas; a partir da análise dos discursos, buscamos compreender um dos temas mais recorrentes na vida dos sujeitos e como lidam com ele. Cabe sublinhar que não foi nossa intenção, em momento algum, generalizar as conclusões a que chegamos. No entanto, acreditamos que muito do que nos chegou através dos seis sujeitos é mais geral do que podemos imaginar. Assim, não procuramos enxergar o céu através de um grão de areia.

2. A Coleta de Dados

No desenvolvimento da pesquisa me deparei, inicialmente, com a dificuldade de encontrar sujeitos que concordassem em participar da

³⁹ Revistas dirigidas especificamente aos homossexuais, homens e/ou mulheres.

⁴⁰ Para os países em desenvolvimento, como o Brasil, já há que se refira, a exemplo de Alexandre Kalache, da OMS (Organização Mundial de Saúde), ao processo como “*revolução demográfica*”.

⁴¹ Pirâmide é a figura geométrica usualmente empregada para representar a distribuição da população por faixas etárias.

mesma. De início realizei uma observação participante na Avenida Vieira de Carvalho, por ser ela um local tradicional de homossexuais.

Realizei esta “visita” em uma quinta feira, dia em que acontece um baile específico para os homossexuais idosos. Este baile é realizado na Boate ABC Bailão, localizada na Rua manque de Itu, proximidades da Avenida Vieira de Carvalho.

Estar na “Vieira”, mais especificamente no Bar *Caneca de Prata* e na *Lanchonete Nova Vieira*, contribuiu para a interação com os freqüentadores, sempre na posição de freqüentador. Em momento algum me identifiquei como pesquisador, pois isto poderia afastar as pessoas. Nestes dois espaços pude observar a presença de muitos senhores idosos. Segundo os freqüentadores da Boate ABC bailão, o baile começa por volta das 21 horas. No local é montada uma mesa com salgados. Nestes bailes de quinta-feira, os homens com idade acima de 50 anos pagam meia-entrada.

Durante as duas horas em que fiquei no local conheci um senhor para quem expliquei a proposta do meu trabalho e indaguei se ele se disponibilizaria a participar. Para minha surpresa, a receptividade foi grande e ele se mostrou disponível. Trocamos telefones e, uma semana depois, marquei a entrevista.

Depois desta primeira entrevista, retornei novamente a “campo”, ou seja, à Vieira de Carvalho. Elaborei um cartão com o meu telefone e convidando homens com idade igual ou maior de 60 anos a participar da pesquisa. Além disto, estabeleci novos contatos com a esperança de conseguir novos sujeitos. Durante estes contatos, todos se mostraram atenciosos e reconheceram a importância da pesquisa, entretanto nenhum dos indivíduos contatados entrou em contato.

Diante desta dificuldade, recorri à Internet; mais especificamente às salas de bate-papo e aos grupos. Entrei também em sites de “homens maduros”, dado que estes espaços são acessados por diferentes indivíduos, entre eles idosos. Uma vez mais, não obtive êxito. Isto porque se trata de

espaços direcionados para encontros sexual-afetivos e não para pesquisas acadêmicas.

Busquei outros meios. Fui aos grupos de militância, certo de que poderiam conhecer pessoas dispostas a me fornecerem depoimentos; por outro lado, este expediente facilitaria o contato, pois envolve pessoas que não gostam de se expor, principalmente para um estranho como eu. Também estive na Associação da Parada do Orgulho Gay de São Paulo, onde não consegui nenhuma indicação. Fui então ao Fórum ONG Aids, onde recebi o nome de um senhor de 70 anos que poderia participar da entrevista. Liguei para este senhor que prontamente aceitou participar.

Precisava encontrar outros sujeitos; voltei, então, à Vieira de Carvalho. Desta vez, procurei ser mais direto com as pessoas. Minha estratégia foi ficar parado na calçada, entre o *Bar Caneca de Prata* e a *Lanchonete Nova Vieira*. Trajado roupa esportiva e tinha em mãos um pequeno caderno. A atitude era de observador. À medida que as pessoas passavam e que alguns grupinhos se formavam eu era abordado pelos senhores que vinham “conversar”; a pergunta chave era: “o que faz aqui jovem?” Esta era a deixa para eu poder falar do meu trabalho e convidar para participar da pesquisa.

Foi quando conheci um homem de 40 anos que gosta de “senhores”; tanto que tem um companheiro de 82 anos. Ele logo se interessou pela pesquisa e se disponibilizou a me indicar outros idosos para participar da pesquisa.

Depois de trocas de telefones e e-mails, ele entrou em contato e marcamos o primeiro encontro. Fui apresentado a um senhor e, a partir deste, os demais apareceram; sempre por intermédio dele. Apresentou-me a quatro idosos homossexuais que gentilmente me concederam o privilégio de conhecê-los um pouco. Além destes, entrevistei também o “informante”⁴².

⁴² Por informante entenda-se, no contexto desta dissertação, o homem de 40 anos que fez a intermediação com os outros sujeitos. A idéia de utilizar um “informante” foi dada pela banca do Exame de Qualificação.

Ao iniciar as entrevistas, falava da investigação e deixava claro o anonimato dos entrevistados; lembrava, também, da possibilidade de desistência ao longo da entrevista.

Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e, finalmente, analisadas. Além das entrevistas, os sujeitos preencheram um formulário contendo informações sobre a idade, a escolaridade, o estado conjugal, a profissão, a renda pessoal/familiar, os filhos.

As entrevistas transcorreram no clima de um bate-papo; afinal, os sujeitos estavam livres para falar de sua vida e de suas experiências. Durante as conversas, fiz algumas intervenções para que retomar o foco do trabalho.

Os encontros com os entrevistados aconteceram em locais públicos (praça e clube), na residência ou no local de trabalho. Cada entrevista foi realizada em apenas um encontro; com duração média de cada uma foi de 90 minutos.

Durante as entrevistas, os sujeitos mostraram-se, de início, receosos em falar de sua intimidade; porém, no decorrer delas se sentiram a vontade para falar sobre suas vidas e seus pontos de vista sobre questões referente à sexualidade, à velhice e à família. Isto só foi possível pela relação estabelecida entre pesquisador e entrevistado. Todos fizeram questão de deixar registrada minha cordialidade e simpatia.

3. Os Sujeitos

Como cada vida é única e singular, os sujeitos foram identificados com nomes retirados da **Mitologia Grega**.

- A. **Hermes**: 64 anos; Superior Completo; Profissão: Advogado; Solteiro; 01 filho adotivo.

Conheci Hermes na Vieira de Carvalho. Foi o primeiro com quem realizei a entrevista. Seu depoimento foi realizado em seu escritório. Um homem muito

atencioso e educado. Em uma sala reservada conversamos por 90 minutos. É um homem religioso; buscar manter sua vida privada de maneira discreta, principalmente no seu ambiente de trabalho. É um homem apaixonado pela vida e está em busca de uma grande paixão.

B. Hefestos: 66anos; Segundo grau; Profissão: Massagista Esportivo; Solteiro; Não tem filhos.

Em um belo fim de tarde, nos encontramos na *Praça São Bento*, juntamente com meu informante, que apresentou Hefestos. Depois das apresentações ficamos a sós. De início, Hefestos se mostrou reservado em falar de questões de sua intimidade, preferindo falar de sua profissão e de seu trabalho voluntário numa entidade espírita. Conforme fui explicando a pesquisa, passei a ganhar sua confiança. Hefestos é um homem inteligente; se mostra contrário às novas formas de manifestação da homossexualidade. Defende a postura e os bons costumes. Durante sua juventude manteve um relacionamento de 21 anos. É um homem que tem uma vida ativa, trabalha, namora; tem muito estímulo de viver.

C. Eros: 82 anos; Segundo Grau Técnico; Profissão: Contador Aposentado; Namorando há 3 anos; 01 filho adotivo

Os primeiros contatos com Eros ocorreram através de telefonemas. Sua indicação veio através de meu informante. Como Eros é um homem com uma vida cheia de compromissos, durante duas semanas tentei marcar um horário em sua agenda. Foi somente depois de alguma insistência que consegui marcar para um domingo, às 9 horas da manhã. Era seu único horário disponível. O encontro aconteceu em seu apartamento, fui acompanhado de meu informante, pois é muito reservado e se sentiria mais assim. . Ao chegarmos, Eros mostrou seu apartamento. A decoração é

composta de pinturas de familiares, fotografias de suas irmãs e de seus pais. É um ambiente aconchegante e rodeado de memórias; memórias trazidas por Eros em meio a muita emoção. Fez ele lembrar de bons momentos junto com seus familiares. Mostrou-nos o quarto em que estão guardadas imagens de Santos Católicos; o mesmo quarto que era ocupado por seu companheiro que havia morrido há três anos. Desde então, mantém o quarto do mesmo jeito, sem mudar nada do lugar. Depois dessa apresentação ficamos na cozinha onde, durante 120 minutos, conversamos sobre diversos assuntos. Neste tempo, o clima era descontraído. Ele abriu seu coração e nos relatou um pouco de sua vida e de como vê esses novos tempos. Tem uma alegria de viver contagiante.

- D. **Dionísio:** 70 anos; Primeiro Grau Incompleto; Profissão: Aposentado por idade; Separado da Esposa; 03 filhos (02 biológicos e 01 adotivo).

Cheguei até Dionísio através do Fórum Ong-Aids. Em um sábado ensolarado fui até sua residência, na cidade de Guarulhos. É um local muito distante do centro; viajei durante duas horas. Sua casa fica localizada em uma região de floresta, com poucas casas ao redor. Para chegar até ela desci na estrada principal e andei uns quinhentos metros por uma estrada de barro. Em uma casa de dois cômodos, sem acabamento e de chão batido, encontrei um homem guerreiro e muito alegre. Sua postura diante da vida é admirável; não se desanima com as dificuldades e demonstra ser uma pessoa que vive em nome do coletivo. Um homem simples, mas muito consciente do seu papel na sociedade.

- E. **Poseidon:** 63 anos; Pós-graduação; Profissão: Advogado; Solteiro; Não tem filhos.

Em uma manhã de quarta-feira nos encontramos em uma das unidades do Sesc/SP, local onde o Poseidon pratica atividades esportivas. É um homem ativo e

muito alegre; é filho único, cuida da mãe e trabalha. Está no segundo relacionamento que já dura 21 anos. É um homem com um olhar de seu tempo.

F. **Apolo:** 70 anos; Escolaridade: pós-graduação; Profissão: Empresário; Solteiro; 01 filho biológico.

O amor é algo que marcou e que marca a vida deste homem. Sua relação com a família é muito forte; seus amores são as marcas de sua história. “Contradição” é o que melhor define esse homem culto e refinado; hora se coloca à frente de seu tempo, ora quer que o tempo seja o de outrora. Durante 90 minutos conheci um pouco deste homem, de suas emoções, de suas angustias e preconceitos.

4. Resultados e Análise dos Dados

O preceito básico e inicial para a análise dos “achados” de uma pesquisa é a escuta atenta das fitas e da degravação das mesmas. Por vezes, este ato deve ser repetido várias vezes. É só a partir de então que passamos à organização do material coletado e à análise dos mesmos; análise que deve pautar-se tanto pelo respeito aos sujeitos, como pelos referenciais teóricos adotados. A análise dos dados constitui um momento peculiar; momento em que deve entrar em cena a sensibilidade e a capacidade de síntese. Cabe confessar que estas habilidades não são dadas, nem fáceis; pelo contrário. O que é fácil é perder o rumo, o foco! É quando um passarinho postado em nosso ombro nos alerta: “volte ao problema, não se afaste dele!” Tudo isto é garantir que a singularidade dos sujeitos seja mantida, preservada; que seu olhar sobre si e sobre a realidade que o cerca não seja “contaminado”.

Mas também sabemos que o que falamos e pensamos não resulta, apenas e tão somente, nossa singularidade; nossas idiossincrasias são perpassadas por normas e valores socialmente estabelecidos, pela posição que ocupamos no sistema social, pelos grupos a que pertencemos etc. Do

mesmo modo, nós – pesquisadores – não estamos inunes às nossas idiossincrasias, igualmente atravessadas pelas mesmas disposições acima citadas. Seria ingênuo acreditar que o que “lemos” da realidade corresponde - tal e qual – à realidade. Foi em meio a estas determinações que realizamos a análise dos dados; análise que não se pretende conclusiva, fechada e acabada; assim, o que apresentamos é uma dentre outras possibilidades analíticas (que espero sejam realizadas por outros pesquisadores).

Baseamos a análise das entrevistas em autores que foram importantes para contextualizar e refletir sobre homossexualidade masculina e velhice. A leitura cuidadosa, rico material obtido com as entrevistas sugeriu a possibilidade de trabalhar com as seguintes categorias de análise: “orientação sexual”, “velho e velhice”, “homossexualidade e velhice”, “percepção corporal”, “sociabilidade”, “sexualidade”, “solidão” e “o futuro”.

✓ **Orientação Sexual**

Quando indagamos sobre a iniciação na homossexualidade perguntamos sobre sua orientação sexual, eles assim responderam:

“eu tinha um primo que quando ia em casa, a gente sempre brincava, assim, um comi o outro. [...] Assumir com 23 anos, depois de um namoro fracassado com uma mulhe [...]”.
(Hermes).

“eu me tornei homossexual, por causa de padre, eu fui uma das vitimas da pedofilia por parte religiosa, entende, é aquela que você sem querer, daí a sua vida é um inferno porque antigamente era tudo de baixo do pano, tudo por baixo do pano, hoje não, já tão se manifestando, Com sete anos, comecei a ser coroinha. O padre começou a ficar, mas não era só eu, não eram vários. (o que eles faziam), eles querem abraços, querem beijar, que Por a mão aqui (apontou para a região pubiana). Fazia isso com vários, tanto é que, eu fui me afastando, me afastando, [...] Foi, foi

*piorando justamente, sexo oral, sexo anal. Eu não tinha tração por homem ainda, [...]. A gente com aquela educação de adulto não fica nu perante uma criança e vice e versa. [...] ai já o padre, já vem com aquela historia, isso é pecado, aquilo é pecado. Quer maior sofrimento do jovem é saber si é ou não é pecado ser homossexual, é ou não pecado. Isto durou, mas ou menos sete anos, depois eu me afastei, [...], não quis saber mais da igreja.(...) com vinte poucos anos, sem querer, conheci uma pessoa [...] ai foi que começou um caso, que durou vinte e um anos, morávamos juntos, tivemos algumas propriedades tal, mas foi aquele negócio, assim, “você gosta de mim?”, então vamos ficar juntos e não vamos freqüentar mas ambiente que tem gay, [...] se ele não tivesse morrido estaria juntos até hoje. [...]”. **(Hefestos)***

*“Eu na verdade eu queria me casar, queira ter filhos, era um sonho que eu tinha.”. **(Eros)***

*“Eu posso dizer que eu não tive assim uma juventude, minha vida foi trabalhar desde criança, mas com idade de 12 pra 13 anos já comecei sentir essa tendência né, essa fixação pelo mesmo sexo, mas nada assim, mas ai ia pra aquelas cachoeiras tomar banho, mas os moleques é a molecada começava a me acariciar e tudo e por ai começava, uma certa tendência né [...] desde a idade de 14 anos . Lá pus 14,15 anos ai comecei até um relacionamento assim, com alguns moleques e tal. Isso lá no nordeste, eu sou do Ceará [...] naquela época era uma coisa assim, muito escondida, é tanto que o pessoal lá no nordeste é aquele tipo machista usava o termo “baitola”, [...]. Eu me casei com 27 anos, [...] construí família, tive 3 filhas, e fui mora em Fortaleza depois de casado, e andei saindo aqui e acolá, de vez em quando com mulher, com homem, mas tudo raramente, não era muito uma coisa freqüente, mas aquela tendência muito forte dentro de mim. **(Dionísio)***

*“[...] eu comecei a ter relação homossexual aos 20 anos”. **(Poseidon)***

“o meu primeiro problema foi enfrentar a homossexualidade, essa foi difícil. [...] até 20 anos eu fudia tudo que era mulher, minhas amantes eram todas de beira de cais. [...] Quando chegou os 20 anos, eu vim para São Paulo, eu sofri duas seqüências emocionais muito forte com mulheres, as duas mim deixaram

meio travancado, e eu tinha um amigo mais velho que eu, (Peter) e ai uma noite fomos dançar, era meu aniversário e ele falou assim: “vamos dançar?” “Eu não danço com homem, mas hoje é seu aniversário, tudo bem”, e no meio da dança ele me tacou um beijo e eu gostei, com ele fiquei nove ano.” (Apolo)

Pelas respostas, percebemos que a descoberta da homossexualidade ocorreu das mais diversas formas. Para uns, representou momento de descoberta; para outros, violência e dor. A adolescência é uma fase da experimentação; tanto Hermes, quanto Dionísio teve suas primeiras experiências homoeróticas ainda adolescentes. A descoberta do desejo homossexual não teve tempo nem lugar. Do mesmo modo, não impediu a experiência de outra orientação, no caso a heterossexualidade. Apolo e Dionísio são exemplos disto. O desejo não é algo cristalizado na “*alma*”, nem propriedade do indivíduo. Guiddens (1993, p.24) nos lembra a historia de um senhor de 65 anos que após a morte da esposa, apaixonou-se por outro homem e assumiu sua nova orientação sexual.

✓ **Velho e Velhice**

Durante as entrevistas indagamos aos nossos entrevistados, quais as imagens que eles tinham sobre a velhice e ser velho. Tivemos as seguintes respostas:

“Tenho 64 anos [...], me sinto um moleque, um rapaz, um rapazinho. Corro, ando na rua depressa, tenho atividade, tanto como jovem, então pra mim não tenho problema com a velhice. [...] A velhice ta na cabeça das pessoas. eu graças a Deus... tenho força, tenho vitalidade”. (Hermes).

“Eu to com meia meia (66). [...]velhice é uma coisa, idoso é outro. Porque a velhice é a pessoa que reclama de tudo, não estão contente com a vida e não tem esperança no dia de amanhã, agora o idoso não, vai ficando velho devagarinho ele continua lutando, continua trabalhando e continua passeando, ele continua

dançando, pra ele não existe velhice, ele é simplesmente uma pessoa de idade, simplesmente isso”. (Hefestos)

Eu não me considero velho, eu danço, eu tenho muita alegria dentro de mim. Eu tive infarte, espasmo cerebral. [...] mas eu não ligo que eu sou uma pessoa que tenho a idade que eu tenho. Se eu tô aqui sozinho, de repente eu tô cantando, to dançando. E assim eu vou levando a minha vida aqui. [...] (Eros)

“É mudaram muitos chama de terceira idade, melhor idade. [...] Olha eu no meu ponto de vista, no meu modo de ver, a velhice pra mim não mudou nada. A velhice pra mim não mudou nada. A velhice pra mim é acumulo de idade, que você vai acumulando é lógico que você tem 20 anos quando você passa pra 30 anos você não é mais 20 anos, são 30 anos e a idade vai caminhando, eu tô com 70 anos, mas eu não me considero um velho, me considero uma pessoa normal, velho é só a idade, mas o me coração , eu sempre digo em palestras que eu faço em reuniões: o coração é de criança e a cabeça é de jovem, só é velho meu passado Eu não sei o que é velhice pra mim as vezes, as vezes vem um cara com 35, 40 anos já mucho, já cansado, eu não, graças a Deus eu não sei o que isso pra mim não tenho isso em minha vida. [...] eu acho assim a velhice não é o fim, é um caminhada e uma experiência que você tem que acumulou e procurar viver. quando você tem condições, possibilidade viver uma vida saudável a idade não pesa nada, tem tudo isso, então eu me considero uma pessoa muito feliz, graças a Deus ,”.
(Dionísio)

“Eu acho a minha velhice é ótima, tem pra pessoas que não é, tem as vezes que tem problemas de saúde, né. Eu apesar de ser hipertenso ter um pouquinho de diabete, eu sou uma pessoa que corro, ando muito, faço tenho muita atividade.[...]. Então comecei da minha luta, trabalho, às vezes faço alguns cursos, faço minha ginástica, faço minha hidro, faço alongamento, faço ioga, ando o dia todo, prefiro andar, mas a pé que de condução, entendeu. Então eu não tenho uma vida incendentaria (sic), eu tenho uma correria diária. [...] eu tenho minha cabeça que eu vou ficar andando até o fim da vida, entendeu, vou me relacionar com todo mundo até o fim da vida, não sei se vou me manter um relacionamento sexual porque não sei, amanhã pode ser que dê um piripaque aí que dê um diabetes que eu precise tomar um remédio pra diabetes e que acabe tesão.” (Poseidon)

eu não acho ninguém velho, primeira coisa, velho é uma disposição mental que você tem.[...] (Apolo)

Pelas respostas dadas observamos a reposição das mesmas imagens associadas à velhice e ao “velho” socialmente estabelecidas; portanto, são imagens que perpassam as diferentes categorias sociais; imagens que vão ao encontro ao que inúmeras pesquisas têm revelado: velhice é sinônimo de inatividade, perdas e declínio. Para se contrapor a essa imagem recorre-se ao mecanismo de exaltação de aspectos próprios da juventude, como rapidez, vitalidade e alegria. Três entrevistados (Hermes, Dionísio e Apolo) alegaram que a velhice é algo atemporal, pois depende da mente da pessoa. As definições de velho e velhice foram também contestadas por dois entrevistados (Hefestos e Dionísio), ao diferenciarem “velho” de “idoso”, de Terceira Idade e de Melhor Idade; estas últimas seriam, segundo eles, mais apropriadas. A velhice também é vista como um estado de espírito e o acúmulo de anos.

O preconceito com relação à velhice e ao velho revelam-se às avessas, ou seja, ressaltando a juventude. Como afirma Debert,

A juventude perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas. (2004, p. 21).

Essa negação decorre, certamente, de uma sociedade que estabelece padrões de comportamentos que, próprios de fases anteriores à velhice, são divulgados, exaltados e incorporados à vida das pessoas.

O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo homem. O coeficiente de adversidades das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas

mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. (Bosi, 2004, p.78)

✓ **Homossexualidade e Velhice**

Ao serem indagados como era ser um homossexual velho e se percebiam diferenças - positivas ou negativas - entre a velhice de homo e de heterossexuais idosos, responderam:

“Não sei, isso é uma pergunta difícil de se responder. [...] Solidão, Achava que não era fácil. [...] Acho que o heterossexual chega numa certa idade ele procura companhia, seja homem, ou seja, mulher, não importa pra ele, quer uma companhia, não importa que seja homossexual. . [...] Estou levando, não sou frustrado, achava que teria dificuldade de paquerar, encontrar companheiros, e pelo contrário, tem mais agora que quando eu era jovem”. (Hermes)

“Hoje eles estão idosos, não tem ninguém, tem seu apartamento, a sua moradia tal, e vivem isolados, o que eles fazem: vivem pelas ruas, o mesmo desprezo que eles deram quando eram mais jovens, eles estão tendo agora, porque a vida é assim: o que você faz, você recebe de volta, seja o que for [...]”. (Hefestos)

“É triste, é mais difícil, se não tiver um companheiro, é muito difícil para pessoa. Eu mesmo as vezes aqui me sinto triste, embora eu não me sinto nesta parte da velhice. As vezes uma pessoas pra gente conversar, tem meus cachorros. [...]De uma pessoa, com eles eu converso, [...] Se tiver um companheiro tudo bem, mas se ficar sozinho é pior, é triste, mas tanto faz ser homossexual ou não a pessoa sozinha eu acho que é triste. Eu acho que hoje já não ta tendo tanta diferença”. (Eros)

“È bem diferente, porque o homem casado tudo só depende da parceira dele, chega a uma certa idade que eles ficam meio frio, só deitam pra dormir, não tem mas aquela sensação, já o idoso quando é homossexual ele tem sempre aquela tendência, ele tem sempre aquela sensação mesmo tendo uma relação estável, mesmo assim, ele tem que ter aquilo que eu falei, quando é uma

coisa que tem sempre uma seqüência se ele teve uma vida de cinco, dez anos juntos, teve sempre uma relação, sempre uma vez por semana, ele sempre tem que ter aquilo ali, pode não ter aquela penetração vantajosa e tudo mas sempre rola um clima, sempre tem que ter[...]Pra muitos a velhice é um problema muito grande, isso pesa muito, no meu caso não, é aquilo que eu falei como eu tenho visibilidade ”. (Dionísio)

“eu sempre achei que eu ia chegar na velhice como se eu tive-se 20 anos com as mesmas amizades, mas infelizmente não tem mais amizades. [...] Agora ser homossexual idoso é ser um artista, porque você tem que ter varias mascaras, né, por exemplo, no meu local de trabalho tenho que manter uma mascara, no Fórum tenho que manter outra, né. Então onde se expandi um pouquinho é na Viera quando eu passo tomo uma cerveja, tomo um café e vou embora.” (Poseidon)

“Economicamente está ruim, não esta boa para mim, porque to safenado, to com 02 cataratas que não to vendo nada, então, não to trabalhando a todo vapor, então, a vida esta meio apertada”. (Apolo)

A homossexualidade constitui um tabu para maioria dos entrevistados. Dos seis (6) entrevistados, três assumiram sua orientação sexual (Hermes, Dionísio e Apolo). A relação entre ser velho e ser homossexual não fica evidenciada, mas como bem lembraram Poseidon e Dionísio:

“Pra muitos a velhice é um problema muito grande, isso pesa muito, no meu caso não, é aquilo que eu falei como eu tenho visibilidade”. (Dionísio)

“Agora ser homossexual idoso é ser um artista, porque você tem que ter várias máscaras”. (Poseidon)

Pelas respostas dadas não observamos que velhice e homossexualidade representam uma dupla estigmatização. O fato de afirmarem-se “discretos” talvez responda por isto.

Para os entrevistados, envelhecer como homossexuais tem suas vantagens, pois lidam melhor que os heterossexuais com a solidão que, segundo eles, não conseguem ficar sem companhia. Além disso, afirmam-se mais ativos sexualmente.

A questão da solidão foi lembrada por dois entrevistados. Hefestos ressalta que o que eles são hoje é decorrente de como levaram a vida quando jovens; que estão sós não por causa do envelhecimento, mas pela maneira como trataram as outras pessoas. Eros lembra que a pior coisa é não ter companhia para conversar.

✓ Idade e Preconceito

Quando questionados sobre a existência de preconceito em decorrência da orientação sexual e se os mesmo já haviam sofrido este tipo de situação obtivemos os seguintes relatos:

“Nunca ninguém me chamou de bicha velha, não saio com pessoas que só fazem sexo por dinheiro”. (Hermes)

“Tem, e velho com velho também. De um velho gostar de outro velho, o idoso ta num ambiente começa de repente a paquera um outro idoso, ele fala: “a vamos sair daqui, tem muito velho aqui dentro”. [...] tem, essa expressões sempre existiram, bicha velha, “será que a bicha velha não se enxerga” não da no couro. Ta vendo aquela bicha louca, vamos sair daqui si não ela vai começar a encher o saco da gente. (bicha velha) Isso é pejorativo, é negativa, justamente é uma questão de educação”. (Hefestos)

“Já sim, isso é falta de respeito, os espanhóis tratam as pessoas entendidas de marica, mas mesmo lá no pedaço (Vieira), você sente as pessoas que gostam da gente (velhos) e as pessoas que não gostam.[...] A velhice é vista pelas pessoas com sendo algo negativo, que a pessoa não pode fazer mais nada, a pessoa já ta cansada, a pessoa não tem mais entusiasmo para viver. [...]” (Eros)

“(Preconceito) É maior, porque a pessoa vai disser, puxa no pejorativo: “uma bicha velha dessa fica com essa safadeza, não sei o que”. A gente vê muito disso, as pessoas discriminam uma pessoa de idade [...] Então eu acho assim: “há essa bicha velha”, não, eu acho uma baixaria muito grande, falta de respeito, a pessoa não imagina que possa ser um velho também.” (Dionísio)

“olha há preconceito assim quando homossexual deixa de ter a sua higiene, porque têm muitos homossexuais idosos o “R” é um, se você falar pra ele “troca de roupa” ele fica o mês inteiro, a semana inteira, o ano inteiro com aquela camiseta por baixo, então eu acho que há preconceito quando falta higiene [...] antigamente havia mais preconceito com respeito a homossexuais idosos do que hoje, lá pelos anos 70. Já não queria se relacionar muito já mantinha distância.” (Poseidon)

“Pior ainda, porque ai chama de velho esclerosado, mas não somos esclerosados, nem pensamos. No Brasil a pessoa se aposenta esperando a morte e não é isso a vida, a vida é vida. A gente continua vivendo, mas isso passou pra nós assim, com: “é uma bicha velha”. [...]. Os jovens olham pra os homossexuais mais velhos e acham que a gente não tem mais nada. [...] Eles (jovens) se acham superior a nós. Eu acho que eles não acreditam que vão chegar à velhice. [...]” (Apolo)

“se tem um determinado grupo de homossexuais idosos, 40, 50,60 anos, é lógico que um grupo de jovens não querer está ali, eles querem está.” (Dionísio)

“entre nós tem essa diferença, essa separação [...], Você vai no bailão, você vê as bichas porinhas loucas, velhas, todas cheias de frescuras, de bonezinho, uma pulsão de coisas que não tem nada, falam fininho. São arrogantes, são pretensiosos, são neuróticos e nos não somos.” (Apolo)

Os entrevistados afirmaram não terem sido vítimas desse tipo de situação; para Poseidon, a sociedade age de maneira dissimulada, ao tratar

as pessoas de maneira cordial e educada. Poseidon afirmou que já deve ter sido vítima desse tipo de situação, mas que não atentou para o fato.

Para Eros, Hefestos, Hermes e Apolo, este preconceito é decorrente da atitude dos próprios homossexuais; são eles os culpados, pois têm posturas inadequadas, como a demonstração pública do afeto. Entendem que isto deve permanecer na esfera privada. Sua principal crítica recai sobre os homossexuais que portam algum símbolo ou trejeitos, expressões do gênero feminino; são estes que desmoralizam os homossexuais.

“Esse negocio também de ficar de mãozinha dada, pra lá, pra cá, eu acho terrível. Não falo nada contra, porque cada um é cada um, tem que saber de si. [...] Fica de mãozinha dada dentro de casa, quando chegar em casa beija, abraça.” (Eros)

Os mesmos lembram que não sofreram preconceito por serem discretos e não afrontarem a sociedade. Dos depoimentos o que mais chamou a atenção foi à fala de Apolo quando se referiu ao fato ocorrido na Praça da República, na década de 90, quando um jovem foi assassinado por um grupo de *Skinreds*:

“aqui não, você não vai passear, porque senão, você vai ser linchado perfeitamente, como mataram um cara, que eu acho também, que ele fez um absurdo, passear às 02 horas da manhã em plena Praça da República, de mãozinhas dadas. Tinha que ser linchado mesmo, porque você não tem o direito de afrontar a sociedade, nossa sociedade é machista.” (Apolo)

Para Dionísio, cabe aos próprios indivíduos reagirem a essa situação, não abaixando a cabeça. Porém, preconceito entre os próprios homossexuais.

“[...] há entre os próprios, a própria pessoa cria preconceito [...]eu acho assim se todo mundo tivesse o meu ponto de vista de olhar enfrente e nunca baixar a cabeça, eu acho que não existiria isso[...].” (Dionísio)

Poseidon lembra que os próprios homossexuais idosos são preconceituosos quando vivem na sombra do outros.

“[...] o preconceito é do próprio idoso, do próprio homossexual. Eu tenho amigos, tem gente que vai no bailão, entra escondido, vai lá manda o outro comprar o ingresso pra não ficar na fila, pra que isso? [...]” (Poseidon)

Os sujeitos buscam a resposta ao preconceito no próprio meio homossexual. Cito três falas:

“Encher de traveco, mas travestir, mas pessoa discreta não.” (Hermes)

“O que estraga o homossexualismo é essa meninada que querem aparecer, essa meninada se fosse um pouco mais discreta, o pessoal respeitava um pouco mais o homossexualismo. Então eles acham que todo mundo é igual, então é isso que depõe contra homossexualismo”. (Hefestos)

“Não, porque nunca ostentei nada; se você sai de casa com um salto alto deste tamanho, todo pintado [...]” (Apolo)

Além disso, nenhum dos seis homens afirmou ter sofrido atitudes preconceituosas por causa da sua idade; mas lembram que já presenciaram situações deste tipo elas acontecem até mesmo entre os homossexuais idosos. Isto porque muitos idosos preferem sair com jovens. Normalmente, a atitude de jovens em relação aos velhos é de distanciamento. Apolo lembra que eles se sentem superiores em relação aos velhos.

Trevisan lembra que:

Na verdade, as relativas facilidades culturais e a brandura da punição legal permitem, no Brasil, uma prática homossexual sem obrigatoriedade de se identificar a um novo grupo divergente e visível [...] Além do mais considerando que o Brasil tem consigo mesmo, é evidente que o fenômeno da invisibilidade acontece como tentativa de contornar um estigma social. (2000, p. 408)

✓ Percepção Corporal.

As marcas do tempo nos avisam do envelhecimento; no corpo carregamos os sinais do tempo. Mas como os homossexuais percebem o corpo envelhecido e como lidam com ele?

“Há eu não sei, Porque nessa parte sou magro, mas tenho um corpo bonito pra minha idade, todo mundo fala. Me dou bem com ele (corpo), aceito ele, eu sou magro, tenho mais excitação que muitos caras gordos. [...] (As rugas) Isso é normal da vida, normal, próprio do tempo. Pitei o cabelo duas vezes, achei horrível dá pra perceber que você pintou o cabelo, então hoje eu não pinto, então eu sempre falo: 'quem quiser gostar de mim, tem que gostar como eu sou.’” (Hermes)

“É importantíssimo, o corpo, eu estou bem com o meu corpo, vai se modificando, como eu, eu me cuido aparece alguma coisinha, eu já to correndo atrás. (acompanhou a moda), eu nem o meu caso a gente nunca, foi assim. Porque tudo isso é passageiro que nem agora, ta todo mundo tatuado, com piercing, com uma série de coisas, eles vão ter consequência depois.” (Hefestos)

“Eu adoro meus cabelos brancos, eu gosto do meu cabelo, eu to com 82 anos, se crescer uma barriginha não tem problema, ela tinha até crescido por causa dos remédios que eu tava tomando (risos).” (Eros)

“mesmo com 70 anos eu me admiro, eu me cuido, eu não faço física, as pessoas falam: “você faz ginástica”, não porque, “há porque você tem o tipo de uma pessoa que tem um corpo artístico, isso aqui armado”. (Dionísio)

“Eu não tenho isso na cabeça entendeu. Eu tenho que meu corpo é sempre jovem, minha mente é sempre jovem ta, minhas roupas também, eu não tenho dizer: há essa não ficou bem por causa da idade.” (Poseidon)

[...] Pra mim tanto faz; o que importa é a pessoa. Agora eu detesto ignorância, até hoje.” (Apolo)

Todos os sujeitos ressaltaram sua satisfação com o corpo; até valorizam as marcas do tempo, vendo-as como um chame a mais. Lembram que o tempo não os impediu de namorar, nem de se manterem sexualmente ativos. Para Hefestos, o corpo se modifica assim como ele. O fato de assumirem as marcas do tempo não significa negligenciar a aparência. Poseidon relata que sua mente é jovem, assim como seu corpo; procura demonstrar isto através da maneira de se vestir, sempre buscando algo que lhe cai bem e não levando em consideração a idade.

Assim, demonstraram serem vaidosos e se cuidarem; buscam ter uma vida saudável, sem negar as modificações do corpo. As valorizam como expressão de sua personalidade e de charme pessoal.

A valorização das marcas do tempo e das mudanças do corpo caminham na contracorrente da indústria da beleza e da juventude. Estes homens não negam a beleza, mas não são escravos dela. (Debert, 2004).

✓ **Sociabilidade.**

A sociabilidade foi outro aspecto que procuramos compreender. Que os vínculos estes homens mantêm ou pretendem manter na sua velhice? Eles assim responderam:

“Eu pensava em casar, constituir família, tanto que adotei quando fiz 45 anos, já que não casei vou adotar um filho.” (Hermes)

“Eu conheço cinco (idosos) que moram juntos, cinco idosos que moram juntos, não tem relação entre eles, cada um sai de vez em quando. Cinco homens, dois dorme num quarto e três em outro, mas se dão bem, passeiam, tão sempre viajando. Muito bem, aquilo que eu falei preferiram sair da família e morar sozinho”. (Hefestos)

“Amigos são mais do que família, tenho muitos amigos, o Fabio é meu amigo de muitos anos; lá no pedaço (Vieira) [...]” (Eros)

“quando você tem amigos de verdade, amigos.” (Dionísio)

“com o que tô agora não, com o outro que morreu sim. Daí era uma família, todo mundo socorria todo mundo, mas esse é meio esquisito, meio sei lá, ignorante sabe, ele é muito individualista só pensa nele [...]” (Poseidon)

“Há sim, é uma forma de família, muito mais com P, do que com o N. O N nos éramos família mesmo quando a gente começou [...] Quer dizer eu e o Nelson é uma família [...]” (Apolo)

Dentre as diversas relações de trocas sociais (sociabilidade), os amigos são mais presentes; são as pessoas a quem recorrem primeiro quando precisam. Os que têm companheiros fixos (ou que tiveram) viam essa relação como uma forma de família. Outros optaram por adotar filhos, a exemplo de Hermes. A adoção é um dos expedientes para ter companhia na velhice, o que nem sempre acontece. Além de distantes, as relações familiares chegam a inexistir. No entanto, Apolo, Poseidon, Hermes e Dionísio têm relações muito próximas com seus familiares.

Dos entrevistados, dois tiveram problemas que necessitaram de cuidadores; neste caso recorreram a amigos e ao parceiro.

Entre os sujeitos, a noção de família extrapola os limites da família consanguínea. Este fato leva a pensar em novas formas de conjugalidade.

As lutas pelo reconhecimento sociais e jurídicos da dimensão familiar das uniões homossexuais estão constitutivamente associadas à afirmação/negação do mito da complementaridade dos sexos e dos gêneros, uma vez que a competência moral e social para desempenhar as funções atribuídas a instituição familiar, especialmente no que diz respeito à parentalidade, tem sido restrita ao casal homem-mulher. (Mello, 2005, p.17)

Os espaços de sociabilidade são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo em qualquer etapa da vida; para desenvolver nossas potencialidades precisamos estar socialmente inseridos. Pensando nisto, perguntamos aos sujeitos sobre os locais eles freqüentavam. Eis as respostas obtidas:

“[...] (hoje) Vou no cine Dom Jose, é difícil ir lá e ficar sozinho. É um cinema gay, só dá homem,”. **(Hermes)**

“[...] O único lugar que eu não fui, até hoje, quero ir, por falta de tempo é esse bailão,”. **(Hefestos)**

“[...] ali na Vieira, é o ponto certo de todos se encontrar, [...]”. **(Eros)**

“[...] o único local que a maioria dos idosos, mas velhos encontra é na Vieira”. **(Dionísio)**

“[...] Freqüento a Vieira há muitos anos atrás, época em que era tradicional o caneca de prata em que vinha estrangeiros[...] Você vê, por exemplo, na Vieira tem o lado de cá que é só idoso e tem o café Vermon que é difícil vê um idoso lá dentro [...] às vezes eu saio sozinho, vou tomar uma cervejinha na Vieira, [...]”. **(Poseidon)**

“[...] hoje você tem um bailão, você pode ir dançar a noite toda com outro homem, na minha época não. [...] Não freqüento a Vieira de Carvalho, eu vou ao bailão. Dificilmente eu vou em bar, [...] eu gosto muito é do teatro, [...]”. **(Apolo)**

A região central é citada por todos como um reduto antes freqüentado sua juventude; referem-se à vida noturna como muita elegância e discrição. Os cinemas eram os locais privilegiados para o lazer; era neles e nos bares

próximos a eles que ocorriam as paqueras. Todos os entrevistados mantêm uma vida social ativa; freqüentam bares e boates, além de sair e namorar.

✓ **Sexualidade**

A sexualidade permeia a vida de todos os indivíduos; fato que não seria diferente como os homossexuais idosos. Mas cabia entender como a sexualidade é vivida pelos sujeitos. Sobre o tema, eles assim se expressaram:

“[...] olha eu sou paquerado, por caras de 30 anos, 25 anos, não ta escrito, e já na minha faixa etária passou dos 40 anos eles já não gostam muito. [...] um dia por semana tenho relação, graças a Deus ficando velho e tendo sempre gente que sai comigo. Eu achava que passando dos 60 anos ia ficar pra escanteio, mas pelo contrario sou mais paquerado agora que quando jovem”.
(Hermes)

“[...] eu não to no celibato às vezes aparece uma oportunidade.”
(Hefestos)

“[...] Eu acho que agora com minha idade, ta tudo mais difícil.”
(Eros)

“[...] Eu to com 70 anos, não vou dizer que eu seja uma pessoa que dou duas em uma noite, lógico que tudo muda, [...] A ejaculação aos 60,70 anos bota bem menos esperma, mas se ele tem uma vida ativa ele pode ter um relacionamento ainda, pode chegar até a ser pai.” **(Dionísio)**

“[...] eu tenho as mesmas taras que eu tinha 20 anos, eu tenho hoje com 63 anos, a mesma atividade sexual que eu tinha não mudou, continua a mesma coisa, até parece que ta, mas acelerada com a idade. [...]. Só que a quantidade de esperma e menor, mas o desejo é mesma coisa [...].” **(Poseidon).**

“[...] A minha sexualidade, bom, a primeira coisa que eu percebia foi diminuir a sexualidade, o desejo não, o desejo continua. [...].

Sexualmente eu não tenho o mesmo tesão que eu tinha aos 30 anos, isso não é possível, eu to com 70 anos, eu tenho, 02 safenas, uma mamária, um câncer, não dá pra ficar igual.”
(Apolo)

Pelos relatos, a diversidade de experiências e de práticas sexuais é surpreendente. Hermes e Dionísio nos lembram que desde a adolescência tiveram suas primeiras experiências homoeróticas; Apolo também, que até então só havia tido experiência heterossexual e que somente depois dos 20 anos teve sua primeira experiência homoerótica. As relações heterossexuais foram relatadas por cinco sujeitos, apenas Poseidon nunca teve relação heterossexual. Dionísio se casou com e continuou mantendo relações homoeróticas; aos 55 anos se separou da esposa e assumiu um relacionamento fixo com outro homem.

Os entrevistados se referem aos relacionamentos como “casos”; esta expressão é resultado de uma cultura na qual as relações homossexuais são vividas na clandestinidade. Muitos tiveram relacionamentos duradouros, a exemplo de Eros, Apolo, Hefestos Poseidon e Dionísio. São homens que amaram intensamente seus companheiros, como se percebe nas falas que se seguem:

“apareceu uma pessoa por acaso, um rapaz, por acaso, entende. [...],que durou vinte e um anos, morávamos juntos, tivemos algumas propriedades tal [...]”. **(Hefestos)**

“Ele morreu com 45 anos, eu to com 82 anos, “ah, eu acho que eu tinha uns 30 e poucos anos. [...] Ele ficou e gostou, ficou conosco 29 anos.” **(Eros)**

“[...] eu comecei a ter relação homossexual aos 20 anos, tivi um caso que durou 40 anos, agora to com um caso que vai pra 21 anos, que ta assim, não sei, se tá terminando ou começando, tá assim. [...] Ele praticamente não mora comigo, [...] Eu tenho uma outra pessoa que eu me relaciono fora de meu caso, 27 anos.”
(Poseidon)

“[...]Ele morreu dia 05 de janeiro de 1970, Ai conheci o N, fiquei com ele 25 anos.” **(Apolo)**

Para estes homens, a prática sexual era constante; elas não deixaram de existir, apenas se modificaram seja por causa de problemas de saúde, ou pela idade, que traz mudanças no corpo. O desejo não desapareceu. São homens que mantêm relações sexuais constantes. Relatam que a principal mudança é quanto à ereção e à ejaculação que, com o passar dos anos, vão diminuindo. Mas mesmo com estas mudanças lembram que a prática sexual é uma questão de relação com o parceiro.

Outro aspecto interessante é que são homens que mantiveram relações duradouras, desta maneira se contrapõem à ideia de que os homossexuais não mantêm relações fixas (Giddens, 1993). É importante ressaltar que, no tocante a sexualidade, estes homens foram além do seu tempo, desde a vivência de relações bissexuais, até a negociação, com as parceiras, da possibilidade de casarem e continuarem a ter relações homoeróticas e flexibilidade de parceiros.

A velhice não representa a anulação do desejo e do afeto; apenas descobre novos mecanismos de exercício e expressão. *Isto porque “o ser humano é perpassado pelo desejo de encontrar alguém com quem possa partilhar afeto e ser feliz”* (Caridade, p.2005, 265).

✓ **Solidão**

Buscamos compreender como os entrevistados lidam com a solidão. Quando indagados sobre este assunto obtivemos as seguintes respostas:

“Não, já to preparado pra ela, eu sou um pessoa ocupada, [...] se eu ficar em casa sozinho, como eu gosto muito de ler leio, se não quero ler, faço um crochê, um tricô, me entretém, vou limpar o apartamento, isso é uma terapia. Me distrair, fico assistindo filmes, procuro bons filmes. [...] Ficar sozinho é muito triste, então adotei. [...] eu não gosto de solidão, inda agora eu ligo a televisão, aís me entretém, em leitura; leio muito. [...]” (Hermes)

“Não, não sei o que é solidão. Nunca sentir solidão, quando morreu o meu caso eu fiquei seis meses porque a gente se dava muito bem, mas depois vai se acostumando. (...) Eu to no meio do esporte, eu dou aula de natação pra deficiente físico, todo sábado de manhã. Saiu geralmente pra toma uma cervejinha”. **(Hefestos)**

“Isso pra qualquer pessoa, porque uma pessoa estando com mais idade, não estando com uma pessoa é triste. Mas eu acho que a pessoa com idade sozinha, é muito triste, tanto é, que depois pegam e colocam em tudo quanto é de asilo só pra morrer, mas rápido ainda.” **(Eros)**

“[...] eu não sinto solidão, eu prefiro ta sozinho na minha cama que ta com uma pessoa que me dá trabalho, me dá dor de cabeça.” **(Dionísio).**

Se eu nasci sozinho eu tenho que morrer sozinho, enquanto você estiver abeto pra coisas, pro mundo você nunca fica só. [...]” **(Poseidon).**

“Tem muita gente que sente, eu não sinto, tem muito homossexual idoso que sentem muitos geralmente aqueles que vão pra Vieira de Carvalho. Eu tenho muitos amigos fantásticos. Eu tenho mais de cem amigos, eu tenho amigos espalhados no mundo inteiro [...], segundo lugar eu gosto muito de lê, gosto de sair, vou a teatro, cinema, então eu tenho uma vida agitada e continuo trabalhando. O trabalho é fundamental, parou é esperar a morte.” **(Apolo)**

Os sujeitos procuram “fugir” da solidão, vista como muito negativa; não estabelecem uma relação causal entre velhice e solidão. Para eles, a solidão independe da idade, pois é, mas sim um estado de espírito.

Os desejos de independência e tranquilidade são prioritários na vida de Dionísio, para quem a solidão é ausência de companhia. O fato de praticarem atividades faz com que não sintam solidão. Entendem que ela é emergente nas situações em que o indivíduo não está em contato com outras pessoas ou realizando alguma atividade.

O medo da solidão apareceu na fala de dois entrevistados: Hermes, que adotou uma criança para não ficar sozinho, e Eros, que está velho, é sozinho; em sua fala referiu-se aos asilos como redutos de pessoas solitárias.

✓ O Futuro

Indagamos os entrevistados sobre os planos para o futuro. Eles assim se manifestaram:

“Só Deus sabe, ainda vou achar a minha cara metade”. **(Hermes)**

“Eu quero reabrir minha clinica, e estou procurando alguém (aluno), um hereditário, porque eu tenha umas técnicas que não são ensinadas em escola, eu quero encontra alguém que goste da minha atividade, e passar todas essas técnicas, eu vou lutar pra conseguir”. **(Hefestos)**

Eu queria que alguém que tivesse carro e pude-se ficar comigo um pouco lá na chácara,[...] eu gosto de teatro, de cinema, canto num coral e que mais posso pedir na minha vida. Saúde, bons amigos, que todos sejamos felizes”. **(Eros)**

“Vou acabar com minha casa, vou pra um flet, entendeu, fico num flet. E quero viajar, quero sair um pouco,[...] o ano que vem vou me aposentar pelo IPESP e vou começar a viajar, arrumar novas amizades, ai ver se forma um grupo pra viajar” **(Poseidon)**

“Eu tenho dois sonhos: comprar uma casa[...] e ir a Europa de volta; não vou a Europa há mais de 10 anos”. **(Apolo)**

Envelhecer não significar deixar de sonhar; esses homens continuam a planejar suas vidas, continuam a trabalhar. Definir metas é algo que motiva a vida desses entrevistados; eles demonstram o quanto é fundamental um projeto de vida. Atestam que são os projetos que dão sentido à existência,

além de manterem a “roda da vida” em movimento. Tomam para suas mãos o destino de suas vidas; escrevem suas histórias para não perderem suas existências.

Como bem salientou Almeida,

A vida representa por si mesma, um movimento constante de projetar o presente e o futuro, mesmo nas situações em que esse ato permanece no impensado, pelas próprias injunções e desafios da vida. (Almeida, 2005, p. 16)

Os desejos são variados; mas todos encaminham para a mesma direção: manter viva a chamada vida. Os entrevistados se contrapõem ao destino trágico descrito por Beauvoir de *o homem (ser) reduzido à condição de ‘sombra’, de ‘resto’, durante os últimos quinze ou vinte anos de existência [...] (1970, p. 10).*

Ao analisar as entrevistas procurei entender o olhar dos sujeitos – homossexuais idosos - sobre suas vidas. Estou certo do muito que permaneceu ao largo, não sendo explorado. No entanto, não procurei esgotar o tema – particularmente aberto a novas investigações e pesquisas; a novas interpretações e descobertas sobre as cores do emaranhado de cores com que a vida é pintada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando começamos uma história só sabemos de seu início; nunca como ela termina. Assim foi com esse trabalho. Inicie com uma variedade de mapas e roteiros que, como acreditava, iriam corroborar paisagens já imaginadas e conclusões apressadamente pensadas. Mas um dia uma professora me disse “*O caminho se faz caminhando*”. Coloquei, então, todas as minhas inseguranças na mala e comecei a curtir a viagem. A viagem me conduziu as paisagens jamais imaginadas, a conhecer personagens que nenhum autor foi capaz de descrever, a desvendar dramas singulares da vida real; enfim, a chegar onde a alma humana apenas capta aspectos aparentes e superficiais.

Compreender como os homossexuais velhos vivem sua velhice foi, ao mesmo tempo, excitante e preocupante. Afinal, trata-se de questão delicada e difícil. Ao concluir o trabalho atesto que valeu a pena, não só pelas descobertas e pelos desafios do trabalho acadêmico, como por explicitar um assunto que estava silenciado e dar voz e vez aos sujeitos. Estes contaram um pouco de suas histórias e de suas visões de mundo; nós, procuramos atender aos princípios que regem a tarefa de pesquisador, de realizar um trabalho com o intuito de contribuir para o conhecimento.

Vivemos um aumento expressivo da população idosa; são milhões de brasileiros de 60 anos ou mais de idade que estão longe de constituírem um bloco monolítico. Nestes muitos milhões idosos encontramos “muitas velhices”; velhices recortadas por diferenças de econômicas, de classe, raciais, culturais, de saúde, de religião, de orientação sexual, dentre outras. Estas diferenças devem ser consideradas para melhor compreender seus desafios e para formular políticas que contemplem demandas tão diversificadas. Quanto aos idosos homossexuais, ainda constituem uma minoria destituída de identidade e de voz.

Através dos autores que me acompanharam e fundamentaram a contextualização e a análise dos dados, o que percebemos foi um grande silêncio, uma ausência. Com este trabalho, procuramos tanto tornar audível a voz destes idosos, como abrir novos caminhos na compreensão e na vivências das experiências humanas.

A velhice é uma questão em aberto. Seu lugar depende da contextualização histórica e social. Cada sociedade reserva um lugar para os seus velhos; no caso da sociedade moderna, este lugar é, via de regra, o espaço privado. No entanto, os próprios idosos têm demonstrado insatisfação com este lugar; lutam para conquistar novos espaços e definir novos horizontes para a velhice.

Assim como os velhos em geral, os homossexuais idosos vêm ocupando o espaço público; entrando nele como novos atores sociais. Exigem os direitos de participar e de questionar os padrões e valores que os colocam à margem da sociedade. Desta maneira, fortalecem o espírito democrático, além de estimular a sociedade a rever o lugar que destina aos que envelhecem.

Pela pesquisa percebemos que, como em outras categorias sociais, o velho é sempre o “*outro*”; é quem que não se cuida, não pratica esporte, não se alimenta adequadamente, ou tem algum vício (como beber ou fumar).

Quanto ao duplo estigma, os entrevistados tiveram olhares diferentes; ao mesmo tempo em que ressaltaram a hipocrisia da sociedade, sublinham o modo pejorativo de se referir aos homossexuais velhos: “*bicha velha*”. O fato de ser homossexual velho leva as pessoas a olharem com reprovação, pois têm atitudes que se contrapõem às disposições estabelecidas sobre a velhice e o gênero. Mas para a maioria dos entrevistados esta dupla estigmatização inexistente.

A sexualidade é um aspecto muito valorizado por estes homens; lembram que o tempo traz mudanças, mas que elas não os impede de sentirem desejo e prazer. Enfrentam estas mudanças pela descoberta de estratégias antes ignoradas. São homens que mantêm relações sexuais pelo

menos uma vez por semana, média superior à dos heterossexuais. Seus parceiros são geralmente homens mais jovens, entre 20 e 50 anos. Dos entrevistados, apenas um gosta de homens da mesma faixa etária (Apolo); os demais preferem jovens. É importante ressaltar que as relações com estes jovens não têm motivos econômicos, mas resultam do desejo de homens jovens por homens velhos.

O futuro esta ai na nossa frente; com os entrevistados não é diferente. Eles continuam a planejar suas vidas e a buscar a realização de seus sonhos, contrapondo-se à idéia de que envelhecer é caminhar à sombra. Os sujeitos desta pesquisa rumam em busca da concretização de seus sonhos, mesmo com todas as safenas, vírus e espasmos.

Concluimos na certeza de que apenas escrevemos as primeiras linhas de uma questão carente de discussão, investigação e difusão.

Romper com estigmas, normas e valores estabelecidos e hegemônicos, é tarefa imperiosa e urgente. Cabe reconhecer e respeitar a diversidade, um dos princípios mais caros à democracia.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: A construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo/ Santa cruz do Sul: Edunics, 2004.
- ALMEIDA, Vera Lúcia Valsecchi de. Velhice e Projeto de vida: possibilidades e desafios. In: **Velhice, envelhecimento complex(idade):** Psicologia, subjetividade, fenomenologia, desenvolvimento humano. CÔRTEZ, Beltrina; MERCADANTE, Elizabeth F; ARCURI, Irenie Gaeta (Orgs). São Paulo: Vetor, 2005 p. 93-110.
- ALONSO, Fabio Roberto Bárbolo. O idoso ontem, hoje e amanhã: o direito como alternativa para a consolidação de uma sociedade para todas as idades. In: **KAIRÓS**, Revista de Gerontologia - Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia- PUC- SP. V. 8, n. 2, 2005.
- ALVES, Andréa Moraes. Família, sexualidade e velhice feminina. In: HEILBORN, Maria Luiza, et al (Orgs). **Sexualidade, Família e Ethos religioso**. Rio de Janeiro: Gramond, 2005. p. 19-38.
- ANDRADE, Mario de. **Poesias Completas**. Edição crítica de Diléia Zanotto Manfio. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James N. Homossexualidade no Brasil: Uma bibliografia anotada. In: **Cadernos AEL: Homossexualidade, sociedade, movimento e lutas**. Campinas-SP: Unicamp/IFCH/AEL, V. 10, nº.18/19, 2003.

- AUGE, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lucia Pereira. Campinas-SP: Papirus, 2003.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**: I. A realidade incômoda. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de Mao única**. 3ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2000. (**Obras escolhidas Vol.II**)
- BERGER, P; LUCKAMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Vozes: Rio de Janeiro, 2000.
- BON, Michel; D'ARC, Antoine. **Relatório sobre a homossexualidade masculina**. Tradução de Omar de Paula Duane. Belo Horizonte- MG: Interlivros, 1979.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembras de velhos**. 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população Brasileira: Uma Construção demográfica**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002, p. 01-26. (Texto para discussão nº. 858).
- CASTEL, ROBERT. As Transformações da Questão Social. In: **Desigualdade e Questão Social**; YASBEK, Maria Carmelita et. all (orgs.); São Paulo: EDUC; 1997.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/ Edusp. 2000.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CARIDADE, Amparo. Sexualidade e envelhecimento. In: **KAIRÓS**, Revista de Gerontologia - Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento.

Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia- PUC- SP. V. 8, n. 2, 2005.

CARDOSO, Fernando Luiz. **O que é Orientação sexual**. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção primeiros passos; 307).

CARRARA, Sérgio et al. **Política, Direitos, Violência e homossexualidade: Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - São Paulo 2005**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: Essa nossa (des) Conhecida**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CLASTRES, Pierre. O Arco e o Cesto. In: CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CIAMPA, **A estória do Severino e A História da Severina: Um ensaio de psicologia social**. 8ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer e A amizade**. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o Verso: Estudo sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Esculta, 1995.

DAGNINO, Evelina. Sociedade Civil e Espaço Público no Brasil. In: DAGNINO, Evelina (Org). **Sociedade Civil e Espaço Público no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

DE volta para o armário <http://www.bafom.hpg.ig.com.br/art1.htm> consulta 01/02/2003.

DEBERT, Guita Grin. **A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas**. RBCS - Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 12, nº 34, 1997.

DEBERT, Guita Grin. **A Re-Invenção da Velhice**. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 2004.

- DOVER, K. J. **A homossexualidade na Grécia Antiga**. Tradução Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.
- FERIANCIC, Marisa Margarete. **A Sexualidade e Velhice: um estudo das representações masculinas**. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 27^a ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GLS Grisolhos. www.glsplanet.com.br. Consultado em: 06/09/2006
- G. Magazine ano 6 setembro/2004 ed 84.
- G. Magazine; ano 8; novembro/ 2005 ed. 98.
- GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp. 1993.
- GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- _____ **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução: Dante Monteiro Leite. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.
- GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005.
- HALBWACH, Maurice. **A memória Coletiva**. Tradução de Lais Teles Benois. São Paulo: Centauro, 2004.

HOMENS têm vida sexual melhor aos 50 do que aos 30.
www.agenciagls.jornalfloripa.com.br; Consultado em 04/05/2006

KARSCH, Ursula Margarida S. (Org.). **Envelhecimento com dependência: revelando cuidadores**. São Paulo: EDUC, 2004.

KERTZMAN, Olga Facciolla; TRENCH, Belkis Vinhas. Vivendo a idade: reflexões sobre experiências de envelhecimento. In: **KAIRÓS**, revista de Gerontologia- Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia- PUC- SP. V. 8, n. 2, 2005.

KOGA, Dirce. Cidade entre territórios de vida e territórios vividos. In: **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, nº 72, Ano XXIII, 11/2002.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Tradução de T. C. Netto. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.

LIMA, Delcio Monteiro de. **Comportamento Sexual do Brasileiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LIMA, Delcio Monteiro. **Os homoeróticos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1983.

LIMA, Tânia Gonçalves. **Torna-se: O olhar da mulher homossexual**. Dissertação de mestrado em Gerontologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Saúde na Velhice: as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento**. São Paulo: EDUC, 2000.

MAIS velhos. **Folha de São Paulo**. Caderno Especial. 26 de setembro 1999.

MACRAE, Edward. Movimentos sociais e os direitos de cidadania dos homossexuais. In: ARAÚJO, Ângela M. C. **Trabalho, Cultura e Cidadania**. São Paulo: Scritta, 1997.

- MAGNANI, C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na Metrópole: textos de Antropologia urbana**. São Paulo: FAPESP, 1996, PP. 15-53.
- MARQUES, Gabriel. **Ruas e tradições de São Paulo: Uma historia em cada rua**. São Paulo: Conselho estadual de Cultura, 1966.
- MAKI, M. A. **Reflexões sobre o processo de envelhecimento em homossexuais masculinos**. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2005.
- MELLO, Luiz. **Novas famílias: Conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond. 2005.
- MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MINAYO, Maria Cecília. **Violência contra idosos: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília; SOUZA, E. R. As múltiplas mensagens da violência contra idosos. In: MINAYO, Maria Cecília; SOUZA, E. R. (Orgs). **Violência sobre o olhar da saúde: a Infra-política da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2000.
- MOURA, Paulo Cursino de. **São Paulo de outrora: Evocações da metrópole**. Belo Horizonte - MG: Itatiaia, 1980.
- MORAIS, Regis de. **O que é violência urbana**. 9ªed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MOTT, Luis. **Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil**. Salvador - BA: ed. GGB. 2000.

_____ **O crime anti-Homossexual no Brasil.** Salvador – BA : ed. GGB, 2002.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo.** Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade: a França no século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

PATROCINIO, Wanda Pereira; GOBN, Maria da Gloria Marcondes. Experiências e representações sócias de trabalhadores e trabalhadoras sobre seu próprio processo de envelhecimento em cooperativas populares. In: **KAIRÓS**, Revista de Gerontologia - Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia- PUC- SP. V. 8, n. 2, 2005.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velhos, velhotes, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. L. de. **Velhice ou Terceira Idade.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, 2007.

PESQUISA sobre vida sexual depois dos 50. www.agenciagls.com.br. Consulta 10/06/2006.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade.** São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Preconceitos; v. 5)

REVISTA da folha. São Paulo: 14 de agosto de 2005, ano 14, nº. 682.

REVISTA UBER. Rio de Janeiro, 2000, Ano 1 nº1 .

- ROLNIK, R. (coord.); CAMPOS, C. M. e NAKANO, K. **Áreas centrais do Município de São Paulo: análise da legislação urbanística**. São Paulo: EMURB/Instituto Polis, 2002, Pp.124-155.
- SÁ, Maria Elvira Rocha de; BARBOSA, Maria José de Souza. A cidade, a reestruturação produtiva e a nova ordem mundial. In: **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, nº 72, Ano XXIII, 11/2002.
- SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice: uma nova Questão social**. São Paulo: SESC, 1982.
- SANTOS, Juliana Abramides dos. Vida e morte nas ruas de São Paulo. In: **Revista PUC: Violência Urbana**. São Paulo: APROPUCSP. Ano 8, nº. 30 – abril a junho de 2007.
- SANTOS, Gustavo G. da Costa. Mobilizações homossexuais e Estadas no Brasil: São Paulo (1978-2004). In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, vol. 22, nº. 63 fevereiro 2007.
- SILVA, José Fábio Barbosa da Silva. Homossexualismo em São Paulo: Estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2005.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida metal. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. 2ªed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SIMÕES, Julio Assis. Homossexualidade Masculina e curso da vida: Pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Orgs). **Sexualidade e Saberes: Convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo. **Anhangabaú: História e urbanismo**. São Paulo. Ed. SENAC / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

- SOUZA, Liliana; CERQUEIRA, Margarida. As imagens da velhice em diferentes grupos etários: um estudo exploratório na população portuguesa. In: **KAIRÓS**, Revista de Gerontologia- Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia- PUC- SP. V. 8, n. 2 , 2005.
- SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma Historia**. 2ª ed. Tradução de Rubem Mauro Machado. Rio de Janeiro. Record, 1999.
- SCOTT, Parry. Família, Moralidade e as novas leis. In: ÁVILA, Maria Betânia; PORTELLA, Ana Paula; FERREIRA, Verônica. **Novas Legalidades e Democratização da vida social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- TELLES, Vera da Silva. Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos. In: Lúcio Kowarick (org). **As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente**. 2 ed. Ver e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- TEXEIRA FILHO, Fernando Silva; TOLEDO, Livia Gonsalves; GODINHO, Pedro Henrique. A homofobia na representação de mães heterossexuais sobre a homoparentalidade. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. **Conjugalidade, parentalidade e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- TORRÃO FILHO, Amilcar. **Tríbadés galantes, fanchonos militantes: homossexuais que fizeram história**. São Paulo: Summus, 2000.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- UZIEL, Anna Paula. **Família e homossexualidade: Velhas questões novos problemas**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências humanas, 2002.
- VEJA São Paulo. 21 de julho 2006. Ano 39, nº. 24.

VEJA São Paulo. 06 de junho 2007. Ano 40.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.**

Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio

Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ZAMBRANO, Elizabeth et al. O direito à homoparentalidade. In: **Cartilha**

sobre família cujos pais são homossexuais. Porto Alegre: Vênus, 2006.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Objetivos deste estudo

Esta pesquisa faz parte de um trabalho de Mestrado em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Tem como objetivo investigar a relação entre velhice e homossexualidade masculina.

Explicações dos procedimentos

Prezado participante, será realizada uma entrevista em profundidade, abordando o tema da homossexualidade masculina e envelhecimento.

Todas as informações obtidas nesta pesquisa poderão ser publicadas com finalidades científicas, preservando-se o completo anonimato dos participantes. Usaremos nomes fictícios na publicação do trabalho. Se desejar, poderá ter acesso a todos os dados coletados durante a entrevista.

Assinatura do pesquisador responsável
Carlos Alexandre Costa Correia
(11)XXXXXXXX
E-mail: [kcalcosrta@yahoo.com.br](mailto:kalcosrta@yahoo.com.br)

Pesquisador Orientador: Prof^a Dr^a Vera Lúcia Valsecchi de Almeida.
Contato: (11)3670-8400 PUC/SP
Programa de Estudo Pós-graduados em Gerontologia

Consentimento

Declaro ter lido as informações acima antes de assinar este formulário. Foi-me dada ampla oportunidade de fazer perguntas, esclarecendo plenamente minhas dúvidas. Por este instrumento, tomo parte, voluntariamente, da presente pesquisa.

São Paulo, ____ de _____ de 2009.

Assinatura do participante

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- Fale-me um pouco do Sr., de sua vida?
- Para o Sr. o que significa a velhice e ser velho? Quais as representações que tem da velhice?
- Já sentiu preconceito por sua orientação homossexual?
- Para os homossexuais, a velhice é mais fácil ou difícil? Por quê?
- Como é para você a questão da sexualidade hoje?
- Como percebe o corpo envelhecido? E sua auto-imagem corporal?
- Dentro do meio gay há preconceito por causa da idade? Em caso afirmativo, dá para falar sobre isto?
- O Sr. já foi discriminado por outros homossexuais?
- Existem locais onde o Sr. se diverte? Quais?
- Qual a importância da família em sua vida? Ela sabe de sua orientação sexual?
- Que tipo de arranjo social imagina para sua velhice?
- Tem medo da solidão?
- E os planos para o futuro?